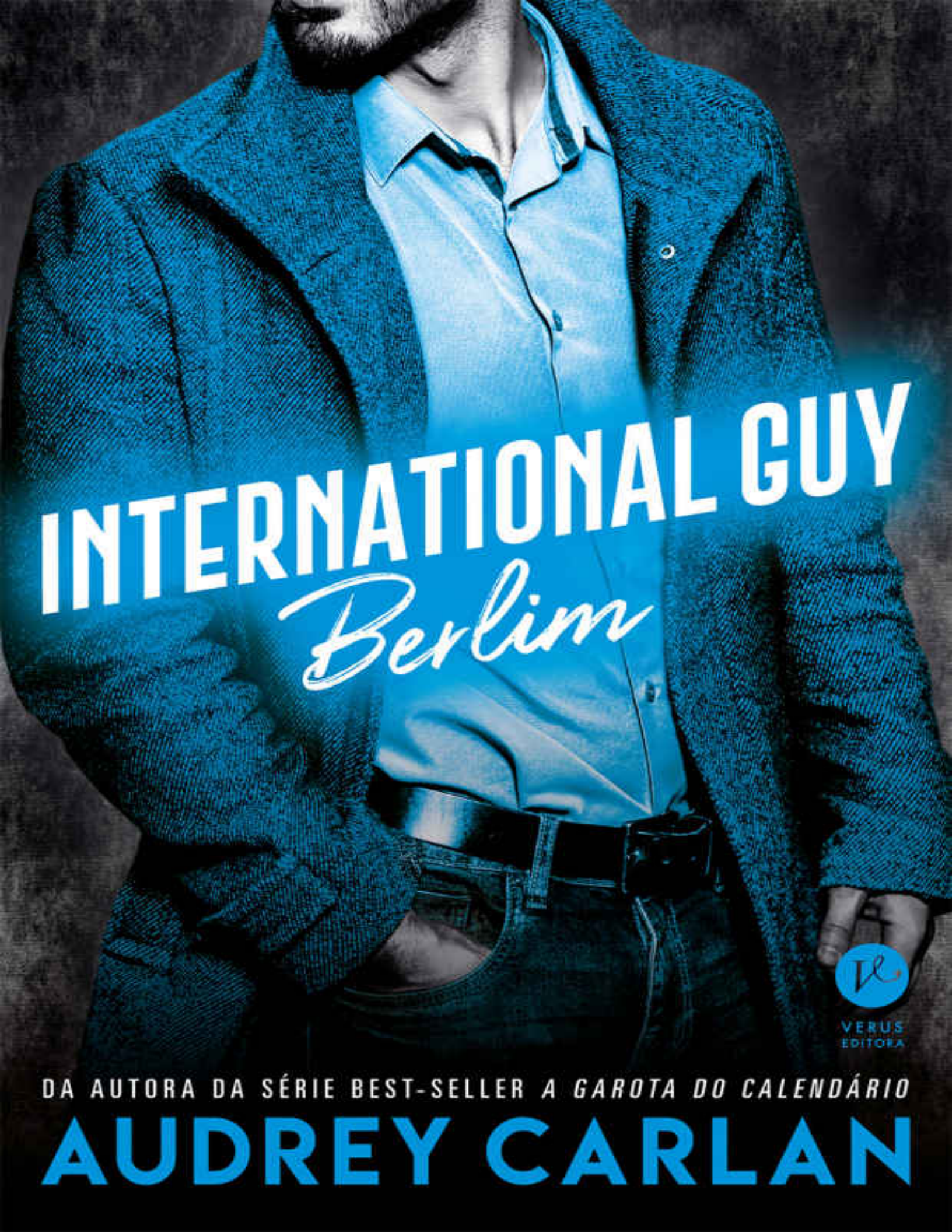




INTERNATIONAL GUY

Berlim



VERUS
EDITORA

DA AUTORA DA SÉRIE BEST-SELLER A GAROTA DO CALENDÁRIO

AUDREY CARLAN



Também de Audrey Carlan

Série A GAROTA DO CALENDÁRIO

Volumes de *Janeiro a Dezembro*

Série TRINITY

Corpo

Mente

Alma

Vida

Destino

AUDREY CARLAN

INTERNATIONAL GUY
Berlim

Tradução
Sandra Martha Dolinsky

1ª edição

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP, 2019



VERUS
EDITORIA

Editora

Raissa Castro

Coordenadora editorial

Ana Paula Gomes

Copidesque

Lígia Alves

Revisão

Cleide Salme

Capa, projeto gráfico e diagramação da versão impressa

André S. Tavares da Silva

Juliana Brandt

Foto da capa

Spectral-Design/Shutterstock
(homem)

Título original

International Guy

London, Berlin, Washington

ISBN: 978-85-7686-756-2

Copyright © Audrey Carlan, 2018

Todos os direitos reservados.

Tradução © Verus Editora, 2019

Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.

Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753

Fone/Fax: (19) 3249-0001 | www.veruseditora.com.br

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C278i

Carlan, Audrey

International guy: Berlim [recurso eletrônico] / Audrey Carlan; tradução Sandra Martha Dolinsky. – 1. ed. –
Campinas [SP]: Verus, 2019.
recurso digital (International Guy; 8)

Tradução de: International guy: Berlin

Sequência de: International guy: Londres

Continua com: International guy: Washington

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-7686-756-2 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Dolinsky, Sandra Martha. II. Título. III. Série.

19-54867

CDD: 813

CDU: 82-31(73)

Vanessa Mafra Xavier Salgado – Bibliotecária – CRB-7/6644

Revisado conforme o novo acordo ortográfico

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se no site www.record.com.br e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002

INTERNATIONAL GUY
Berlin

À equipe da Ullstein Verlag.

Obrigada por compartilhar seu lindo país comigo. De castelos antigos e salas com milhares de conchas à saborosa cerveja alemã e o histórico Muro de Berlim... Eu nunca vou esquecer o tempo que passamos juntos.

SUMÁRIO

Skyler

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

Skyler

SKYLER

Sinto um arrepio correr pela espinha antes que seus lábios quentes toquem meu pescoço. Essa leve sensação desliza pelo meu ombro até que, naquele sussurro de tempo entre o sono e a vigília, seus dentes afundam em minha pele, atingindo um ponto que me faz rir.

— Hora de levantar, meu pêssego. — Parker funga em meu pescoço, mordiscando, enquanto segue em direção ao outro lado do meu corpo, para que não se sinta negligenciado.

Adoro essa sua necessidade de simetria. Equilíbrio em tudo.

Na verdade, eu adoro muitas coisas nele: ser acordada por lábios e toques suaves, e não pelo grito estridente de um despertador. Meu namorado desperta com o amanhecer, a menos que tenhamos enchido a cara na noite anterior. É como se a luz do sol entrasse no quarto, caísse sobre seu belo rosto e o acariciasse gentilmente, da mesma forma que ele faz comigo. Só que Parker é inteligente. Tem café pronto e palavras gentis para acompanhar seu ataque feito para me acordar.

— Eu trouxe café — ele diz.

Viu? O melhor homem do mundo.

Com uma súbita explosão de energia, rolo na cama e o envolvo com os braços e as pernas, puxando-o para cima de mim. Seu corpo é quente, e ele cheira a café e hortelã. Já deve ter escovado os dentes.

— Humm — suspiro ao sentir seu calor envolvente.

Sempre me pergunto como os homens conseguem estar tão quentes o tempo todo. Parecem aquecedores, prontos para funcionar a qualquer momento.

— Você precisa levantar. Já te deixei dormir mais vinte minutos, e quero mesmo ir até a casa da Wendy. Faz muito tempo que não a vejo, e tenho de admitir que isso está me fazendo mal. — Ele se senta e eu o acompanho.

Com a cabeça em seu pescoço, anuo.

— Para mim também. Tudo bem que nós conversamos com ela dia sim, dia não, mas você tem razão: ao vivo é melhor. Vou me arrumar rapidinho.

Ele me dá um beijo na bochecha, pega meu rosto com as mãos e me dá um belo beijo de bom-dia. Quase me desmancho. Meu coração acelera, e sinto um friozinho na barriga.

Toda vez.

O tempo todo me vejo fascinada por ter esse homem na minha vida. Só o jeito como ele me olha, como se eu fosse feita de ouro, coberta de rubis e diamantes, já é suficiente para fazer uma garota chorar. Isso, sem contar o fato de eu nunca precisar fazer meu café quando estamos juntos, além de ele me deixar usar o chuveiro primeiro para que eu pegue a água quente — a menos, claro, que a gente economize tempo e tome banho juntos —, faz dele o homem perfeito para mim. Ainda estamos avançando aos poucos e conhecendo as particularidades um do outro, mas, quanto mais tempo passo com ele, mais as coisas melhoram.

Aprofundo o beijo e deixo o cobertor cair entre nós, expondo meus seios colados em seu peito nu.

— Sky...

Seu tom é meio de advertência, pois eu o empurrei de costas na cama para poder montá-lo. Sem muito empenho, ele tenta me dominar, depois me deixa assumir o controle, e eu pressiono meu corpo nu contra a calça de seu pijama. Subo a língua pelo seu pescoço e desço. Ele pega minha bunda e pressiona seu membro duro em meu centro.

— Para ganhar tempo, que tal um banho juntos? — sugiro, mordendo seu mamilo.

Ele suspira.

— Você está jogando sujo.

Sorrio, sabendo que ele vai ceder. Seu pau está duro como um taco, pronto para a ação. Esfrego minha virilha na dele, meu clitóris em seu membro, até saber que estou pronta para uma trepada rápida e selvagem na parede do box.

Ele me pega pelo traseiro e nos levanta juntos. Não teve problemas com o ombro desde que voltamos, e seus dedos estão finalmente curados. Chega de socar paredes. Com certeza.

Passo as pernas em torno de sua cintura e os braços em volta de seu pescoço.

— Eu amo as manhãs com você — digo, apertando as coxas com mais força para que sua ereção provoque um pouco mais de atrito.

Ao chegar ao banheiro, ele me segura mais forte com um braço ao redor das minhas costas enquanto abre a água quente. Então abaixa sua calça de algodão, regula a temperatura e nos coloca debaixo do chuveiro.

Sinto pingos quentes caindo nas costas enquanto me acostumo à temperatura da água. Os lábios de Parker deslizam no meu pescoço e eu jogo a cabeça para trás. O vapor sobe ao nosso redor enquanto ele me pressiona contra a parede azulejada, com uma mão debaixo da minha bunda e a outra no meu queixo, virando meu rosto para poder devorar minha boca. Eu já conheço alguns dos movimentos sexuais de Parker. Antes de entrar em mim, ele gosta de tomar minha boca, lambendo profundamente, mordendo meus lábios até eu gritar. E então ele entra, suavemente ou dura e profundamente, dependendo do seu humor. Parece que a urgência está dominando sua “fera” agora, e ele me penetra com uma investida firme. Eu gemo e aperto as pernas, deixando a sensação de estarmos encaixados me percorrer em ondas de prazer e êxtase.

Ele passa os lábios pelo meu pescoço, mordiscando, e vai descendo até alcançar um dos seios. Chupa forte, alternando entre morder e agitar impiedosamente o bico macio. Ele sabe quanto meus seios são sensíveis e usa isso a seu favor o máximo que pode... ainda bem!

— Meu bem... — Cravo as unhas nas costas dele, provavelmente deixando marquinhas em forma de meia-lua. — Mais. Por favor, mais.

Ele sorri com a boca no meu seio e chupa com força antes de soltá-lo com um som audível.

— Quer que eu te coma com força, baby? Quer que eu te faça me sentir entre as pernas... — ele pergunta, passando o nariz pelo meu pescoço até a orelha — o dia inteiro? Humm, você gosta disso?

Ele tira seu membro até a pontinha e entra de novo, até que bato os dentes e meu sexo se contrai, apertando, segurando, se preparando para a forte

investida.

— Sim... — Suspiro quando ele faz de novo, mas desta vez ele sobe com a mão pelas minhas costas para apoiar minha cabeça e protegê-la da parede.

— Lembre que foi você que pediu.

Ele morde meu ombro e aproveita que a parede escorregadia me ajuda a subir e descer em sua ereção, como um jóquei correndo na pista montando um cavalo em alta velocidade. Ele é o cavalo, no caso.

O prazer ruge em minhas veias enquanto a cabeça bulbosa de seu pau toca cada nervo meu. Seu osso pélvico esmaga meu clitóris a cada investida.

O calor do espaço fechado faz cócegas em minha pele. Uma sensação avassaladora de paz, felicidade e amor puro preenche cada um dos meus poros.

— Nossa, como eu te amo — ele sussurra, apertando os dentes. — Adoro foder com você. Eu nunca me canso. — Ele acompanha suas palavras com uma investida brutalmente profunda, me provocando um orgasmo prolongado, aquele do qual as mulheres sempre falam, mas nunca experimentam. Só Parker consegue, toda vez.

— Eu te amo. Eu te amo. Eu te amo — repito várias vezes enquanto ele bombeia para chegar ao fim.

Ele jorra dentro de mim de um só fôlego e solta um grito de guerreiro que ricocheteia nas paredes do banheiro. Crava os dedos em minha pele, me segurando firme, me colando a ele, como se nunca mais fosse me soltar.

— Caramba, você acaba comigo, Skyler.

Sorrio preguiçosamente enquanto ele arfa sobre a minha pele, sobe beijando meu pescoço até alcançar meus lábios, onde sela seu amor por mim com um beijo. Parece brega, mas, quando faz isso, é como se estivesse me agradecendo por estar com ele, por amá-lo.

— Tomar banho com você é demais! — digo.

Sorrio enquanto ele ri com a boca na minha e me levanta, nos desconectando. Sinto uma leve dor quando ele sai de dentro de mim e me ajuda a ficar em pé. Então me leva para debaixo do chuveiro.

Enquanto lavo o cabelo, vou checando meu corpo. Minhas coxas estão queimando. Ombros cansados, mas poderia ser pior. Parker põe um pouco do meu gel de banho nas mãos, esfrega-as e se ajoelha. Pega uma perna minha de cada vez e a ensaboa meticulosamente. Enquanto ele passa as mãos pelos meus

músculos, eu os sinto doloridos. Dois dias sem fazer nada além de dormir, comer e transar fazem isso com uma mulher. Não que eu esteja reclamando. De jeito nenhum.

Parker passa a mão ensaboada entre minhas pernas e eu me encolho com a pontada de desconforto. Ele esfrega os dedos entre minhas coxas, lavando o resultado do nosso amor.

— Está dolorido? — pergunta, sorrindo com cara de louco, como se fosse essa sua intenção.

— Sim. Está orgulhoso?

Ele sorri, pega mais gel e passa as mãos sobre a minha barriga e os meus seios, lavando-os e atijando meu desejo mais uma vez. Quando chega aos mamilos, uma leve dor me faz lembrar quanta atenção ele deu aos gêmeos nos últimos dois dias — ou melhor, semanas, se contarmos Montreal, Londres, Paris e o tempo que passamos em Boston.

— Dói? — Ele dá um puxão em cada mamilo e eu tento não estremecer, mas não consigo evitar. Então franze os lábios, baixa a cabeça e beija suavemente cada ponta vermelha. — Desculpe — diz para cada seio, não para mim.

Ponho a mão na testa dele e o empurro.

— Para, seu maníaco.

Ele ri e pega seu sabonete enquanto passo xampu e condicionador no cabelo.

— Você avisou o Nate e a Rachel para estarem prontos às nove? — pergunta.

Assinto e enxáguo o condicionador.

— Sim. O Nate ficou feliz, porque fez uma ronda ontem à noite e não gostou do bando de paparazzi acampado na frente do prédio.

Parker franze a testa.

— Por mais que eu odeie dizer isso, este apartamento não é seguro para você. Você não pode ficar sozinha aqui. Nunca.

— É... Eu comecei a notar isso, por menos que queira.

Mordo o lábio inferior e penso na surpresa que tenho para ele. Enquanto Park estava trabalhando em seu notebook ontem, eu estava assinando a papelada do apartamento que aluguei em Boston. Eu poderia ter comprado,

mas ainda não sei como ele vai reagir, e não tenho certeza sobre a localização. Pode ser cedo demais.

E também há o vislumbre que eu tive da vida que Parker pode querer quando ele mencionou seus avós e como adorava visitá-los. Tenho a sensação de que ele quer uma casa com quintal, varanda, cachorros, gatos, filhos. O lugar que aluguei não é assim, mas, se nosso relacionamento chegar aonde parece que vai chegar, vai ser melhor escolhermos uma casa juntos. Um lugar pelo qual nós dois nos apaixonemos.

Parker fecha o chuveiro e pega duas toalhas felpudas enquanto guardo meus sonhos de futuro. Não quero alimentar minhas esperanças. Parker e eu estamos juntos há meses apenas, e uma parte do relacionamento foi instável. Precisamos de tempo para ser apenas um casal, viver na mesma cidade, conviver com os amigos, a família e tudo o mais, conciliando tudo isso com a nossa carreira. Juntos, como casal, precisamos conseguir equilibrar tudo e descobrir onde nosso amor se encaixa.

O bom é que eu sei que sou dona de seu coração, e ele do meu. Todo o resto nós vamos descobrir.

— Sim, os paparazzi estão ficando mais abusados. Vamos falar disso mais tarde. O Nate tem algumas ideias — digo, tentando mudar de assunto. Quando ele souber da surpresa, esse assunto pode não ser um problema, pelo menos por um tempo. — Vamos nos apressar. Eu quero ver a Wendy.

Ele abre um sorriso largo, e a tensão que marcava seu rosto desaparece quando ele pensa em sua assistente.

— E a melhor parte é... — ele diz, mexendo as sobrancelhas.

— É? — pergunto, me enrolando na toalha e a prendendo na axila.

Ele abre um sorriso brilhante e enorme.

— O Bo vai nos encontrar lá. De saia!

— Não acredito! — rio, jogando para trás meu cabelo molhado.

Ele anui e esfrega a toalha no peito definido, espirrando umas gotas perdidas. Parker está nu em frente ao espelho, absolutamente à vontade, passando as mãos pelo cabelo. Observo seu corpo sexy, seus músculos tonificados. Parker Ellis se cuida muito bem, e eu sou a sortuda que aproveita o resultado de todo esse trabalho duro.

Delícia.

— Pode acreditar. Ele vai de saia. A Rachel disse que hoje era o dia, e, como eles vão nos escoltar até a casa da Wendy, é a hora perfeita.

Penso na noite em que a minha guarda-costas derrotou Bo no touro mecânico.

— Que bom que ele tem que ir de saia à casa da Wendy. Ela vai adorar.

— Sim. Contanto que o Michael não acabe quebrando a cara do Bo enquanto estivermos lá, vai dar tudo certo.

Dou de ombros e começo a escovar o cabelo, desembaraçando-o.

— Bom, a saia não vai ser um empecilho.

Parker ri e passa um pouco de protetor solar no rosto.

— É verdade.

Observo-o em frente ao espelho e percebo como é bom dividir o espaço com alguém. Os dois se arrumando juntos, falando sobre os amigos, planejando coisas. Nunca tive isso antes, mas é uma coisa pela qual eu lutaria. Talvez essa seja a parte do amor de que as pessoas não falam. A beleza de simplesmente ter um parceiro.

Vou até Parker. Ele está com a lâmina na mão se barbeando. Normalmente faz a barba antes de entrar no chuveiro, mas eu meio que atrapalhei a ordem. Se bem que acho que ele não se importa.

Chego pelas costas, pressiono meu corpo contra o dele e o beijo bem na coluna, relaxando meus braços ao redor de sua cintura e apoiando o rosto em sua pele quente.

— Eu gosto disso. Você e eu fazendo coisas normais.

Seu corpo estremece um pouco, como se ele estivesse rindo, e ele se volta e pega meu queixo. Ergo os olhos e vejo que ele ainda está com creme de barbear no rosto e no pescoço. Seus olhos ardem com uma intensidade que só vejo quando ele me encara.

— Eu também — responde.

Parker se inclina e me beija, lambuzando meu rosto com creme de barbear. Mas eu não ligo. Passo os braços em volta de seu pescoço e o beijo até ficar sem fôlego.

1

Wendy e Michael moram longe da área central, em um condomínio fechado a cerca de trinta minutos de Boston. Estou morrendo de curiosidade de ir à casa deles. Posso imaginar balanços eróticos pendurados nas vigas como lustres, espalhados por todo lado, e chicotes em cima das mesas, para quando der vontade de usar. Michael levou tão a sério a questão da coleira em Montreal que eu me pergunto se ele trata Wendy como escrava sexual.

Ah, meu Deus, e se ele obrigá-la a andar nua pela casa?

O suor se acumula sobre minha boca. Puxo a camisa e abro o botão de cima. Não, ele não a deixaria andar nua na frente dos colegas de trabalho. Ele é muito possessivo, e além disso Bo vai estar lá também. O cara implica com Bo, e não é pouco.

Porém estou mais nervoso que intrigado. Não vejo Wendy há uma eternidade e não sei como reagir. Meu lado carente quer cair de joelhos e implorar para ela voltar, explicar que Annie é legal e eficiente no trabalho, mas que não é fodona nem uma hacker extraordinária. Além disso, seu eterno constrangimento me incomoda.

Enxugo a testa e o lábio superior com o lenço, guardo-o de volta no bolso e olho pelo vidro do carro.

A voz de Nate invade minhas preocupações. Pelo espelho retrovisor, ele olha primeiro para mim e depois foca em Skyler.

— Ah, Sky, aquela coisa que você pediu... hum... vai estar pronta hoje à noite.

— É mesmo? Legal! — Ela cruza as pernas, e suas coxas bronzeadas aparecem pela fenda do vestido longo.

Pouso a mão em seu joelho nu, querendo não apenas tocá-la e me livrar do nervosismo por ver Wendy, mas também para chamar sua atenção.

— O que você está aprontando? — pergunto, apertando seu joelho e olhando para ela.

Skyler morde o lábio inferior carnudo, pouso a mão na minha e vira para mim, para eu poder ver seus olhos castanhos brilhando à luz do dia. Ela tem uma beleza efervescente. Como um raio de sol, que me aquece com um único olhar.

— Você vai ter que descobrir! — me provoca.

Aproximo o rosto do dela.

— Está escondendo alguma coisa de mim, meu pêssego?

Ela mexe a cabeça para cima e para baixo.

— Sim. E espero que você goste. Se bem que é mais para mim que para você. Mas é para você... entendeu? — Ela franze o cenho, como se o que está escondendo de mim pesasse em sua consciência. Ou então ela simplesmente é péssima em guardar segredos.

Levo a mão dela aos lábios e beijo seus dedos.

— Por que você não me conta o que é, aí eu digo se gosto ou não? — arrisco, com a voz mais suave.

Ela sacode a cabeça.

— Não. De jeito nenhum. Nem pensar. Estou guardando esse segredo há semanas, e até que enfim está pronto. Estou tão animada quanto nervosa. Só promete que hoje, quando eu te mostrar o que é, você vai receber com a mente aberta. Tudo bem?

Beijo seus dedos de novo.

— Eu faço qualquer coisa por você — digo, sustentando seu olhar até suas bochechas ficarem lindamente coradas.

— Uau. Existe gente rica e existe gente podre de rica. Caraca! — Rachel solta, admirada ao ver os portões pretos e uma guarita com segurança.

— Pois não? — o guarda pergunta, ostentando um coldre grande e gordo com uma quarenta e cinco milímetros.

— Nós vamos à casa de Michael Pritchard. Rachel e Nathan Van Dyken, Skyler Paige e Parker Ellis — Nate responde.

O homem procura algo na prancheta e anui, ticando um item.

— Bogart Montgomery e Royce Sterling deveriam estar com vocês?

Nate balança a cabeça.

— Eles vêm mais tarde.

— Tudo bem, podem passar. Vá em frente e pegue à esquerda na trifurcação. Quando chegar a uma bifurcação, vire à esquerda de novo. A propriedade do sr. Pritchard fica no final da rua à esquerda.

Nate agradece ao guarda e o portão se abre. Enquanto percorremos lentamente a rua, vemos quilômetros de colinas verdejantes, pinheiros altíssimos, um lago e mansões gigantescas pontilhando os montes em diferentes direções.

— Nossa! Eu não fazia ideia de que eles moravam em um lugar desses — digo, boquiaberto diante das casas luxuosas.

— O que o Michael faz? — Skyler pergunta, olhando pelo vidro com os olhos arregalados.

— Quando a Wendy apareceu, ela disse que ele trabalhava em uma agência de publicidade, mas eu nunca entrei em detalhes e ela mentiu sobre várias coisas. Então não sei.

Observo as paisagens exuberantes. Não tem como uma pessoa comprar uma casa em um condomínio desses por menos de vinte ou trinta milhões de dólares. É muito luxo e privacidade. Além disso, tem acesso fácil para o centro de Boston, o que é altamente desejável.

Depois de uns dez minutos rodando por imensas faixas de terra, chegamos a uma casa gigantesca, do tipo que Jay-Z e Beyoncé provavelmente teriam — e não minha assistente e hacker espoleta meio punk e rock and roll.

— Bizarro... — Sky sussurra, saindo do carro.

Nós quatro olhamos ao redor e vemos apenas partes de outras casas, bem distantes. Cada mansão deve ter um terreno de uns sessenta mil metros quadrados ou mais.

— Eu nem sabia que este lugar existia — digo.

— Nem eu. Será que tem alguma casa para vender? — Sky pensa alto, observando a área.

Meu coração dispara. Será que ela realmente pensaria em mudar de Nova York para Boston para ficar mais perto de mim? Eu sei que nós dois já

insinuamos que queremos estar mais perto um do outro, e, depois de ter ficado sem ela, não estou a fim de vivermos vidas separadas.

Levo a mão à testa para bloquear o sol. Eu jamais poderia pagar uma propriedade dessas... mas ela pode. Provavelmente não faria nem cócegas em sua conta bancária. Se fosse esse o caso, o que eu teria para oferecer?

A porta se abre e Wendy é conduzida pelo noivo escadaria abaixo até o caminho de cascalho. Seu cabelo ruivo fica magnífico sob os raios do sol. Eu sorrio e corro para abraçá-la.

— Abusada... — digo, inalando o cheiro de coco do seu cabelo. — Que saudade, menina. — Olho para Michael, que está abraçando Skyler e apertando as mãos de Rachel e Nate. Recuo um pouco enquanto Wendy enxuga os olhos marejados. — Como está se sentindo? Você está fantástica! — minto, notando suas olheiras e a falta de cor em sua pele.

Ela limpa a garganta.

— Bem. Melhor com vocês aqui. Estou tão feliz por terem vindo — diz com a voz trêmula, mas engole em seco e se controla antes de olhar ao redor. — Onde estão o Bo e o Royce?

— Eles vêm dep... — começo a dizer quando vejo um reluzente Porsche 911 prateado se aproximar voando e parar, sem um único tranco, bem atrás do Range Rover de vidros escuros que Nate usa quando Sky está em Boston. — Puta merda, ele comprou — digo, embasbacado diante daquele sexo sobre rodas.

Royce sai do veículo e dá um tapinha no teto.

— Gostaram da minha nova primeira-dama?

— Seu cachorro! Não acredito que você comprou. — Aperto sua mão, e ele me puxa para a tradicional colisão de peitos e tapas nas costas. — Você estava enrolando para comprar esse carro fazia mais de um ano... Por que agora?

Ele dá de ombros e vira para Bo, ainda sentado no banco da frente.

— Já estava na hora. Chega de esperar as coisas acontecerem. Se eu quiser alguma coisa, vou atrás. — Ele passa as mãos na camisa. Está incrível, como de costume, de terno, mas sem gravata. Parece que nós dois pusemos uma pitada de casual em nosso estilo para o programa de hoje.

— É isso aí! — Wendy ergue o punho, mas logo estremece.

Passo o braço pela sua cintura e acaricio seu ombro.

— Você está bem?

— Sim, tudo bem — ela diz, contrariada. — Bo, saia do carro.

Ele fecha os olhos e abre a porta. Uma bota de motociclista preta atinge o cascalho. Noto o pedaço de perna nua por baixo da porta, sabendo o que estou prestes a ver.

— Vai logo, seu bebezão! — grito, esperando aumentar seu desconforto.
— Aposto é aposta.

— O que está acontecendo? — Michael pergunta. Ele se aproxima de Wendy e estende a mão, que ela pega, saindo do meu lado e se aninhando em seu noivo.

— O Bogey perdeu uma aposta para a Rachel. Vamos lá, Bo, seja homem!
— encorajo.

Ele bufa, abre a porta por completo e sai abruptamente.

Nós sete o encaramos, mas não dizemos uma palavra. Ele está com suas botas de motociclista pretas, a jaqueta de couro e uma camiseta branca por baixo, que é o padrão para ele. Porém o que chama nossa atenção é o kilt xadrez verde e preto que cobre seus quadris. Acaba logo acima dos joelhos e tem uma fina linha amarela entremeada no tecido. Em cima, um cinto grosso com uma bolsinha pendurada no centro, onde imagino que fica seu pacote.

Bo cruza os braços musculosos e fica parado feito um motociclista escocês, pronto para rodar com sua motoca pelas encostas do norte da Europa.

— Que foi? — intima, rangendo os dentes.

E aí ferrou. Sete variações diferentes de risadas quebram o silêncio e enchem o ar de humor. A risadinha de Wendy com o rosto escondido na camisa de Michael, a gargalhada estrondosa de Royce por trás da mão, o riso estridente de Skyler e muito mais. Todos nós perdemos o controle.

Com seu corpo miúdo e torneado, toda vestida de preto — desta vez, calça de couro, regata e sua jaqueta —, Rachel anda em volta de Bo lentamente. Cruza os braços, levando a mão ao queixo enquanto inspeciona seu kilt.

— Bom, amigo, acho que você cumpriu os requisitos da nossa aposta. Estamos quites — diz, lhe dando um tapinha nas costas, bem-humorada.

Ele sorri e dá uma voltinha, claramente se sentindo mais confiante.

— Mas esta não é a melhor parte...

Rachel para na frente do marido, que pousa a mão em seu ombro.

— E qual seria? — ela pergunta.

Bo vira de costas, se inclina e levanta o kilt, mostrando a bunda branca.

— O que tem embaixo, seus trouxas! — E ri da própria piada.

Skyler sai correndo e bate na bunda dele o mais forte que consegue, a seguir recolhe a mão dolorida. Bo dá um grito enquanto ela corre de volta e se esconde atrás de mim, gargalhando histericamente. Michael caminha devagar até Skyler e estende a palma aberta. Ela bate a sua na dele, rindo feito louca.

— Muito bem. Eu estava ocupado tentando cobrir os olhos da minha mulher antes que eles derretessem — ele diz, sorrindo.

Bo esfrega o traseiro ardente.

— Caraca, Sky, que mão pesada!

Ela espia por cima do meu ombro, pressionando o corpo nas minhas costas.

— Eu fiz um filme de esportes uma vez. Eles contrataram um jogador de beisebol profissional para nos ensinar a lançar e rebater. Fiquei muito boa.

Ele faz beicinho.

— Park, é melhor tomar cuidado. A sua garota tem um ferrão no lugar da mão.

Eu rio.

— E você acha que eu não sei disso? — Arqueio a sobrancelha.

Sky me abraça por trás, entrelaçando as mãos diante do meu peito.

Bo ergue as sobrancelhas.

— Irmão, pode contar tudo.

Reviro os olhos e me volto para Michael e Wendy.

— Obrigado por nos receber. Precisamos pôr o papo em dia.

Wendy anui, vai até Royce e o abraça. Ele a afasta um pouco e pega seu rosto, virando-o de um lado para o outro.

— Você parece cansada, garota.

Ela sorri sem humor.

— É... Bom, não é tão fácil dormir como eu imaginava.

Solto as mãos de Sky que estão em volta de mim e vou até Michael.

— Do que ela está falando?

— Pesadelos. Mas ela me fez prometer não ficar falando disso. Ela quer se divertir, e eu gosto de vê-la sorrir. Estou feliz por vocês estarem em Boston por

um tempo. Ela precisa de apoio agora.

Assinto e vejo nossa garota abraçar Bo. Ele a envolve devagar, como se ela fosse de porcelana.

— Sininho, você está bem? — pergunta.

Ela concorda com a cabeça encostada em seu peito e sorri, mas o sorriso não chega aos olhos.

— Vamos entrar, pessoal. O Mick preparou um brunch. Vamos comer. — Ela se aproxima do noivo e ele a conduz pela escada, dando-lhe apoio, para o caso de ela precisar.

Deus, eu queria que ela não precisasse.

Ao entrar, fico impressionado. A casa não se parece em nada com um lugar onde se esperaria que alguém como Wendy morasse — um apartamento descolado, com discos de vinil antigos e pôsteres de filmes obscuros nas paredes, ou talvez um galpão transformado em loft moderno. Definitivamente, não o tipo de casa que se esperaria de um político. Esta propriedade é típica de famílias tradicionais endinheiradas. Lembra mais um museu que um lar.

— Uau. — Skyler olha para a grande escadaria e os quadros que revestem as paredes. — Que... enorme.

Wendy ri.

— Sim. No primeiro ano que morei aqui, nem conhecia todos os cômodos. No segundo dia, eu me perdi e tive que ligar para o Mick ir me buscar — ela diz, dando um soquinho no ombro do noivo.

Observo as obras de arte e reconheço um Picasso e um Monet autênticos pendurados entre outras belas peças, que devem valer centenas de milhares, se não milhões, de dólares.

— Você tem um olho muito bom para arte — comento, observando uma pintura de Claude Monet que nunca vi antes.

Michael olha para o quadro e suspira.

— O meu avô e o meu tataravô eram colecionadores. Eu cresci nesta casa, que foi herdada pelos meus pais. Os dois já não estão mais nesta Terra, e a casa passou para mim. Um dia vai ser dos meus filh... — Ele não completa a frase, como se as palavras ficassem presas na garganta.

Pouso a mão em seu ombro e aperto. Meu coração também bate dolorido.

Ele já teria um filho a caminho se aquela maluca de Montreal não o tivesse levado embora. Um raio de raiva atinge meu peito e eu aperto os dentes, tentando me controlar. Essa dor e essa raiva não são minhas de direito. Não aconteceu comigo, mesmo que me deixe arrasado.

Sussurro para que só ele ouça:

— Sinto muito.

Surpreendentemente, ele pega minha mão e aperta.

— Obrigado. Nós estamos superando.

Faço que sim com a cabeça, sério. Sky se aproxima e pega minha mão livre.

— Tudo bem?

Deve ter notado a rigidez em minha postura e a tristeza nos olhos de nós dois.

— Estamos conversando sobre arte.

Ela pousa a outra mão no meu peito e olha para os quadros.

— O Park adora arte e museus. Estou curiosa para conhecer o resto da casa.

Wendy aparece, levemente saltitante. Não estava assim quando se aproximou de nós lá fora. Parece que nossa simples presença já está ajudando.

— Levaria o dia todo. Vamos mostrar só as partes legais. O Mick me prometeu que eu posso tomar uma taça de vinho branco, agora que já estou quase sem tomar remédios. E eu tenho sido uma boa menina, não é, baby? — Ela fala com um tom de súplica, mas com uma pontinha de insinuação.

Ele sorri e ergue a sobrancelha.

— Sim, coração. Eu te prometi uma taça com seus amigos e vou cumprir minha promessa. Estão todos prontos para bebidas e petiscos na sala de recepção?

— Vocês têm uma sala de recepção? — Sky pergunta, admirada.

Wendy sorri e passa o braço pelo de Mick, indo na frente para mostrar o caminho.

— Este lugar é uma loucura — Sky sussurra no meu ouvido.

— Total.

Olho por cima do ombro para Royce e Bo, que estão na retaguarda do grupo, observando o centro do hall. O pé-direito deve ter uns sete metros de altura, com um lustre gigantesco de cristal pendurado acima da nossa cabeça.

Mas não há nenhum balanço erótico, e, com base na decoração grandiosa do hall de entrada, estou começando a achar que vou me decepcionar. Ainda tenho esperança de me deparar com um quarto vermelho, como o de *Cinquenta tons de cinza*.

Rachel e Nate decidem ir embora, agora que já avaliaram a segurança da propriedade, e se despedem.

Assim que entramos na sala de recepção, um garçom cumprimenta o grupo. Está atrás de um balcão de mogno maciço que corre por uma das paredes da sala, formando um belo cenário, com direito a garrafas de cores e tamanhos variados dispostas em prateleiras de vidro com espelho no fundo.

— O que desejam beber? Temos um vinho branco e um tinto que o sr. Pritchard escolheu, além de um bar inteiro à disposição.

Royce pede uísque puro. Sky e Wendy vão de vinho branco, Michael de tinto, Bo e eu de gim-tônica.

Depois de cada um pegar sua bebida, seguimos Wendy e Mick pelos amplos aposentos: salão de bilhar, biblioteca, escritório, banheiro e a cozinha enorme com uma equipe atarefada. Depois, atravessamos a sala de jantar até a sala de estar, que dá para um solário de frente para um belo jardim. Há uma grande mesa de jantar já preparada, com finger food em abundância.

— Por favor, sentem-se e experimentem os petiscos antes que o brunch seja servido. Temos spanakopita, quiche, rolinho primavera e cogumelos recheados — Michael oferece, indicando a comida. E sai, provavelmente para checar a cozinha.

Todos nós sentamos, Skyler à minha direita, Wendy à esquerda. À nossa frente estão Royce e Bo. A cadeira vazia à cabeceira da mesa deve ser de Michael. Há lugar para Rachel e Nate, mas não sabíamos se o convite se estendia a eles.

— Estou me sentindo mal por ter deixado a Rachel e o Nate irem embora — Sky murmura, com uma leve tristeza na voz.

Acaricio sua têmpora com o nariz. Adoro o coração bom da minha garota.

— Eles vão curtir ficar um pouco sozinhos. Os dois estão com você vinte e quatro horas por dia. Assim vão ter tempo para ser um casal normal, ver um filme, fazer uma refeição sozinhos, você sabe, coisas de casais.

Ela faz beicinho.

— É, acho que você tem razão.

— Tenho, sim. Confie em mim. — Passo o braço em volta dos seus ombros e esfrego seu bíceps até sentir a tensão diminuir.

— Tudo bem — ela diz, tranquila.

Então fica toda animada, observando a mesa antes de escolher um cogumelo recheado. Seus olhos se iluminam de alegria. No começo, acho que é por causa da comida — minha garota gosta de comer. Odeia malhar, mas adora comer.

Só que não é pela comida.

— Ah, Wendy, eu trouxe uma coisa para você!

Skyler deixa o cogumelo no prato, limpa os dedos no guardanapo e procura algo em sua grande bolsa, pendurada na cadeira. Pega um presente embrulhado em papel de seda e o entrega a mim para que eu o repasse.

Wendy pisca rapidamente, olhando para o embrulho rosa com um grande laço amarelo, virando-o repetidas vezes.

— Por quê?

Sky apoia o cotovelo na mesa para virar para ela.

— Quando o Parker e eu saímos de Londres, passamos em Paris para ver a Sophie. O Park me levou para passear e fazer compras, e nós trouxemos uma lembrancinha para você.

Wendy olha para mim e depois para Sky.

— Eu... não sei o que dizer — responde, com a voz rouca e trêmula.

Sky franze a testa.

— Não precisa dizer nada, sua boba. É só uma lembrancinha. Abra!

Wendy abre o pacote, pegando o lenço de seda com faixas amarelas e padrões em preto e branco que definitivamente vai ficar ótimo nela. Então funga e enxuga o nariz com o guardanapo.

Levo a mão ao queixo de Wendy, até ela erguer o olhar choroso para mim.

— Ei...

— É lindo... Não sei nem como agradecer. Adorei. — Suas palavras saem abafadas pelas lágrimas. Ela leva o lenço ao peito, como se fosse o presente mais precioso que já ganhou.

Passo o polegar em seu queixo e me aproximo mais, para poder olhar em seus olhos.

— Abusada, qual é o problema?

Ela balança os ombros e estremece com a dor.

— Seu ferimento, não faça isso — repreendo. — Me diga o que está acontecendo.

Ela sacode a cabeça. Michael se aproxima por trás e lhe dá um beijo no rosto antes de dizer:

— Coração, é normal uma mulher comprar um presente para uma amiga. Basta agradecer, só isso. — E a beija de novo.

— Mas eu nunca ganhei um presente de uma amiga antes. Nunca tive uma amiga. — Wendy engole em seco e as lágrimas rolam conforme ela levanta o lenço carinhosamente à sua frente. — É o lenço mais bonito que eu já tive. Vou usar o tempo todo. Obrigada, Skyler e Parker.

Sinto o coração se apertar. Esfrego o peito e sacudo a cabeça.

— Ah, não, foi ideia da Sky — começo.

Mas minha namorada belisca minha coxa e me lança um olhar significativo.

— De nada, Wen — diz, usando o apelido que inventou para ela. — Nós sentimos a sua falta e queríamos que você soubesse que estávamos pensando em você.

Bo se intromete:

— E cadê o meu presente?

Royce o empurra com tanta força que ele quase cai da cadeira, tentando firmar as pernas no tapete oriental abaixo dos nossos pés.

Skyler revira os olhos e Wendy ri, então minha mulher ergue sua taça de vinho.

— Estou muito feliz por estarmos em casa e por você estar se recuperando. Eu sei que os meninos não veem a hora de você voltar para o escritório.

A voz de Royce é um estrondo profundo:

— Eu brindo a isso, com certeza.

— Sem dúvida. — Bo concorda com a cabeça. — Volte logo, Sininho. Aquela loira é um gelo e não dá nem um sorriso com as minhas piadas. Além disso, ela é toda arrumadinha. Não tem absolutamente nada para olhar.

Jogo a cabeça para trás e gemo diante do comentário absolutamente fora de hora.

— Que foi? Ela é toda formal, um tédio — Bo resmunga antes de pegar seu gim-tônica.

— Não dê bola para ele, abusada — aconselho, lançando um olhar de advertência para Bo.

— Eu nunca dou. Só para a parte de vocês sentirem a minha falta. É verdade mesmo? Eu sei que a Annie está fazendo um bom trabalho. Ligo todos os dias...

— Três vezes por dia, garota. Não precisa ficar ligando para saber como eu estou — Royce diz e suspira.

Wendy faz biquinho.

— Mas vocês estavam sozinhos, e eu precisava saber se estavam bem.

Pouso a mão em suas costas.

— Wendy, ninguém nunca vai te substituir. O seu emprego está lá, esperando até você estar curada.

Ela abre um sorriso largo, e Michael passa a mão em sua nuca antes de por fim se sentar, depois de colocar uma garrafa de champanhe em um balde de gelo ao lado da mesa.

— A Wendy está louca para voltar ao trabalho, mas eu estou forçando a minha mulher a tirar as oito semanas inteiras de licença. Ela precisa desse tempo para se preparar mental e fisicamente antes de voltar ao escritório. O médico concorda. Certo, meu amor?

Ela afunda na cadeira.

— Sim. Mas isso é bobagem. Eu estou bem.

Michael retesa o maxilar e me lança um olhar inflamado. Sutilmente sacode a cabeça, me comunicando em silêncio que Wendy não está bem. De jeito nenhum.

2

— Qual é o próximo trabalho na agenda da IG, rapazes? — Wendy pergunta.

Ela bebe o vinho branco devagar, como se fosse um néctar dos deuses. Muito provavelmente porque o noivo só lhe permitiu uma taça.

Royce passa a mão pela careca, esfrega o queixo e se inclina sobre a mesa.

— Nós três vamos para Berlim atender uma indústria automotiva.

— Gatinhas de Berlim... Não vejo a hora — Bo comemora, passando a mão pela camiseta branca enquanto se recosta na cadeira. Ele deve estar estourando. Comeu mais que Roy e eu juntos. Parece que estava em jejum fazia uma semana.

Roy suspira e passa a mão pelo cavanhaque bem aparado.

Wendy sorri.

— Alemanha... Parece divertido.

Dou de ombros e empurro meu prato.

— Eu preferiria passar um bom tempo no escritório.

Skyler pousa a mão na minha coxa e a acaricia, em um gesto de apoio.

— Pelo menos você tem mais uma semana de folga.

— Só que nós combinamos de ir para Nova York na semana que vem.

Wendy franze a testa. Percebo que o sorriso de Sky também desaparece. Parecendo pensativa, minha garota diz:

— Na verdade, acho que a gente podia ficar em Boston. Eu preciso conversar com a Wendy sobre as coisas do casamento.

O rosto de minha assistente se ilumina, como se um holofote fosse ligado dentro dele.

— É mesmo?

Sky faz uma careta.

— Eu não seria uma boa madrinha se não ajudasse a noiva com os detalhes.

Wendy abre um sorriso largo.

— Seria maravilhoso. Obrigada, Sky.

— Imagine! Amiga é para essas coisas. Vamos marcar esta semana, se você puder.

— Ah, eu posso. A única coisa em que o Mick me permite trabalhar é o casamento. Na cama, com o celular e o notebook na mão — Wendy conta, torcendo o nariz para o noivo.

Ele ignora o comentário.

— Falando em trabalho... — Royce se levanta, deixando o guardanapo em cima do prato e vindo para o nosso lado da mesa. — Nós precisamos voltar. — Ele abre os braços para Wendy. — Estou sentindo a sua falta, garota.

Ela fica em pé e passa os braços em volta da cintura de Royce quando ele puxa o corpo dela contra seu peito. Ele a abraça durante um minuto, depois baixa a cabeça até o nível da dela, quase tocando sua testa.

— Fique bem. Faça o que o médico mandar. Ouça o que o Michael diz, desde que ele não esteja tentando te convencer a nos deixar. Se for isso, ignore cada palavra. Está me ouvindo?

Ela sorri e anui.

— Sim.

— Tudo bem, então. — Dá uns tapinhas nas costas dela. — Eu venho te ver daqui a alguns dias. E chega de ligações. — Ele a olha nos olhos, como se fosse um irmão mais velho brigando com a irmãzinha. Coisa que, do jeito que as coisas estão, meio que é.

Wendy franze a testa e sorri.

— Prometo não ligar para *você*.

Roy franze os lábios e lhe dá um beijo na testa.

— Fique bem.

— Vou ficar.

Bo surge por trás, e desta vez Michael se levanta, protegendo Wendy. Royce pode abraçá-la e beijar sua testa, mas, se Bo se aproxima, Mick está pronto para a batalha.

Levo a mão à boca para esconder o riso e passo um braço no encosto da cadeira de Skyler. Ela ri e dá um gole em sua segunda taça de vinho. O álcool deixa suas bochechas mais rosadas e seus sorrisos mais fáceis. Adoro Skyler meio bêbada. E adoro transar com ela quando está assim.

— Que foi? Eu não vou bater nela. Relaxa, Tarzan — Bo diz a Michael e abre os braços para Wendy.

Então, quando coloca as mãos em volta dela, desliza-as em direção à sua bunda.

— Se encostar na minha bunda, eu quebro os seus dedos.

Bo interrompe a brincadeira. Mick rosna e tira Wendy dos braços dele.

— Não vai ser preciso, porque eu já vou ter cortado um a um com o cortador de charutos — ele ameaça, só que parece mais uma promessa.

Bo levanta as mãos em um gesto de rendição.

— Tudo bem, bando de rabugentos. Mas sério, Sininho. Se precisar de alguma coisa, estamos a um telefonema de distância, está bem?

— Pode deixar. — Ela se aconchega em Mick enquanto meus sócios vão para a porta da frente.

Coloco a mão em volta da boca e grito:

— Boa sorte para encontrar a saída!

Royce ri.

— Eu sei onde fica.

— Terminaram? — Michael pergunta, indicando nossos pratos vazios.

Dou um tapinha na barriga.

— Sim. Foi um brunch maravilhoso, Michael, obrigado.

— Acho que você ganhou o direito de me chamar de Mick.

Wendy ergue as sobrancelhas e tenta disfarçar, passando o braço pelo de Skyler e dizendo:

— Quer ver as coisas que eu já planejei para o casamento?

— Claro que sim!

— Aceita mais uma dose? — Mick me oferece.

— Claro. — Sigo-o pela casa em direção à sala de recepção. — Você disse que esta casa é da sua família há muito tempo. Gosta de morar aqui?

Ele diminui o passo.

— Sim e não. Às vezes eu gostaria que a Wendy e eu arranjassemos outro lugar e começássemos do zero. Mas esta casa é tudo que eu tenho da minha família. Eu venho de uma longa linhagem de filhos únicos, e os meus pais e avós já morreram. Não tenho família além da Wendy, e poder proporcionar isto aqui a ela é importante para mim. E ela parece feliz aqui.

Chegamos ao salão, e Mick pede ao garçom que complete nossas bebidas.

— Acho que a Wendy ficaria feliz em qualquer lugar com você. Como ela está, de verdade? Você falou em pesadelos...

Mick fecha os olhos e respira fundo antes de abri-los de novo e indicar as cadeiras de couro em frente a uma janela com vista para a propriedade. Por cima do ombro, ele olha a porta aberta, provavelmente para se assegurar de que Wendy não ouça.

— Toda noite. Ela grita, leva uma mão ao peito e outra à barriga.

— Caralho.

Suas palavras me atingem como um caminhão em alta velocidade.

Ele solta um grunhido e aperta o punho.

— Se nós soubéssemos... Ela teria ficado em casa e estaria segura o tempo todo.

— Mick, você não pode manter a Wendy em uma redoma de vidro e esperar que ela aceite.

Ele passa a mão pelo cabelo claro.

— E o que eu poderia ter feito?

— Você não poderia ter feito nada que provocasse um resultado diferente. Acredite — digo, batendo no centro do peito —, eu tentei descobrir, mas o fato é que existem pessoas loucas no mundo. Aquela mulher era doente.

Ele bufa.

— E, por causa disso, o meu filho está morto.

Faca. Direto no coração.

Engulo em seco.

— Ela procurou ajuda? E você?

Ele sacode a cabeça bruscamente.

— Cara, essa merda pode se complicar — alerta.

Ele respira fundo e bebe.

— Eu tenho um plano.

— Qual?

Por favor, não diga “Fazê-la pedir demissão”.

— Ela vai engravidar de novo assim que estiver saudável e a gente se casar.

Inclino a cabeça e olho para os cubos de gelo que rolam em meu copo enquanto as bolhas da água tônica estouram.

— Será que é uma boa ideia? Uma substituição nem sempre é a resposta.

Ele levanta o punho, mas parece se controlar e deixa para lá. Aperta a borda da cadeira.

— Não, não é. Mas, com o que aconteceu, a Wendy e eu descobrimos que queremos uma família, e logo. Precisamos ter algo entre nós que possamos amar e compartilhar. Algo que seja nosso juntos. Com essa perda, nós percebemos quanto queremos um filho. Muitos, na verdade.

Lambo os lábios e assinto.

— Desde que façam isso pelas razões certas, fico feliz por vocês dois.

Mick toma sua bebida e pousa o olhar frio no meu.

— Eu entendo quanto você, a equipe da IG e a sua família significam para o meu amor. Por mais que eu queira ser tudo de que ela precise, sou homem o suficiente para admitir que o coração e a capacidade de amar da minha mulher são muito grandes. Ela deseja esse ambiente familiar que vocês três construíram, e eu quero dar para a minha companheira tudo que o coração dela desejar.

Baixo a cabeça em reverência.

— Que bom. Nós amamos a Wendy como a uma irmã. E, enquanto ela quiser, sempre vai ter um lugar na nossa equipe e na nossa família. A Sky e ela se dão muito bem.

— Eu quero fazer mais jantares e encontros como o de hoje, conhecer melhor todos vocês.

— Inclusive o Bo? — digo, com um sorriso sarcástico.

Ele olha pela janela com uma expressão desdenhosa.

— Se for preciso...

— Você sabe que ele está só brincando com a Wendy, né? A insinuação, o flerte, é tudo inofensivo. Ele nunca faria isso de verdade. É só fingimento. A Wendy é importante para ele. E, para ser honesto, o Bo não deixa as mulheres se aproximarem. Especialmente aquelas por quem ele se interessa. O fato de ele

expressar carinho pela Wendy prova que não tem nenhuma segunda intenção com ela.

— Seja como for, o senso de humor dele é insuportável.

— E é por isso que ele faz essas coisas. Ele adora tirar você e a Wendy do sério. O truque é não dar trela. — Dou de ombros e me reclino, me acomodando na cadeira de couro.

— Entendi. Vou levar isso em consideração.

— Brincadeiras à parte, o que o médico dela diz sobre os pesadelos? — pergunto em voz baixa, em respeito à natureza confidencial das preocupações dele.

Mick solta um longo e cansado suspiro.

— Ele prescreveu um remédio para dormir que ela se recusa a tomar. Diz que não quer dormir sob o efeito de drogas.

— Algo mais?

— Tempo. E terapia.

— Se você fosse com a Wendy, ela iria a um terapeuta? — pergunto. — Você faria isso?

— Eu faria qualquer coisa por ela.

— Então sugira. Veja se isso ajuda. Mal não vai fazer. E nós vamos tentar visitá-la mais, mas você precisa tirá-la de casa. Ela precisa ver que existe vida além do que passou e da perda que vocês sofreram.

As mulheres entram na sala rindo como adolescentes. A tristeza de Wendy desapareceu depois de passar um tempo com Skylar. Eu sei como é isso. Minha garota tem esse efeito sobre mim também.

— Meu bem, você precisa ver o vestido que a Wendy escolheu. É ma-ra-vi-lho-so! — ela conta, esticando as sílabas.

— Prefiro ver no dia do casamento. Eu gosto de surpresas, lembra?

Ela arregala os olhos ao ouvir a palavra *surpresas*, deixando claro que percebeu que ainda estou esperando para descobrir o que ela reservou para mim.

Ao ouvir barulho de cascalho, olho pela janela e vejo Nate e Rachel no Range Rover de vidros escuros. Me levanto, abotoando o paletó.

— Parece que a nossa carona chegou — digo.

Wendy faz beicinho.

— Ah, não! Eu estava me divertindo tanto.

Mick vai até ela, puxa-a para seus braços e beija sua testa.

— Sim. E parece que você está caindo de sono. Acho que dormir um pouco vai te fazer bem.

Ela franze a testa e olha para ele.

— Você vai cochilar comigo?

Ele baixa a cabeça e a beija com suavidade. Só um selinho, que, por alguma razão, me enche de luz. Ver como ele a idolatra, quanto realmente a ama e precisa dessa mulher, alivia minha preocupação. O caminho da recuperação vai ser difícil, em especial psicologicamente, mas, com Michael ao seu lado e nós para apoiá-la, Wendy vai ficar bem.

Aperto a mão de Sky e a puxo para meu lado. Ela vem de bom grado.

— Vamos, meu pêssego?

— Meu pêssego... Qual é a de vocês, hein? — Wendy brinca.

— A minha garota tem cheiro de pêssego com chantili — digo, acariciando seu pescoço e fingindo mordê-la, fazendo-a rir.

— Ha! — Ela aponta para nós.

— Vamos levar os nossos amigos até lá fora — Mick diz.

— Nossos? — ela repete, cheia de esperança.

— Sim, coração, nossos.

— Perfeito. Eu sabia que você ia se apaixonar pelos meus meninos.

Ele geme.

— *Eu* sou o seu menino. Eles são seus amigos.

Ela balança os quadris e passa a mão nas costas dele enquanto caminhamos até a porta da frente.

— Pelo menos eu não chamo os três de namorados.

— Só faltava. Por cima do meu cadáver — Mick responde categoricamente, com uma seriedade que eu não poderia expressar, mesmo se tentasse.

Talvez ele esteja falando sério. Ele é muito possessivo, apegado ao ponto da obsessão, mas quem sou eu para julgar? Eles são felizes, é isso que importa.

Wendy e Skyler estão gargalhando quando abrimos a porta. Nate e Rachel saem do carro.

Meu celular toca no bolso, avisando que chegou uma mensagem. Paro e a leio antes de entrar no carro.

Que bom que chegou bem em casa. Senti sua falta.

O remetente é desconhecido. Leio e releio as palavras. *Que porra é essa?* Só pode ser alguém brincando comigo. Um dos caras... ou talvez um velho amigo?

Nós nos despedimos de Wendy e Mick. Assim que Skyler e Rachel entram no carro, seguro Nate, antes que ele deslize no banco do motorista. Ele fecha a porta, percebendo que quero conversar em particular.

Um pouco afastados, eu lhe mostro meu telefone.

— Conseguiu alguma coisa com o celular da Skyler?

— Enquanto vocês estiveram fora, eu falei com um amigo meu, um ninja da tecnologia. Ele rastreou o número e chegou a um telefone pré-pago. Não conseguiu a localização porque o aparelho não tem uma operadora específica, e a pessoa deixa desligado entre as mensagens. Por isso não tem como rastrear.

— Recebeu mais mensagens no celular antigo dela?

— Sim. O meu amigo trabalhou nelas também, mas não chegou a lugar nenhum.

Ele pega o telefone antigo de Sky e se apoia no carro enquanto me mostra a sequência de novas mensagens, todas de remetente desconhecido.

POR QUE VOCÊ ESTÁ ME IGNORANDO?

PENSEI QUE VOCÊ FOSSE DIFERENTE

VOCÊ É COMO TODOS OS OUTROS

Você se acha melhor que os outros? Só porque é famosa? Não é, e eu vou provar.

— Mas que inferno. — Leio de novo. — Parece um stalker, ou talvez um fã enlouquecido.

Nate assente.

— Também acho. Vou ligar para a Tracey, a agente dela, para tentar obter mais informações, ver se ela recebeu alguma coisa suspeita de fãs da Skyler, por telefone ou e-mail. Eu sei que tem uma empresa que cuida da conta de e-mail dela e outra do site. Vou ver com a equipe da web se chegou algo estranho. Amanhã já devo ter mais informações.

Sinto um calafrio, mas assinto e tento fazer uma cara feliz para não preocupar Sky.

— Me avise quando descobrir alguma coisa. O que não dá para entender é como a pessoa conseguiu nosso número pessoal.

— Devem ser hackers muito bons.

Sorrio.

— Eu conheço uma pessoa boa assim, mas ela vai tirar um cochilo agora — digo, erguendo o polegar e indicando a mansão atrás de nós.

— Sim... Talvez, quando ela estiver se sentindo melhor, a gente possa pedir a opinião da Wendy sobre tudo isso e ver se ela pode ajudar.

Anuo e olho para a casa de novo antes de entrar no carro.

Skyler pousa a mão na minha coxa.

— Tudo certo?

— Sim, eu estava só conversando com o Nate, acompanhando algumas coisas. Agora... sobre a minha surpresa.

Ela abre um sorriso largo.

— Nate, tudo pronto?

— Sim. Quer ir para lá?

— Com certeza! — ela diz, dançando sentada no carro. — Coloque uma música animada, garoto! Estou com vontade de requebrar. — E aqui está a terceira taça de vinho que a vi pegar.

— Você se divertiu? — pergunto, passando o braço ao redor de seus ombros e a puxando para mim.

— Muito. Eu adoro estar com os seus amigos, meu bem.

Inspiro o cheiro de pêssego com chantili que seu cabelo exala.

— Eles são seus amigos agora também. Pode contar com eles.

Ela sorri.

— É verdade! Eu gosto de estar com gente divertida. — E suspira, feliz. — Faz a vida valer a pena, sabe? Depois de trabalhar tanto, poder compartilhar tempo e espaço com pessoas do bem faz tudo valer a pena.

Beijo sua testa, então ela levanta a cabeça e me oferece os lábios. Estão com gosto de vinho branco e dos morangos que ela comeu no fim do brunch.

— Humm — murmuro, lambendo e mordiscando seu lábio inferior antes de repetir o processo com o superior.

Ela crava os dedos na minha coxa e desliza a mão para cima, pegando minha ereção crescente. Todo o meu ser está focado em sua mão e nessa parte do meu corpo que ela está acariciando com prazer. Eu a deixo agir por alguns minutos, até sentir as bolas formigarem. Sei que, se continuarmos assim, vou querer comê-la no carro, e que se danem os guarda-costas. Com toda a força que consigo reunir, cubro sua mão com a minha. Gemo com a boca na dela e afasto sua mão. Quando o beijo acaba, ela está sem fôlego, e seus olhos são um misto selvagem de manchas marrons e amarelas, como uma camada de caramelo nas profundezas de um chocolate. Ela morde o lábio inferior e faz o beicinho mais carente que já vi.

Grunho, encostando os lábios em sua cabeça.

— Você está jogando sujo, baby.

Ela sorri, percebendo a situação em que me colocou.

— Tudo bem, eu paro. Por enquanto.

Respiro fundo, tentando pensar em alguma coisa que acalme a fera. Logo paramos em frente a um edifício que conheço muito bem.

— Você me trouxe para o escritório? A minha surpresa está no trabalho?

Ela abre um sorriso enorme.

— Mais ou menos, mas não exatamente. Vem.

Rachel abre a porta para Sky, e os Van Dyken nos escoltam enquanto abotoo o paletó sobre meu pau duro — tentando disfarçar depois dos carinhos da minha garota. Então, do nada, uma horda de fotógrafos nos rodeia.

Passo o braço pela cintura de Skyler enquanto Rachel e Nate nos protegem, empurrando os paparazzi.

— Filhos da mãe — Nate resmunga. — Vamos ter que usar a entrada da garagem da próxima vez. — Ele pega o cotovelo de Sky e nos guia.

Quando chegamos ao prédio, fica tudo bem, porque a propriedade é privada e há seguranças por todo lado. É preciso ter um crachá ou hora marcada para entrar, a não ser que a pessoa more no edifício. Eu sei que os últimos cinco andares atendem empresários ricos que querem morar na cidade em que trabalham. Os seguranças nos deixam passar — eles sabem que eu trabalho aqui, e Nate, Rachel e Sky têm autorização.

Quando entramos no elevador, Nate aperta o botão do último andar.

— Nate, os andares de cima são residenciais. Esse botão que você apertou é da cobertura, aliás.

Ele sorri e cruza os braços maciços, ignorando meu comentário.

— O que está acontecendo, Sky? — pergunto, girando para ela.

Minha namorada mal se aguenta de entusiasmo. Pode ser por uma de três coisas: ela bebeu demais; está com um puta tesão, o que pude confirmar no carro com sua minipunheta; ou está prestes a me contar alguma coisa chocante.

Por fim, as portas se abrem para um apartamento. Nate entra, com Rachel atrás.

— Esperem aqui. Nós vamos checar o local.

Quando eles saem, eu me volto para Sky.

— O que é isto?

Ela morde o lábio, segura o vestido longo e balança de um lado para o outro, como se estivesse nervosa.

— É a minha nova casa. Eu aluguei por seis meses.

Abro a boca e olho para o grande apartamento mobiliado. Há uma parede de janelas a pelo menos dez metros do elevador. Entro e vejo uma mesinha no hall, e sobre ela uma singela foto minha e de Skyler em seu apartamento em Nova York.

Vou caminhando pelos cômodos e percebo que a decoração é semelhante à da cobertura de Skyler. Confortável, macia, com tecidos ricos e toneladas de almofadas e mantas para deixar o ambiente aconchegante.

— Você comprou a cobertura no prédio da IG? — Abro os braços e giro, tentando absorver tudo isso.

— Aluguei, com opção de compra — ela sussurra, hesitante.

Eu me viro para ela.

— Está de brincadeira?!

3

— Isso quer dizer que você está feliz ou puto? Porque neste momento, meu bem, estou tão nervosa que não consigo identificar — ela diz com a voz trêmula, mas o queixo erguido, mostrando sua força de caráter.

Corro para ela, pego seu rosto entre as mãos e a beijo loucamente. Mas não é suficiente. Nunca é suficiente.

Eu a levanto pela bunda, ela enrosca as pernas em volta da minha cintura e eu a levo para um sofá que identifico com a visão periférica. Sento com ela no colo, e ela pressiona a virilha na minha, vira a cabeça de lado e mergulha a língua na minha boca, enroscando-a na minha, até que me vejo apertando sua bunda e esfregando mais e mais meu pau duro como pedra contra ela.

— Ei, ei, deem um tempo! Acho que vocês não se importam se o apartamento é seguro ou não — Rachel comenta de algum lugar atrás de mim. Não sei dizer bem, porque Sky está esfregando seu corpo sexy no meu e eu estou enlouquecendo. A voz de Rachel continua: — Nós já vamos. O nosso apartamento fica um andar abaixo. Vocês vão precisar da gente hoje?

Sky não tira os lábios dos meus quando murmura:

— Nã-ãh.

Recuo. Preciso de ar para responder:

— Nós vamos ficar bem.

Lambo os lábios, sentindo a doçura de Sky em minha língua. Um sabor que faz disparar um raio de tesão pelo meu corpo até chegar à pelve, colada na dela, o que a faz gemer.

Ela ri quando os dispenso com a mão.

— Nós vamos ficar bem — repito. — Se precisarmos de vocês, telefonamos, mas acho que vamos passar a noite aqui.

— Tudo bem. Divirtam-se! — Rachel sorri no momento em que Sky gruda os lábios nos meus de novo.

— Está feliz, meu bem? — ela pergunta, depositando uma fileira de beijos no meu pescoço.

Minha pele se arrepia e entra em erupção, e fico pensando com que rapidez consigo tirar a roupa. Ou talvez a coma completamente vestido, terminando rapidinho. E depois nós podemos ir devagar. Sim, eu gosto desse plano.

Só posso inclinar a cabeça para trás e deixá-la me devorar.

— Feliz. Pra. Caralho. — Gemo enquanto ela leva a mão ao meu cinto e o abre, desabotoando minha calça no caminho.

— Eu quero ficar mais perto de você — ela diz, recuando um pouco e tirando o cabelo do rosto. — É cedo demais? — continua, com a mão no meu pau duro. Quero gritar de tesão, mas me concentro nas palavras que ela está dizendo e no significado delas.

Sacudo a cabeça e pego seu rosto.

— Ter você perto de mim, na minha cidade, no prédio em que eu trabalho... — Suspiro. — Significa o mundo para mim. Mas... e Nova York?

Meu membro pulsa, revoltado por eu fazer perguntas nesse momento.

Ela lambe os lábios e passa os dedos pelo meu cabelo até eu morder o meu, segurando o gemido que quer sair.

— Nova York não tem você.

A flecha do desejo contida em suas palavras faz meu pau chorar pela ponta de necessidade de entrar fundo nela. Mas controlo a luxúria e aperto os dentes.

— E Boston nem sempre — eu a faço recordar, com uma honestidade que ela não pode ignorar.

— Nem sempre, eu sei. Mas aqui é a sua casa, e está começando a ser a minha também. — Ela abre um botão por vez da minha camisa enquanto fala. — Sua família, sua empresa, sua vida está aqui. Eu posso morar onde quiser e pegar um avião para ir aonde precise trabalhar. — Tira minha camisa e pousa as mãos quentes no meu peito nu. É como se me marcasse com um ferro em brasa, e eu puxo o ar por entre os dentes. — O resto do tempo eu quero estar

perto de você. — Então se inclina para a frente e passa a língua no meu mamilo.

Pego seu queixo, puxo seu rosto para o meu e a beijo com força.

— Tem certeza? É um grande passo.

— Morar junto é um passo ainda maior. Por enquanto eu quero que a gente consiga passar o maior número de noites possível juntos. E você estava preocupado com a minha segurança... Este prédio é completamente seguro. — Seus dedos ágeis correm para minha virilha e abrem meu zíper. — O Nate e a Rachel olharam muitos, mas eu queria este. Eles aprovaram com base na segurança do saguão e da garagem, e também por causa da ativação do elevador por impressão digital.

Falando em dedos... ela desliza o polegar sobre a minha cueca úmida, me provocando com o que é capaz de fazer. Mas eu sei que sua boca e sua fenda molhada podem fazer ainda melhor.

Suas palavras invadem meus pensamentos cheios de desejo.

— O que me lembra... você precisa cadastrar a sua impressão digital para poder entrar e sair quando quiser. Os meninos e a Wendy também. E seus pais.

Gemo e ofego quando ela enfia a mão na minha cueca, fecha o punho ansioso ao redor do meu membro e dá um belo puxão.

— Puta merda. — Aperto os dentes e levo as mãos a sua bunda, procurando a bainha de seu vestido diáfano.

Ela acaba me ajudando, tirando o vestido pela cabeça, ficando só de sutiã nude sem alças, que valoriza seus seios fartos, e uma calcinha de renda da mesma cor. Em vez de fazê-la levantar do meu colo para tirar a calcinha, simplesmente a rasgo nas laterais, enroscando os polegares no tecido frágil. Então seguro cada extremidade da calcinha rasgada, uma parte nas costas e outra na frente, e puxo para cima, apertando o triângulo de renda contra seu sexo até ela gritar.

— Parker... meu bem... — ela ofega enquanto esfrego o tecido para a frente e para trás em sua fenda molhada e seu clitóris. — Eu preciso de você. Preciso de você... — Ela deixa a cabeça cair para trás, e seu cabelo faz cócegas na minha mão enquanto a excito. — Por favor... — implora.

Eu me inclino para a frente e mordo a parte carnuda do seu seio.

— Adoro quando você implora. — Mordo mais forte, então alivio a mordida com a língua.

— Eu sei.

Sky ofega quando puxo o tecido mais forte e mexe os quadris com os meus para provocar mais atrito. Minha garota é uma gata selvagem na cama. Apenas sensações e necessidades, nunca insegurança e desconforto.

Ela arfa, e, quando sei que está prestes a gozar, tiro o tecido, centro meu pau e meto fundo. Ela grita, as paredes do seu sexo se fecham e pulsam com o orgasmo enquanto a penetro profundamente.

Aperto os dentes com tanta força que meu maxilar dói, tentando não gozar instantaneamente. Quando ela começa a respirar mais devagar e a voltar a si, começo a bombear forte. Forço o corpo para cima e puxo o dela para baixo, até que ela começa a participar de novo. Minha garota gulosa quer mais, sempre mais.

Murmuro enquanto ela sobe e desce em meu pau, se segurando no encosto do sofá para dar impulso, respirando forte a cada mergulho.

— Você é uma deusa... — Sinto meu pau inchar, e minhas bolas se retesam a cada investida dela.

— Que delícia. Delíííííia! — Ela cola a boca na minha e grita, travando o corpo no lugar.

Com uma necessidade animalesca, giro nós dois e a faço sentar no sofá. Seu cabelo voa, seus seios pulam para fora do sutiã. Levanto uma de suas pernas, segurando-a para cima e para o lado, abrindo-a totalmente enquanto a tomo com força. Meu desejo me incita a ir mais fundo, a bombear os quadris com mais força. Quero fazê-la gritar até ficar rouca.

Ela trava a outra perna ao redor da minha bunda, onde está minha calça, amontoada entre nós. O pouco espaço restringe meus movimentos, mas logo estou rangendo os dentes e bombeando, até ver tudo preto. Não ouço nada além do som do segundo orgasmo deixando seus pulmões em um grito tão alto que tenho medo de as janelas tremerem.

Reteso a lombar, contraio a bunda e as coxas enquanto meto fundo com uma poderosa investida e paro. Um tremor me percorre enquanto meu pau libera tudo em jatos poderosos. Parece uma bomba explodindo na cabeça do meu membro a cada espasmo. O gozo continua até meus ossos não

conseguirem mais me sustentar. Desabo em cima dela, respirando forte, como se tivesse prendido o ar durante anos. Ela me envolve com as pernas e os braços, formando um casulo de Skyler em volta de mim, sem ligar para o meu peso.

Nunca mais quero sair daqui.

Esta mulher se tornou meu lugar mais feliz.

Eu sei que preciso lhe dar um pouco de espaço, mas, em vez de sair de dentro dela, deslizo para o lado e a puxo junto, para ficarmos deitados lado a lado, ainda conectados.

— Acho que você gostou do apartamento — ela sussurra em meus lábios.

— Humm, adorei.

— Imagine então quando conhecer de verdade.

Começamos a tremer juntos de tanto rir. Minha calça está enroscada nos joelhos, a cueca pressionando meu pau, que está começando a escapar de dentro dela.

— É melhor a gente levantar, senão vamos estragar o sofá novo.

— Foi impermeabilizado — ela diz, bocejando e fechando os olhos.

Manobro sua perna, tentando evitar que escorra alguma coisa antes que eu consiga localizar algum tecido. Apoiando-me na almofada, eu me levanto, e ela aconchega seu corpo nu no assento.

— Por que a gente transa tanto em sofás? — pergunto enquanto puxo a cueca e a calça e a fecho.

Ela boceja de novo.

— Nós gostamos de sofás. É o nosso lance.

Enquanto eu olho para a mulher mais linda que já conheci, que me deixa louco de necessidade e desejo, sorrio.

— É, baby, é o nosso lance. Durma um pouquinho.

Pego uma manta e jogo sobre seu corpo nu. Giro ao redor e observo o que me cerca. Skyler alugou um apartamento em Boston. Por mim.

Não... por nós.

Dois dias mais tarde, de volta ao escritório, estou olhando pela janela, batendo nos lábios com a caneta, recordando todas as coisas escandalosas que fiz com Skyler antes de deixá-la na cobertura esta manhã.

Suspiro ao ouvir uma batida na porta.

— Entre.

Sorrio quando Annie entra segurando dois sacos de papel brancos.

— Boa tarde, sr. Ellis. — Ela indica os sacos. — Comprei sanduíches e batata frita pensando que talvez pudéssemos almoçar aqui enquanto repassamos os planos da viagem para Berlim. — E abre um sorriso largo.

Observo sua roupa. A saia lápis padrão, desta vez combinada com uma blusa roxa soltinha de manga comprida que ultrapassa os pulsos. Me faz lembrar uma donzela renascentista de uma peça de Shakespeare. Não é algo que eu imaginaria Annie usando. Consigo visualizar Skyler com essa blusa, combinada com calça jeans e botas de camurça, mas Annie nem tanto. Pelo menos ela está sempre alinhada e profissional. Exatamente o que este escritório necessita.

Suspiro e indico a cadeira em frente à minha mesa. Wendy iria gostar que eu me esforçasse para aceitar a garota, e, durante a minha reunião com Royce ontem, ele disse que devíamos pensar em ficar com Annie para cuidar da contabilidade. Sem falar que ele está pensando em contratar um advogado também. Parece que a empresa está crescendo rápido, e não estamos com tudo tão regularizado quanto deveríamos. A agência precisa estar protegida.

— Muito gentil da sua parte, Annie, não precisava.

Ela me oferece um sorriso radiante, e um rubor sobe pelo seu pescoço até as bochechas conforme deixa os dois sacos de papel na mesa e tira um sanduíche embrulhado em plástico.

— Peguei o seu preferido.

Franzo a testa.

— Como você sabe qual é o meu preferido?

Ela pisca por alguns segundos, depois sacode a cabeça.

— Ah, estava no arquivo de almoço da Wendy. Ela tem tudo de que vocês gostam anotado. Eu consultei.

— Uau, que eficiente.

— Eu tento.

Ela vai me entregar o sanduíche quando ouço batidinhas antes de a porta se abrir e minha namorada megagostosa entrar como um raio de sol. Seu cabelo dourado está preso em um rabo de cavalo charmoso, que balança conforme ela ginga. Está usando um jeans skinny que realça todos os seus atributos, regata e cinco colares de tamanhos e comprimentos variados, com uma blusa de seda franjada de estampa paisley por cima. Tem três anéis de prata em uma das mãos e dois na outra. A pulseira de couro com a mensagem “Viva a sua verdade” está acompanhada de algumas outras, que também parecem artesanais.

Fico olhando para ela como se estivesse começando a respirar um pouco de ar fresco depois de sufocar. O decote da regata azul-marinho é baixo o suficiente para dar um vislumbre de seus seios incríveis, e minha boca se enche d’água. Dane-se o sanduíche, prefiro dar uma mordida nela. Mas fico na vontade.

Ela me mostra uma sacola.

— Eu fiz almoço para a gente, meu bem! — Vem para o meu lado da mesa e eu a puxo para o meu colo, provocando um farfalhar de seda e risos. Ela roça o nariz no meu e me dá um beijo rápido.

Olho para ela, para seu rosto viçoso e seus doces lábios vermelhos, e então lembro — e ela percebe — que não estamos sozinhos.

Sky inclina a cabeça e passa o braço em volta do meu pescoço, se ajeitando no meu colo.

— Oi, Annie! Está se adaptando bem?

A mulher fica parada do outro lado da mesa com o sanduíche embrulhado na mão.

— Sim, obrigada, srta. Paige.

Sky faz um aceno com a mão.

— Pode me chamar de Skyler, ou Sky.

Os olhos de Annie se iluminam diante da oferta.

— Obrigada, Sky. Eu trouxe o almoço do sr. Ellis, para repassarmos os detalhes da viagem para Berlim, mas posso guardar para amanhã. Sem problemas — ela diz, colocando o sanduíche de novo no saquinho.

— Por que você não dá o meu sanduíche para o Bo, Annie? Ele pode repassar os detalhes com você enquanto eu almoço com a minha namorada —

sugiro, apertando o quadril de Skyler e inalando o cheiro delicioso de comida italiana que vem da sacola a meus pés.

O sorriso de Annie desaparece, mas ela o substitui por um falso.

— Tudo bem. Vou fazer isso.

Skyler aponta para ela.

— Eu tenho uma blusa igual! Confortável, né? E ficou ótima em você! — Minha mulher fala do jeito que só ela consegue. Exuberância devia ser o nome do meio de Skyler, não Paige.

O sorriso verdadeiro de Annie volta, como um patinho feio que acaba de ouvir que é bonito.

— É mesmo? — diz, elevando a voz com alegria. — Estou usando uma peça igual à da Skyler Paige! Ai, meu Deus. Vou ligar para a minha mãe para contar. Ela vai morrer!

Skyler ri.

— Que bobaginha.

— Bobaginha... — murmuro. — Alguém andou falando com a minha mãe de novo.

Ela dá aquele sorriso de gato que comeu o canário.

— Se você quiser, eu posso autografar alguma coisa para você e a sua mãe. Aí você pode surpreendê-la.

Annie arregala os olhos.

— Você é... única — diz com admiração.

— Que nada! Eu sei como é. As mães são muito importantes. Nós temos que fazer com que se sintam especiais o máximo possível.

Skyler tira meu bloco de papel de baixo de uma pilha de pastas, esfregando no processo o belo traseiro em meu membro prestes a endurecer. Um toque dela e a fera já fica em alerta. Caramba, adolescentes têm menos ereções involuntárias do que eu!

— Qual é o nome da sua mãe? — pergunta, pegando uma caneta e tirando a tampa... com os dentes.

Eu gemo e jogo a cabeça para trás, pressionando as têmporas com os polegares e os indicadores.

Não fique duro. Não fique duro.

— Trudy.

Skyler cutuca a bochecha com a língua, e juro que tudo em que posso pensar é no meu pau cutucando sua boca desse jeito.

De volta à ladainha: *Não fique duro. Não fique duro.*

Mordo o lábio e espero enquanto Skyler escreve duas mensagens, uma para Annie e outra para sua mãe. Então arranca as folhas do bloco.

— Pronto. Agora você vai ganhar o título de melhor filha do mundo!

Annie pega as folhas e as lê uma vez, duas vezes, depois uma terceira vez. Passa os dedos pelos autógrafos com reverência antes de olhar para nós. E fala com a voz trêmula:

— Obrigada. Muito obrigada. Eu sabia que você era incrível.

— Ah, que fofa. Agora, se nos der licença — Skyler pede, esfregando o nariz no meu rosto —, eu tenho um encontro com este gostosão.

Annie ergue as sobrancelhas.

— Ah... Sim, claro. — Pega os dois sacos de papel e se apressa para fora da sala com as folhas autografadas na outra mão. — Se eu puder fazer mais alguma coisa por vocês, é só me avisar — oferece antes de sair.

— Onde estávamos? — pergunto, travando os braços em volta da cintura da minha garota e colando a testa na dela.

— Ela é boazinha, né? — Skyler comenta enquanto beija meu rosto.

— Áhã. Muito boazinha. Então, o que você trouxe que está me deixando com água na boca e querendo chorar de alegria?

Ela sorri e se afasta para poder ver meu rosto inteiro. À luz da janela, está incrivelmente bonita. Sua pele bronzeada brilha, e dá para ver magnificamente cada mancha dourada de seus olhos castanhos.

— Eu fiz lasanha e salada. E trouxe uma baguete.

Levanto uma sobrancelha.

— Você fez tudo isso depois que eu te deixei saciada e cochilando hoje de manhã?

Ela assente.

— Sim. O Nate e a Rachel me levaram ao mercado e eu enchi a despensa.

— Encheu a despensa? Achei que ia mudar de ideia e voltar para Nova York esta semana, antes de eu ir para Berlim com os rapazes e você fazer a turnê de divulgação do filme.

— Não. Eu resolvi conhecer a minha nova cidade. O Nate já escolheu o Range Rover para mandar personalizar. É exatamente igual ao que alugávamos. — Ela revira os olhos, divertida.

— Que bom. — Sorrio. — Como foi no mercado?

Seu sorriso desaparece.

— No começo foi tudo bem. Mas aí uma mulher me reconheceu e pirou. Não do tipo me abraçar e pedir um autógrafo. Ela literalmente começou a gritar. Daí desmaiou, bem no meio da seção de congelados. — Sky deixa cair os ombros, suspirando e saindo do meu colo. — É uma merda. Eu adoro o meu trabalho, não existe outra profissão no mundo para mim, mas às vezes... às vezes é uma merda ser famosa.

Eu me inclino para a frente enquanto ela tira os potes da sacola que trouxe e coloca um diante de mim e um do outro lado.

— E o que vocês fizeram? — pergunto, pegando da mão dela os talheres enrolados no guardanapo.

— A Rachel ajudou a mulher e alguém chamou uma ambulância. Foi só um desmaio, mas, como aconteceu no meio do mercado, foi um problemão. Da próxima vez que eu for a algum lugar, vou usar um disfarce. — Ela solta outro suspiro enquanto se senta a minha frente e abre a tampa do seu pote.

O vapor sobe do recipiente, e o cheiro de alho e queijo atinge meu nariz como um duplo soco de fome. Meu estômago ronca.

Sky aponta com seu garfo para o meu pote.

— Coma enquanto está quente.

Deixo de lado os talheres e abro a tampa.

— Meu pêssego, vai levar algum tempo até você encontrar os lugares que pode frequentar sem se preocupar com a reação das pessoas. Você sabe disso, né?

Ela anui, mas franze os lábios.

— Eu acho que, por ter ficado dentro da nossa bolha de normalidade na semana passada, acabei me acostumando. — Ela sopra para cima, agitando as camadas mais longas da franja que cobre sua testa. — Não acho que seja pedir demais não ser reconhecida, ou ser deixada em paz. Eu já devia estar acostumada, mas não estou. Adoraria poder escolher minhas verduras sem ser incomodada por causa de um autógrafo ou de uma selfie, ou por uma pessoa

dizendo que me ama, que adora os meus filmes. É o céu e o inferno ao mesmo tempo, sabe?

Pouso a mão sobre a dela do outro lado da mesa.

— Não sei muito bem, mas, quando estamos juntos e os paparazzi surgem do nada, acho que tenho uma ideia do que você precisa enfrentar. Lamento, baby.

Ela dá de ombros e passa a mão pelo rabo de cavalo.

— Tudo bem. Estou sendo dramática. Mas você devia ter visto aquela mulher. Ela estava carregando dois pacotes de frutas vermelhas congeladas, e de repente revirou os olhos e caiu feito um pino de boliche.

Morro de rir, o que faz Skyler gargalhar também, com o garfo ainda na boca.

— Pelo menos nós podemos rir, já que ela não se machucou — digo.

— Verdade. Muito obrigada, meu bem.

— Por quê? Você que trouxe o almoço. E está excelente, aliás — elogio, dando mais uma garfada dessa delícia cheia de queijo.

— Obrigada por ser você. Por entender, por me deixar desabafar.

— Você sempre pode contar comigo, Sky.

Ela inclina a cabeça, fixa os olhos nos meus e faz meu coração parar com suas palavras:

— Eu sou tão feliz por você ter batido na minha porta naquele dia.

— Eu também. Agradeço ao cara lá de cima todos os dias. Agora coma. Eu preciso trabalhar para poder voltar logo para casa e ver a minha namorada.

— Ah... imagino que ela não seja do tipo que fica esperando o dia todo — ela retruca, mordendo um pedaço de pão grande demais para sua boca.

— Não, a minha garota não precisa esperar. Eu corro o dia todo só para chegar à melhor parte: o instante em que ela abre a porta e eu a vejo sorrir.

Sky limpa a boca graciosamente e solta um comentário mordaz:

— Nossa, eu devia ter trazido vinho para acompanhar esse biscoito que você acabou de me dar.

Jogo meu guardanapo em seu rosto risonho, e ela joga o dela em mim.

Riso e amor. Não há nada melhor que isso.

4

A primeira classe está movimentada enquanto os rapazes e eu nos acomodamos. Royce ocupa o assento da janela, pois sabe que eu não faço questão de olhar para fora. Para mim, aviões são como trens ou ônibus flutuantes — basta deixar o movimento me fazer dormir, aceitar as duas ou três refeições que não precisei preparar e atualizar o trabalho, a leitura ou o filme mais recente. O voo para Berlim vai levar cerca de dez horas, e, como é noturno, vamos conseguir nos adaptar ao fuso horário europeu bem rápido.

Bo pega a poltrona do corredor ao lado da minha e estica as longas pernas. Royce me entrega seu paletó, que eu passo à comissária de bordo com o meu. Vamos encontrar o cliente logo depois que pousarmos. Nós três concordamos que essa viagem duraria no máximo uma semana. Temos uma lista de clientes esperando, e o próximo está em Washington. Eu esperava escapar deste, mas, como tive mais tempo livre que os rapazes ultimamente, preciso estar disponível. O que é um saco, porque eu queria passar mais tempo mostrando Boston a Skyler. Claro, isso se ela estiver na cidade.

Pedimos nossas bebidas à comissária de bordo. Vou direto para o melhor e escolho um uísque. Quero dormir neste voo. Skyler me manteve acordado a noite toda com seus atributos femininos. Desde que ela alugou o apartamento em Boston, está insaciável. Já estreamos quase todas as superfícies, para “criar memórias” no novo apartamento e torná-lo nosso, não só dela. Não que eu me importe com isso. Tudo que eu quero é transar com a minha namorada com a maior frequência possível. Então o plano dela serviu para mim... perfeitamente.

Sorrio enquanto a comissária nos entrega as bebidas e vai atender outros passageiros.

— Como foram as coisas com a Sky quando você foi embora hoje? — Roy pergunta, bebendo seu uísque puro.

— Tudo bem. Mas preciso confessar que eu não imaginava que ela fosse alugar um apartamento na cidade.

Ele sorri com suavidade e aponta para mim com um dedo, enquanto com os outros quatro segura o copo de uísque.

— Você não acha que merece uma mulher como ela?

Dou de ombros e penso na pergunta.

— A verdade?

— Sempre, irmão, sempre.

— No começo eu não achava. Aliás, nem no meio do relacionamento. Mas muita coisa mudou nos últimos dois meses, especialmente depois do rompimento e do tempo que passamos em Londres e Paris. É como se nós dois juntos fizéssemos sentido agora. Pode não ser fácil. Namorar uma celebridade do calibre dela não seria fácil para ninguém. Muitos problemas de segurança e preocupações da vida real podem atrapalhar, mas nós conversamos sobre tudo e mantemos a comunicação aberta o tempo todo.

Roy anui, ouvindo atentamente.

— Quando ela alugou o apartamento no prédio da IG — digo, sacudindo a cabeça —, foi como se alguma coisa se abrisse em mim.

— Aceitação? — ele sugere.

— Sim. — Bebo o uísque e deixo o líquido aquecer minha garganta e minhas entranhas. — Ela pode ser tudo que eu poderia querer em uma mulher, mas o fato de se mudar para Boston, se dedicar a conhecer vocês, a minha família, bateu forte.

— Como assim? — Ele concentra em mim os olhos negros como carvão. Nem nota as pessoas agitadas ao redor procurando seus lugares, ou o sujeito tirando algo do compartimento de bagagem e batendo a tampa.

— Talvez eu seja o que ela sempre procurou, tudo que ela sempre quis em um homem...

Royce ergue a sobrancelha, em dúvida.

— Tudo bem, talvez sem os problemas de confiança — admito.

Ele sorri.

— Eu não queria dizer, mas você concluiu sozinho. — Suas palavras são acompanhadas de um riso grave. — Se o que estou ouvindo estiver correto, vocês resolveram as diferenças em relação aos seus ex e, claro, à Sophie.

Suspiro e encosto a cabeça na poltrona de couro.

— Honestamente, eu acho que sim. Não posso dizer que coisas não vão acontecer. Nunca vou achar normal o Johan fazer parte da vida dela, assim como ela não gostaria se a Kayla aparecesse de repente. Mas a Sophie é outra história, e ela sabe disso. A Sossa é minha amiga, e nessa última viagem eu acho que a Sky entendeu que a nossa relação é baseada na amizade, não no amor romântico.

Royce respira fundo.

— Não sei como você conseguiu. Nunca conheci uma mulher que ficasse de boa com o fato de o namorado ser amigo de uma mulher com quem já transou.

Eu rio e reclino a poltrona para ficar mais confortável.

— Talvez seja porque a Sophie e eu não moramos no mesmo continente.

Ele aponta para mim de novo.

— Agora sim faz sentido.

Rimos. Meu celular avisa que recebi um e-mail. Olho para a tela e vejo um endereço familiar.

De: Paul Ellis

Para: Parker Ellis

Assunto: Berlim ou nada

P-Drive,

Acabei de falar com a mamãe! Eu sei, muito tempo sem notícias, foi mau. Fiquei infiltrado um tempo, mas finalmente estou livre. Pelo menos por enquanto. Estou na Europa e ia voltar para casa daqui a alguns dias. A mamãe disse que você está indo para Berlim hoje, e eu vou estar em Frankfurt amanhã. Posso ir para Berlim te encontrar. Faz muito tempo, mano. Tempo demais. Estou com saudade da sua cara feia. Me passe as suas coordenadas quando puder.

Mande um oi para o Royce. Diga ao Bo que ele ainda me deve vinte dólares pelo último futebol fantasy que perdeu.

Vê se arranja um tempo para o seu irmão mais velho, beleza? Precisamos conversar. Tenho uma coisa para te contar.
O mais atraente dos irmãos Ellis,
Paul

P.S.: Você está mesmo comendo a Skyler Paige?

— Puta merda! — ofego, relendo o e-mail do meu irmão. Não o vejo há dois anos, e não falo com ele há mais de seis meses.

— Que foi? — Bo estreita o olhar para mim.

Royce se debruça sobre meu celular enquanto leio a mensagem pela terceira vez.

Tenho que segurar as lágrimas. Honestamente, sempre imaginei que a próxima mensagem que receberíamos sobre Paul seria dizendo que ele tinha morrido em batalha. Ele nunca passou mais de seis meses sem fazer contato. Minha mãe deve estar muito emocionada. Porra, não posso ligar para ela agora, porque o comandante anunciou que o avião está pronto para decolar.

— Caramba, o Paul deu notícias? — Royce comenta por cima do meu ombro.

Anuo e lhe entrego o telefone. Ele pega e lê a mensagem antes de passá-lo a Bo, que franze a testa depois de ler.

— O filho da puta é que me deve vinte dólares!

Eu rio quando o sujeito no assento ao lado de Bo resmunga e vira para o outro lado, como se estivesse tentando evitar ser associado ao meu amigo e seu palavreado sujo.

— Porra, quando foi a última vez que você teve notícias do Paul? — Roy pergunta quando Bo me devolve o celular e se inclina sobre o braço da poltrona para participar da conversa.

— Há seis meses. Talvez um pouco mais.

— Pelo menos agora você sabe que ele está bem. Eu me preocupo com o seu irmão — Bo comenta antes de beber um gole de cerveja.

Sacudo a cabeça e suspiro, liberando a preocupação que até o momento nem sabia que tinha com o meu irmão.

— Caralho... — Passo a mão pelo cabelo. — Ele está bem. Tem alguma coisa para me contar e planos de voltar para casa. Meus pais vão pirar. Vão ficar superfelizes.

— É. Você imagina o que ele tem para contar?

Bebo um gole do meu uísque, mas então esvazio o copo. Preciso sentir o líquido queimando.

— Seja o que for, não faz diferença. Desde que ele esteja seguro, e não morto em algum país devastado pela guerra, qualquer coisa está bem para mim.

Royce assente.

— Tem razão. Que bom que o seu irmão está voltando para casa. — Estende o punho fechado para mim, e eu bato no dele com o meu.

— Legal que o Paul está voltando. — Bo se reclina e estica as pernas, virando a cabeça para o lado para poder olhar para mim. E acrescenta, sério: — Mas é ele quem me deve vinte dólares, e eu vou cobrar.

O riso toma conta de nós três. Eu me reclino e ergo a mão, segurando o copo vazio, até que a comissária vê e acena com a cabeça.

— Valeu, irmãos.

— Por quê? — Royce quer saber.

— Por serem meus amigos.

— Ah, essa é a parte fácil. Família é na alegria e na tristeza. Certo, Bogey? Bo rosna ao ouvir o apelido, suga sua cerveja até só sobrar a borra e anui.

— É isso aí.

Inspiro longa e profundamente.

— Tem família de todo jeito.



Os escritórios da OhM Motors estão situados no coração de Berlim. Eles também têm escritórios e fábricas em países parceiros — Estados Unidos, França, Japão e Índia. Quando chegamos, estamos o mais apresentáveis possível, depois de escovar os dentes no avião e limpar o rosto com a toalhinha quente que eles nos dão antes da aterrissagem. Até Bo está de blazer, com jeans

preto, suas eternas botas de motociclista e uma camiseta mais elegante que o normal, com decote V.

Bo é Bo e, independentemente do que esteja vestindo, é um membro valioso da nossa equipe. Ele usa o que acha que mostra o seu melhor. Quem sou eu para julgar?

No extremo oposto, Royce está de terno preto Tom Ford com caimento perfeito e uma camisa rosa risca de giz com abotoaduras de prata — aparência de um milhão de dólares. Eu fico no meio, de terno azul-marinho Hugo Boss e camisa branca, gravata listrada de verde e azul e meus Ferragamo marrons.

Este trabalho, apesar de durar apenas uma semana, está pagando duzentos e cinquenta mil pelos nossos serviços completos — daí a presença de toda a equipe. Exceto, claro, a nossa ruiva, que ficou em casa. Preciso lhe avisar que chegamos bem e saber como ela está. Não que ela já não tenha rastreado nossos cartões de crédito... Ela seria capaz de colocar rastreadores na nossa carteira quando não estivéssemos olhando.

A mulher é paranoica.

Mas, vendo as coisas sob a perspectiva dela, Wendy foi baleada no trabalho por uma lunática. Nós somos sua única família além de Mick. Ela é meio superprotetora, mas, francamente, não me importo. Não faz mal a mim nem aos rapazes, e, se algo der errado, vamos ter reforço.

Royce abre a porta dos escritórios da OhM, no centro da antiga Berlim Oriental. Imediatamente somos recebidos por uma recepcionista e levados até um conjunto de portas duplas. Ela bate, diz alguma coisa em alemão e abre a porta.

— Podem entrar. A sra. Schmidt está esperando.

Monika Schmidt é uma loira alta, escultural, de olhos azuis e traços marcantes. Ela me faz lembrar a modelo preferida da minha mãe, Claudia Schiffer — maçãs salientes, rosto comprido e lábios naturalmente carnudos, em forma de coração. Só que essa mulher não parece uma modelo de passarela; parece pronta para uma batalha no tribunal. Seu tailleur é cinza-escuro com pespontos pretos. A saia lápis tem um plissado atrás e cai como uma luva. Seu cabelo platinado está preso em um coque apertado na nuca. A maquiagem é simples, sem frescura, e não apaga sua beleza natural.

— Monika Schmidt. Bem-vindos à OhM Motors — ela diz em inglês com sotaque alemão, mas pronúncia perfeita. — É um prazer recebê-los e já podermos começar a trabalhar.

Tudo bem, sem rodeios e lisonjas desta vez. Ela deve ser a melhor jogadora de Banco Imobiliário do mundo.

Aperto a mão que ela estende.

— Sra. Schmidt, obrigado por nos receber. Estamos ansiosos para saber mais sobre a sua empresa e os lançamentos ao redor do mundo.

Depois de apertar a mão de Bo e Royce, ela indica uma mesa de reunião ao lado da sua. Nada de poltronas confortáveis aqui. É tudo trabalho.

Cada um de nós se acomoda em uma cadeira, então ela pega um controle remoto e aperta um botão. Uma grande tela de projeção desce do teto, as luzes se apagam e aparece um vídeo.

— Eu quero que vocês assistam a dois vídeos feitos por duas agências de marketing diferentes, mas igualmente reconhecidas, sobre os nossos produtos e os lançamentos da companhia. Gostaria de ouvir a opinião de vocês primeiro.

— Tudo bem — digo, indicando a tela.

Ela anui e os vídeos começam.

O primeiro é de uma mulher sexy com um vestido chique, cheia de “Ohs!” e “Ahs!” ao lado de um dos melhores carros que a empresa automotiva vai lançar.

Pelo material que li, eles vão lançar seis veículos ao mesmo tempo. Mas são modelos únicos. A montadora cria somente veículos híbridos, ecológicos e de alto desempenho. Muito parecida com a Tesla, nos Estados Unidos, mas esta marca oferece a opção híbrida a gasolina e elétrica. A gasolina carrega a bateria e o carro pode fazer mais quilômetros com menos emissão de poluentes e menos combustível.

Um homem pega a mão da mulher e a beija, depois dança valsa com ela em volta do carro, como se estivessem em um salão de baile. Eu me encolho e bocejo. O jet lag está começando a bater. Bo alisa o cavanhaque, observando atentamente a tela. Royce analisa o casal dançando, então a imagem muda para a mulher grávida e o sujeito dançando com ela em volta do carro de novo. Essa cena faz Royce torcer os lábios, como se estivesse sentindo um cheiro ruim. A última imagem é do homem dançando ao redor do carro com a filha a seus pés

e a mulher com uma criança no colo. O logotipo da OhM Motors aparece na tela, seguido do slogan “Dance seu caminho para o futuro”.

— Algum comentário?

Nós três nos entreolhamos, e eu levanto a mão.

— Vamos ver o próximo antes de comentar.

Monika contrai os lábios enquanto aperta play para o próximo.

A tela ganha vida de novo, mostrando um dos crossovers da OhM em uma pista de corrida. Ao lado dele, um Mercedes, um Audi, um BMW, um Porsche e um Lexus, todos na versão crossover. A bandeira verde sobe. Reviro os olhos enquanto os seis carros voam pela pista. Claro que o crossover da OhM vence. Então, de cada carro sai uma mulher entre trinta e quarenta anos. O logotipo da montadora aparece na tela e termina com o slogan: “Não aceite o segundo lugar. Corra pela vida em grande estilo”.

Preciso piscar diversas vezes para despertar minha mente do tédio extremo que esses dois vídeos me causaram.

Monika aperta um botão e cruza os braços.

— Opiniões?

— São péssimos — Bo afirma, categórico.

— Eu não compraria o carro — Royce resmunga.

Viro para ela.

— Não queremos menosprezar o esforço das agências de marketing que vocês contrataram, mas, depois de ver o que elas produziram, eu entendo mais claramente por que você nos chamou.

— Bom, ouvi dizer que vocês são os melhores em situações excepcionais.

— É mesmo? Quem disse isso?

— Alexis Stanton. Nós usamos a tecnologia da empresa dela. A Alexis me contou que vocês resolveram um problema para ela e me convenceu de que poderiam resolver o meu. Vejam, eu tenho exatamente um mês para desenvolver uma nova campanha e distribuí-la aos nossos quatro parceiros na França, Estados Unidos, Japão e Índia. Estes vídeos não vão conseguir lançar uma nova marca automotiva que precisa vender bem em um mercado global. Eu gostaria de ouvir algumas das suas ideias iniciais.

Pego minha maleta e tiro quatro pastas que Annie montou depois que nós três fizemos nossas pesquisas sobre a OhM Motors. Entrego uma para cada um.

— Primeiro, vamos falar sobre o que não gostamos nos vídeos — digo para o grupo.

— Eles têm o foco muito estreito. O primeiro mostra um homem e uma mulher com roupa sofisticada, o que imediatamente faz as pessoas pensarem em dinheiro. Depois mostra a família crescendo, de modo que você basicamente apresenta o veículo como um carro para uma família rica — Royce observa.

— O segundo usou uma pista de corrida — Bo intervém. — Imediatamente eu penso em homens e esportes. Daí mostra um monte de mulheres que parecem estar no estágio de formar uma família. E os homens, ou as pessoas solteiras que querem um carro novo?

— Minhas preocupações são essas, mas também o fato de que o carro assumiu um papel quase secundário em relação às pessoas — digo. — O carro precisa ser parte do cenário maior. Eu entendo que vocês estavam tentando mostrar que ele pode nos acompanhar no decorrer da vida, mas, na minha opinião, não foi do jeito certo.

Monika bate a caneta nos lábios.

— E como vocês mudariam esses conceitos?

— Abra a pasta. Vamos falar sobre as características com as quais queremos impressionar todos os compradores, não só um grupo demográfico. O que tem de especial nos veículos da OhM? — pergunto.

— Ecologicamente corretos. Como os carros são híbridos, o usuário produz menos poluição e usa menos combustível — Royce responde. — E isso também torna o carro economicamente atraente, porque não gasta tanto combustível. Então a pessoa economiza dinheiro e poupa o meio ambiente.

— Exatamente — digo, apontando para ele. — Economiza dinheiro e salva o meio ambiente. Bo?

Ele gira a caneta na mão.

— Os seis modelos que serão lançados são de alto desempenho. Isso é atraente para o público masculino, seja um apaixonado por carros, um universitário, um atleta, um empresário, um pai ou um avô. Não é nenhum segredo que os homens tendem a gostar de máquinas rápidas e bem lubrificadas. Nós podemos até brincar dizendo que está no nosso DNA.

— Os veículos têm alto desempenho. Muito bem — continuo. — Eu também notei que cada um atende a um tamanho. Temos a moto, o carro de dois lugares, a caminhonete, o sedã, o crossover e o SUV completo. Tem um jogo de números aí. Um, dois, três, se você colocar um cachorro na caminhonete, quatro para o sedã, cinco para o crossover e seis para o SUV. O que significa que...

— Nós atendemos a todos — Monika completa, rabiscando em seu bloco de papel.

— Bingo! O que queremos fazer com a campanha é mostrar tudo isso, para que vocês possam alcançar todos os grupos demográficos. Se quiser fazer depois uma série de campanhas menores para cada veículo, promovendo-os para um público específico, seria bom. Mas por enquanto, se você vai lançar um carro novo no mercado atual, onde os seus concorrentes são carros no estilo americano *ou* o europeu de luxo e o Tesla ecologicamente correto, tem que agradar a todos.

Ela anui e continua escrevendo.

— Muito bem. Como vocês propõem que façamos isso?

— Bom, nós três trocamos ideias, mas eu gostaria de ver os veículos pessoalmente, para ter uma ideia do que estamos vendendo, fazer um test drive. Depois, acho que vou dar um telefonema para um amigo meu.

— Quem? — Bo pergunta.

— O Pritchard.

— Ótimo — ele acrescenta, seco.

Royce arregala os olhos, mas concorda com a cabeça.

— O sujeito sabe controlar as coisas.

— Exatamente. E nós estamos com um prazo apertado. Para que a campanha esteja totalmente desenvolvida em um mês, precisamos gravar esta semana e preparar material impresso, criar comerciais, exposições dos veículos, grupos de usuários etc. Ele é uma pessoa que faria de tudo para nos ajudar e tem os contatos certos.

Na semana passada, quando visitamos Mick e Wendy mais uma vez, descobri que ele não é dono só de uma das maiores agências de publicidade dos Estados Unidos como também de editoras, gráficas, agências de modelos —

basicamente qualquer coisa que envolva marketing e publicidade, até gráficas rápidas que imprimem cartões de visita.

O cara tem um sério problema com controle e privacidade. Gosta de tocar um projeto desde a semente até a floração, por isso é multimilionário vezes cem. Não que pudéssemos notar esse nível de sucesso escondido sob seus ternos caros. Ele só parecia ser o namorado controlador e amoroso da minha assistente. Agora que o estou conhecendo melhor, ele vem mostrando um lado totalmente novo, que está começando a se ramificar. Está aprendendo a confiar em outras pessoas além da noiva. Ainda tem um longo caminho pela frente com a nossa equipe, mas vamos chegar lá juntos. Bem, pelo menos Royce e eu.

— Michael Pritchard? — Monika pergunta, e seus olhos se iluminam. — Nós oferecemos o projeto para ele, mas ele recusou.

Franzo a testa, me reclino na cadeira e puxo o tornozelo para apoiá-lo no joelho.

— É mesmo? Por alguma razão em particular?

Ela inspira e expira, como se estivesse se centrando.

— O Michael e eu tivemos um relacionamento. Foi há muito tempo, mas ele não é o tipo de homem que mistura negócios com prazer.

Caramba.

Agora a coisa ficou muito mais interessante.

— Juuuura? — Bo diz, com um sarcasmo inconfundível.

Ela dá de ombros.

— Isso não é problema. Eu sou casada. E ele deve ser também, pelo que fiquei sabendo. Mesmo assim, a coisa não terminou bem... Duvido que ele ajude vocês. O Michael que eu conheço raramente muda de ideia.

Abro um sorriso largo.

— Ele vai mudar de ideia.

— Você acha mesmo? — ela pergunta, inclinando a cabeça.

Seu olhar azul penetra o meu, curioso. Espero que só tenha encontrado confiança em meus olhos.

— Sim. Nós temos uma carta na manga para usar com o nosso amigo Mick.

Royce sacode a cabeça.

— Você vai mesmo fazer isso, né, Park? Logo agora que nós suavizamos as coisas? Você vai falar com a Wendy.

Abro um sorriso largo.

— Só se ele disser não.

Bo gargalha, balançando para a frente e para trás na cadeira.

— Pedir para a mamãe se o papai disser não? Adorei.

— Se for preciso, mas acho que não vai ser. O Mick e eu estamos nos entendendo ultimamente — digo, olhando para meus dois irmãos. — Vocês vão ver.

5

— De jeito nenhum! Ellis, não faça isso. Você não sabe no que está se metendo. E eu não vou pôr em risco o relacionamento com o amor da minha vida por causa de um negócio para a IG. — O tom de Mick não admite argumentos, mas eu prossigo.

— Mick, ajudar a IG ajudaria muito a deixar a Wendy feliz.

E é verdade. Eu sei que Wendy tem interesse no bem-estar da International Guy e nosso. Nós somos como seus irmãos mais velhos. Se seu noivo trabalhasse conosco, ela ficaria muito empolgada, tenho certeza. E o que faz Wendy feliz deixa todo mundo feliz. Especialmente Mick.

— Você não sabe a história que...

Conto o que a cliente nos disse na reunião:

— A Monika mencionou que você recusou o trabalho e que vocês tiveram um relacionamento...

Ele ergue a voz ao responder:

— Essa mulher me *destruiu*. Não vou deixar que ela coloque as garras em mim de novo.

Fecho os olhos e esfrego as têmporas enquanto pressiono o celular no ouvido. *Merda. A coisa não está saindo como eu esperava.*

— Não seria preciso. Você tem a Wendy, lembra? Além disso, ela é casada e não guardou ressentimentos...

— Ah, claro que não... Eu terminei com ela — ele diz, irado.

— Olha, esse é um grande contrato para a IG e uma oportunidade para a sua empresa participar da fase inicial de lançamento de uma indústria

automotiva. O que eles estão fazendo é novo, moderno e sem precedentes, mas nós precisamos da sua ajuda para decolar. *Eu* preciso da sua ajuda.

— Parker... — Mick suspira e pigarreja — você não entende.

— O que é que eu não entendo? Diga que eu vou dar um jeito. Seja qual for a complicação, ou por mais que tenha sido ruim, acredite, eu sou bom em consertar as coisas. É o que eu faço: resolver os problemas das pessoas.

— Você não pode resolver o que ela fez. Os círculos que a Monika, a Wendy e eu frequentamos não fazem parte do seu mundo.

Faço uma careta, andando através do quarto de hotel.

— Imagino que você esteja se referindo ao estilo de vida sadomasoquista.

— De certo modo, sim. Existem linhas que não podem ser cruzadas. E ela cruzou. Eu levei anos para confiar em outra submissa de novo. Só quando encontrei a Wendy eu renasci, decidi viver de novo.

— Mick, eu tive uma mulher no passado que me traiu feio. Isso me impediu de confiar nas mulheres por um longo tempo. Até que eu conheci a Sky. E, mesmo assim, quase estraguei tudo por causa dos demônios do passado. O melhor conselho que eu posso te dar é não varrer essas coisas para baixo do tapete, e sim arejar tudo. Processe tudo com a Wendy, comigo. Eu sou seu amigo. Não tem nada que eu não faria para te ajudar. Especialmente agora, depois do que a Wendy passou. — Aperto os dentes e respiro fundo para poder dizer o que preciso. — Eu sofro todos os dias por ela, cara. Todos os malditos dias. Queria que as coisas fossem diferentes, mas ignorar e afogar a dor não funciona em longo prazo. Faz você não poder ajudar um amigo quando ele precisa da sua experiência.

Uma pequena dose da culpa católica que minha mãe me ensinou faz Mick ficar mudo. Por dez longos segundos, não há nada além de silêncio.

— Eu preciso falar com a Wendy, contar a ela sobre a Monika. Vou deixar que ela decida se eu posso ajudar vocês ou não.

— Ótimo, cara! Valeu.

Wendy vai convencê-lo rapidinho. É a IG, e ela é cem por cento membro da equipe. Eu sei que posso contar com ela.

— Não me agradeça ainda. Eu preciso falar com a minha mulher sobre isso. Não sei como ela vai reagir.

— Independentemente disso, eu agradeço por você estar disposto a ajudar. Sabe, você poderia me contar o que aconteceu, suavizar o choque de falar sobre isso.

Sento na cama macia e levanto a perna, apoiando o tornozelo no joelho oposto.

— Merda — Mick praticamente rosna. — Foi há muito tempo. Eu estava com vinte e poucos anos, tinha acabado de sair da faculdade, já administrava a minha empresa e ganhava mais dinheiro do que achava possível. Mesmo com a herança da família, eu queria construir o meu próprio império. A coisa explodiu globalmente, tanto que acabei na Alemanha, abrindo outro braço da empresa lá. Foi quando conheci a Monika. Ela foi minha funcionária. A inteligência dela foi o que me atraiu primeiro. Claro, o fato de ela ter um belo par de pernas não atrapalhou. Bom, você a conheceu.

Sorrio.

— Sim, conheci. Muito bonita. Mas não é a Wendy.

Mick ri.

— Ninguém no mundo é como a Wendy. Eu comparo todos os seres humanos com ela. Ela é fiel a si mesma e aos outros o tempo todo. Existe uma liberdade na Wendy que me encanta. Eu quero segurar isso na mão, fazê-la minha para sempre. E eu vou fazer... mas porque ela vai deixar, não porque eu exija.

Suas palavras fazem meus pensamentos divagarem para Skyler. Meu mundo é muito diferente agora que ela faz parte dele. Nosso comprometimento um com o outro nunca foi tão sólido, e eu faria de tudo para protegê-lo — e imagino que Michael se sinta da mesma forma em relação ao que precisa contar a Wendy sobre Monika.

— A Wendy é única. Eu entendo que você queira protegê-la de tudo. Mas não pode protegê-la do passado nem impedir que ele surja de vez em quando. Eu aprendi essa lição da maneira mais difícil com a Sky. Imagino que a Wendy te contou sobre o Johan.

Ele suspira.

— Sim. Ela quase perdeu a cabeça pelo que estava acontecendo entre você e a Sky. E ficou muito aliviada quando vocês fizeram as pazes. Eu também, porque gosto da Skyler. A maneira como ela ama, profundamente, me faz

lembrar a Wendy. Dá para ver nos olhos o que ela sente em relação a uma pessoa. O jeito como ela olha é muito revelador.

Eu sorrio e me inclino para a frente, apoiado nas pernas.

— É... mas vamos voltar à Monika. Você ia me contar por que teve uma reação tão dura à possibilidade de trabalhar com ela.

O som de Michael andando pelo escritório passa uma imagem clara. Posso vê-lo servindo uma bebida de seu decantador de cristal, sentando à sua enorme mesa de mogno, olhando a paisagem exuberante de sua mansão em Boston.

— Nós ficamos juntos por cinco anos. Ela era minha submissa. E, nesse estilo de vida, é comum frequentar clubes privados, onde às vezes praticamos atos consensuais com outros casais. A Monika era aventureira. Em casa e no trabalho, ela era reservada, uma namorada amorosa, dedicada e submissa. Mas, no clube, era uma prostituta. Preferia praticar suas excentricidades com muitos parceiros. Havia um em particular, o dono, que gostava dela. Quando um submisso consente em compartilhar, a permissão final é do dominador. Fui ficando incomodado, porque eu não gostava de compartilhar. Descobri que eu não queria isso, e nem ultrapassaria as limitações dela só porque ela estava à minha disposição.

Senhor... esse não é o tipo de conversa que achei que teríamos. Por dentro estou gritando: “Me poupe dos detalhes!”, mas já entrei na toca do coelho. Não há esperança de encontrar a saída tão cedo.

— Hum. Faz sentido. — Pronuncio as palavras, mas não faço ideia se o que ele está dizendo é razoável nesse tipo de mundo.

— Nos relacionamentos sadomasoquistas, com dominador e submisso, a confiança é crucial. Mais que tudo, a confiança é essencial, senão os jogos físicos e mentais não são agradáveis para nenhuma das partes. Eu não queria machucar a Monika do jeito que ela gostava. Ela queria que fosse até sangrar. Eu não machuco a pele da mulher que amo de um jeito que não cicatrize rápido ou exija curativos. O que eu não sabia era que, escondida de mim, ela começou a sair com o dono do clube, que a machucava como ela queria. Ela passou a mentir para mim e ia para o clube na surdina quando eu viajava a trabalho, me traindo várias vezes. Até que me traiu de um jeito que não deu para negar.

— Puta merda, Mick. Que chato, irmão. Só posso dizer que eu entendo. Eu entendo você.

— Imagino que sim, senão você não teria tido o problema que teve com a Skyler. Enfim, a Monika deu um passo além da traição emocional e física. Ela engravidou e tentou me convencer de que o filho era meu. Mas a matemática da coisa não fechava. Eu tinha ficado fora por três semanas, justamente no período em que ela engravidou.

— Caraca! — rosno.

Eu me levanto. Preciso andar pelo quarto. Sinto a raiva ferver no estômago. Caramba, e eu achava que com a Kayla tinha sido ruim. Pelo menos ela não mentiu dizendo que estava grávida de mim.

— Quando o bebê nasceu, eu fiz o teste. Não era meu. Não que eu esperasse que fosse...

Solto todo o ar dos pulmões, com a raiva solidária.

— Mick... que merda. Você sabe que a Wendy nunca faria uma coisa dessas, né?

Seu riso explode do outro lado da linha.

— Essa é a razão pela qual eu coloquei um anel no dedo dela e, mais importante, uma coleira.

— A coleira é mais importante que o anel? Pareceu mesmo, quando ela teve um chique no hospital porque cortaram a dela. Pelo anel, ela nem pestanejou.

— No nosso mundo, no nosso estilo de vida, a coleira significa que eu reivindiquei a Wendy para mim. O fato de ela concordar em usá-la todos os dias significa que se entregou a mim de corpo e alma. Um anel é só um símbolo convencional, mas não vou mentir e dizer que não estou interessado em ter o papel legalizando a coisa. Vou pendurar a certidão na parede com orgulho e olhar para ela todos os dias, sabendo que existe uma pessoa na Terra que é verdadeiramente minha e a quem eu pertenço. Entende?

Minha garganta está travada. Difícil encontrar as palavras. A emoção do discurso me atinge.

— Sim, eu entendo. Então você vai contar a ela e pegar um avião para a Alemanha para me ajudar?

Ele respira fundo.

— Sim, vou. Acho que falar com você fez a situação parecer um pouco mais leve. Mas não posso prometer que, se ou quando eu for, ver a Monika não vai despertar sentimentos desagradáveis.

Se eu estivesse ao lado dele, apertaria seu ombro em um gesto solidário. Como não posso fazer isso, me restam as palavras.

— Eu vou estar lá para te dar uma força, como seu amigo. Como alguém que quer que você e a Wendy sejam felizes para sempre.

O silêncio recebe minhas palavras por alguns segundos, até que a voz rouca de Mick o atravessa:

— Eu entendo por que ela te ama.

— Quem, a Skyler?

Ele ri.

— Não, a Wendy. Você é verdadeiro e sincero. Isso é raro, ainda mais em um homem de negócios.

— É... Bom, eu prefiro fazer negócios como vivo a vida: confiando no meu coração. Parece brega... — começo a explicar, mas Mick me interrompe.

— É por isso que você sempre vai ser bem-sucedido. Bom, vou desligar para conversar com a minha amada. A enfermeira já deve estar louca depois de assistir a horas intermináveis de *Days of Our Lives* e reality shows.

— Caramba.

— Pois é. Obrigado pela ligação, Parker. Eu entro em contato.

— Ei...

— Sim?

— Diga a ela que estou com saudade. É sério.

Mais alguns segundos de silêncio preenchem o espaço antes que eu o ouça responder em um tom calmo e sucinto:

— Como quiser.

Desligo, jogo o celular na cama e passo os dedos pelo cabelo algumas vezes. Estou cheio de energia e incerteza depois de ouvir sobre o passado infeliz de Mick. Merda, o que foi que eu pedi para o sujeito fazer? Encontrar a ex que o tratou como lixo. Que mentiu, o traiu e mentiu mais um pouco.

Ando mais rápido pelo quarto, com passos longos. *Sou um idiota*. Um completo idiota. Porra!

Meu celular vibra. Talvez seja um dos caras querendo sair para comer e beber alguma coisa. Bastante coisa. Muita bebida cairia bem agora. Preciso parar de pensar em Mick, Wendy e Monika e focar na criação de uma campanha brilhante para apresentar à equipe.

Pego o telefone e abro as mensagens. Sorrio ao ver o nome do meu irmão.

Paul Gato

Estou em Berlim, no Reingold, na Novalisstrasse 11. Venha beber alguma coisa comigo, mano.

Legal! Dou um soco no ar e abro um sorriso largo. Meu irmão está na cidade. Demais! Estou louco para vê-lo. Passando os olhos por um mapa no celular, descubro que posso chegar depressa ao local, de táxi.

Parker Ellis

Chego em vinte minutos.

Enquanto corro pelo espaço pegando meu blazer, a carteira e o cartão-chave do quarto, o telefone vibra de novo.

Paul Gato

Venha sozinho. É papo entre irmãos.

Franzo a testa. Eu não pretendia chamar Royce e Bo, mas no passado ele ia querer ver os caras. Ele gosta deles tanto quanto eu. O pedido de Paul é estranho. Bom, não vejo meu irmão há dois anos. Talvez ele só queira passar um tempo comigo para conversar sobre a família.

Em vez de responder, ajeito o cabelo. Preciso cortar os cachos rebeldes. Devia ter feito isso em Boston, mas passei o tempo todo brincando de casinha

com Sky e atualizando as coisas da International Guy. Não é um jeito ruim de passar o tempo. O que me lembra que preciso ligar para minha garota.

Desço pelo elevador, saio à rua e pego um táxi, um Audi preto.

— Novalisstrasse 11, Reingold, por favor — digo, com a melhor pronúncia possível.

O taxista parece entender, porque anui e se mescla ao tráfego noturno. Como sei que tenho cerca de quinze minutos, pego o celular no bolso e seleciono o lindo rosto de Skyler em minha lista de favoritos.

— Ouve essa! — Skyler diz ao atender. Sem alô, vai diretamente ao que quer me contar.

— O quê, baby?

Sorrio ao ouvir sua voz. Simples e imensamente reconfortante ao mesmo tempo.

— A Wendy quer amarelo-vivo e toques de verde e branco nas cores do casamento! Não é estranho? E incrível! Ela vai usar margaridas, sabe, aquelas com pétalas brancas e miolo amarelo, além de cravos espalhados por toda parte e grandes gérberas amarelas. Vai ficar irado.

Rio diante da exuberância de seu tom.

— Irado? — Sacudo a cabeça enquanto olho para a parte leste de Berlim.

— Muito! Enfim, como você está? E os meninos, todo mundo bem?

Fecho os olhos e respiro fundo. Ter alguém que me pergunte como estou, se estou bem ou não, querendo saber de verdade... É o que faz sentido. Surge um lampejo do corpo nu de Sky em minha mente. Bem, não é *só isso* que faz sentido. Eu entendo por que Mick quer se amarrar a Wendy pelo resto da vida.

... sabendo que existe uma pessoa na Terra que é verdadeiramente minha e a quem eu pertença. Entende?

As palavras de Mick passam pela minha cabeça como um hamster em uma roda de plástico, girando e girando.

— Sim, meu pêssego, eu estou bem. Os caras também. Você não vai acreditar em quem entrou em contato comigo.

— Quem? — ela diz, com a voz preocupada.

— Meu irmão, Paul. Ele está em Berlim. Estou indo encontrá-lo agora.

Ela suspira.

— Meu Deus! Que maravilha, meu bem. Eu sei que você estava preocupado com ele.

— Mas foi um pouco estranho, chegou um e-mail dele do nada. Ele normalmente liga. E ele mencionou algumas vezes que precisa conversar comigo.

— Humm... Será que ele vai sair do exército? Talvez ele precise de um lugar para ficar. Se for esse o caso, ele pode ficar no seu apartamento e você no meu. O que for mais confortável para ele. Ou ele pode ficar comigo, em um dos quartos de hóspedes. — Ela oferece sua nova casa sem sequer conhecer meu irmão.

— Eu te amo. Já disse isso hoje?

— Não, e nunca me canso de ouvir. Eu também te amo. Você parece triste. Por quê?

Solto um longo suspiro.

— Foi um dia estranho, mas não estou a fim de falar sobre isso. E você? O que está fazendo? Ou melhor, onde você está?

— Em Nova York. No momento estou com a Tracey no Marriott Marquis, na Broadway, onde a imprensa está reunida. Estamos acabando de almoçar rapidinho antes de ir para a segunda rodada com os jornalistas. Ah, e você não sabe...

— O quê? — pergunto, e meu entusiasmo aumenta com a felicidade dela.

— A capa do livro que nós fizemos foi revelada hoje! O terceiro volume da série já é um best-seller, e só vai ser lançado daqui a dois meses! A Geneva está alucinada!

Abro um sorriso largo e aperto o celular no ouvido. Não quero ouvir nada além da alegria da minha garota.

— Que legal, baby.

— É. E adivinhe o que mais! — ela praticamente grita de alegria.

— O quê? — Rio. Adoro cada segundo com ela.

— Eu vou fazer um teste para o papel de Simone Shilling na Trilogia Classe A! Mas acho que vai ser uma saga, porque a Geneva disse para a Amy, agente dela, e a Amy contou para a Tracey, que o terceiro livro vai ser bem longo. O que significa que provavelmente vai sair em duas partes no cinema. Isso pode significar quatro filmes seguidos! E adivinhe o que mais!

Uma gargalhada sai do meu peito.

— Diga. Sou todo ouvidos, meu pêssego.

— Eles vão filmar na costa Leste! Isso significa que eu vou trabalhar em Nova York. Mas a Geneva disse que estava procurando um local mais familiar para o bar onde o personagem Dean trabalha, e eu falei sobre o Lucky's. A equipe de produção vai checar para ver se serve! *Dá para acreditar?! Se rolar, eles vão pagar uma grana preta para o seu pai para poder filmar quando for necessário, e de qualquer maneira podem filmar de manhã, quando está fechado. Ele vai encher a burra de dinheiro!*

— Encher a burra? Baby, onde você aprendeu isso? — provoco.

— Você ouviu *alguma coisa* do que eu disse?! — ela pergunta, elevando a voz e fingindo irritação.

— Sim, sim, eu ouvi. Vai ser demais. Estou muito feliz. Por você e por mim.

— Eu esperava isso mesmo. Estou radiante! E como vai o projeto dos carros?

Sacudo a cabeça de um lado para o outro e aperto os lábios.

— Vai... bem. Nós temos alguns desafios pela frente, mas nada que não possamos resolver.

O táxi para em frente a uma porta enferrujada em que se lê “Reingold Bar” em preto, escrito contra um fundo branco iluminado. Parece um cubículo enfiado entre empresas e prédios de apartamentos.

— Meu pêssego, cheguei. Vou desligar. Divirta-se promovendo o seu filme. Eu ligo de novo amanhã, na hora do almoço aí. Estamos seis horas à frente aqui. Mande uma mensagem se quiser falar mais tarde, para saber se estou acordado. — Pago ao motorista e desço do táxi.

— Tá bom, meu bem. Eu te amo — ela murmura no meu ouvido, doce e sexy, como quando acorda de manhã.

— Eu te amo, Sky. Pra caralho.

— Sonhe comigo, meu bem.

— Eu sempre sonho. — Digo isso porque é verdade. Ela preenche meus pensamentos durante o dia e meus sonhos à noite.

Ouçó o som de um beijinho ao telefone antes de ela desligar.

— Minha garota maluca — sussurro e sacudo a cabeça.

Dou uma olhada no estabelecimento e puxo a maçaneta de ferro fundido. Lá dentro, é um mundo totalmente novo. O lugar é escuro, iluminado pelo brilho suave de uma luz de fundo e tubos fluorescentes vermelhos. Algumas paredes são revestidas com cobre, que brilha sob as luzes embaixo e nas laterais da parede. Couro e madeira abundam, e as mesas de ferro com bancos altos estão espaçadas de um jeito intrincado para permitir capacidade máxima. O lugar já está lotado, e ainda é bem cedo.

Vasculho a escuridão, tentando focar o olhar em algum sujeito volumoso de um metro e noventa, provavelmente usando uniforme do exército ou algo parecido. Meus olhos pousam em costas largas, a cabeça quase toda raspada, mas com uma leve sombra escura, o maxilar forte e esculpido, calça e botas camufladas, camiseta térmica preta de mangas compridas.

A silhueta familiar está falando com o sujeito a sua direita. Vira a cabeça, e seu olhar castanho-escuro chega até mim. Fico parado olhando para meu irmão, vivo e bem. Aqui, a cinco metros de mim. Paul manobra seu grande corpo, desce do banquinho e abre os braços.

— P-Drive! Venha aqui! — diz.

Dou alguns passos rápidos e me jogo nele com tal força que ele tem que dar um passo atrás para não cairmos. Eu o abraço tão apertado que é capaz de sua pele ficar marcada.

— Caralho. Caralho. Caralho — repito com o rosto colado no dele.

A emoção me atravessa como um incêndio. Ele cheira a couro e a protetor solar, algo tão típico do meu irmão que faz minha garganta e meu nariz coçarem.

Ele me dá uns tapinhas nas costas e me abraça apertado. Então me afasta um pouco para poder segurar meu rosto e virar meu queixo.

— Senti falta dessa sua cara, Park. Meu irmãozinho caçula, em carne e osso. — Ele me puxa de volta, e aproveito para abraçá-lo com força mais uma vez. Quero imprimir este momento na alma.

— Dois anos, Paul. Dois longos anos. — Minha voz treme. Limpo a garganta, tentando não deixar as lágrimas rolarem. Mas meus olhos ficam marejados mesmo assim.

Ele anui e bate nas minhas costas mais um monte de vezes.

— Eu sei, eu sei. Vem, vamos tomar uma cerveja.

Aperto seu bíceps, só para manter o contato físico, e percebo que o sujeito está enorme e duro como aço. Como se sua profissão fosse malhar. Seria um bom páreo para Nate.

— Caralho, cara. Tem se exercitado bastante?

Ele me dá um sorriso maroto.

— Estou na minha melhor forma. Não tem muita coisa para fazer além de malhar quando você fica parado esperando ordens em um local secreto.

— É verdade. — Levanto o braço para chamar o barman. — Cerveja. Qualquer uma local que você recomende.

Paul ri.

— Você ainda curte os sabores locais quando se trata de cerveja. Aposto que o papai fica orgulhoso.

Dou de ombros.

— Ele gosta de novas recomendações. E eu bebo de graça no bar dele. É o mínimo que posso fazer.

Paul ergue a cabeça.

— Eu acho que, já que você comprou aquele bar, merece beber de graça.

— Não. Ele criou nós dois, cuidou da gente e da mamãe. Merece ser o próprio patrão.

Meu irmão inspira fundo antes de me dar um tapinha nas costas.

— Estou muito feliz em te ver, Park.

Sorrio do fundo do coração.

— Eu também. Por que você voltou de repente? Vai ficar um tempo, né?

Ele anui.

— Eu cumpri o meu prazo, servi meus doze anos. Se for voltar, vão ser no mínimo mais quatro anos. Talvez tenha chegado o fim da linha para mim em operações especiais... Quem sabe até de serviço.

— Está brincando — digo, sem disfarçar o choque.

Desde que me conheço por gente, tudo que meu irmão sempre quis foi ser soldado. Soldado de operações especiais, de elite. Ele conseguiu isso e mais. E, julgando por todas as medalhas que conquistou, é bom demais nisso.

— Eu não brinco com você, meu trouxa preferido.

É a mesma coisa que ele me dizia quando éramos crianças, e, como naquela época, ele começa a me dar socos no braço. A dor se espalha como lava quente

saindo de um vulcão, do ponto em que ele me acerta até o ombro e o braço.

— Caralho! — Eu o empurro. Esfrego o braço dolorido e meu orgulho ferido. Eu já deveria esperar por isso. — Por que você está pensando em largar?

Ele pega sua cerveja no momento em que o barman põe um copo cheio a minha frente. Deixo a sensação agradável do lúpulo encobrir meu nervosismo e entusiasmo por ver meu irmão pela primeira vez em dois anos, vivo e sentado bem aqui ao meu lado.

Ele inclina a cabeça sobre o ombro para olhar para mim, e seu olhar fica sério de repente.

— Estou pensando em sossegar.

Se eu não estivesse segurando meu copo apoiado no balcão, teria deixado cair no chão.

— Você conheceu uma mulher... A mamãe vai pirar. Entre eu namorar a Skyler e você encontrar uma garota legal para levar para casa... Bom, imagino que seja uma garota legal. — Bebo um gole e continuo tagarelando. — A mamãe vai começar a ir à igreja duas vezes por semana para agradecer ao bom Deus por seus filhos enfim virarem adultos e sossegarem.

Paul não diz nada, só fica me encarando com o olhar contemplativo. Surge uma incerteza em sua expressão quando ele diz:

— Então, é por isso que eu precisava falar com você. Não vou levar uma garota legal para os nossos pais conhecerem. Vou levar um *cara* legal. Meu namorado, Dennis Romoaldo.

6

— Desculpa, pode repetir a última parte? Acho que não ouvi direito.

Paul franze a testa.

— Você ouviu sim, Park. Mas *preferiria* não ter ouvido.

Olho para ele, piscando estupidamente por um minuto. Ele é paciente, tenho de admitir. Não move um músculo enquanto eu processo o que acabou de dizer. Deve ser todo aquele treinamento especial que recebeu.

Meu irmão é gay.

— Você é gay?

Desta vez Paul resmunga:

— Gay, bi, como quiser chamar.

— Você é bi? — digo ainda mais alto. Então percebo que estou falando sobre seus assuntos pessoais e me inclino mais para perto, sussurrando em tom mais conspiratório: — Você é bissexual?

Ele vira a cabeça e assente.

— Sim, sou. Eu gosto de mulheres e de homens. Já tive os dois, gosto dos dois. No momento, estou namorando um cara chamado Dennis. A gente se conheceu há um ano na América do Sul e se via de vez em quando, nos momentos em que eu podia sair. Agora a relação ficou séria. Na verdade ele está aqui, do outro lado do bar.

Paul acena para um sujeito de pele clara, cabelo escuro e cheio e olhos castanhos. Está usando um blazer esporte azul-marinho com cotoveleiras marrons. Sobre o nariz bem formado, um par de óculos pretos modernos. Ele abre um sorriso largo — tenho a impressão de que é natural, especialmente

quando acena para o meu irmão. Mas ele não se levanta neste exato segundo, e fico grato.

Respiro fundo e solto o ar devagar.

— Tudo bem, você é bi. — Dou de ombros enquanto processo essa nova informação sobre meu irmão.

Paul olha para meu rosto de tal forma que sei que está procurando nuances sutis. Então retesa o maxilar e diz:

— Eu entendo se você não aceitar. Não sei o que os nossos pais vão pensar, mas esse sou eu, e você sabe que não vou me esconder... Bom, a menos que seja do inimigo — solta uma piadinha improvisada, provavelmente para aliviar o peso do que acabou de me contar.

Pouso a mão em seu ombro.

— Cara, eu não tenho que aceitar nada.

Ele aperta os lábios e segura seu copo com tanta força que os nós dos dedos ficam brancos.

— Eu entendo se você quiser evitar o assunto, não pensar nisso, sei lá — ele começa a se justificar. — Lamento se isso muda a sua opinião sobre mim. Eu ainda sou seu irmão, e um homem, mas o relacionamento é sério.

Com meu coração batendo e doendo como louco, ergo as mãos à nossa frente.

— Ei, ei. Calma aí. Como você pode pensar que isso me incomoda? Paul, você é meu irmão, é meu *herói*. Eu beijei o chão que você pisava durante décadas. Não estou nem aí com quem você se diverte.

Ele endireita o corpo por alguns instantes antes de falar.

— É mesmo? Você não... — Lambe os lábios e foca o olhar em sua bebida. — Você não me vê de forma diferente?

— Não! Em que século você vive? Eu vivo no século XXI, quando um homem ou uma mulher pode ficar com quem quiser. Contanto que não dê em cima da minha namorada, não estou nem aí.

Paul inclina a cabeça para trás, gira os ombros e se volta para mim de braços abertos. Antes que eu possa reagir, ele me puxa contra a muralha que é seu peito e bate nas minhas costas, me fazendo tossir.

— Valeu. Valeu mesmo, porra — sussurra e sacode a cabeça. — Você era a minha única preocupação.

Eu me afasto e inclino a cabeça, me sentindo meio incomodado.

— Por que você achou que eu teria uma mente tão fechada? Isso magoa, cara.

— Não... É que muitos caras do meu círculo não são tão fáceis. O meu parceiro de campo...

— O Kenny?

Ele assente.

— Sim. Ele não aceitou tão bem. Ele me pegou com o Dennis em... você sabe.

Sorrio e anuo.

— Aí ele cuspiu nas minhas botas, disse o que achava da minha orientação sexual e pediu outro parceiro.

Sinto a bile se agitar dentro de mim enquanto a raiva corre pela minha coluna.

— Babaca.

Ele dá de ombros.

— Não, ele era legal, até que deixou de ser. Nunca se sabe como as pessoas vão reagir, e eu... Porra, P-Drive, eu não suportaria se você me considerasse menos por isso, como homem, como seu irmão. O Kenny que se dane. Você é meu sangue, minha família. O que você pensa significa muito.

— Por isso você não queria que os caras viessem hoje?

Ele faz que sim com a cabeça.

— Em parte foi por isso. E também porque eu queria te contar em particular, apresentar você ao Dennis antes de levá-lo para conhecer a mamãe e o papai.

A ideia de nossos pais sentados com Paul e Dennis, ele contando que o sujeito é seu namorado, forma uma imagem hilária em minha mente. Começo a rir, e o riso se transforma em gargalhada.

Paul bebe sua cerveja e sorri.

— Você é foda.

Isso me faz uivar de rir, a ponto de não conseguir respirar.

— Acho que não tanto quanto você!

Paul sorri e me dá um soco no braço, de brincadeira. Mas um soco de brincadeira do G.I. Joe faz até meus ossos arderem.

— Ai! Porra, cara. Segura essas marretas. Eu preciso dos meus braços. Caralho! — Esfrego o local dolorido.

Paul para de sorrir e vira para mim.

— Tudo bem mesmo para você?

Sorrio para que ele possa ver por si mesmo.

— Sim. Não importa com quem você queira se relacionar. Contanto que mantenha as patas longe da minha Sky, tudo bem.

— Ah, sim! É verdade, o meu irmãozinho está comendo a estrela mais gostosa de Hollywood. Cara, eu estive fora do país, incomunicável, e até eu sei como você é sortudo por conquistar essa gata. Estão ficando ou é coisa séria? Me conta tudo.

Pensar em Sky me faz sorrir como um lunático.

— Ela é tudo pra mim, mano. A primeira coisa em que eu penso quando acordo, a última quando vou dormir. Estou totalmente apaixonado. E ela acabou de alugar um apartamento em Boston. Mais um passo adiante no nosso relacionamento.

— Caraca! O meu irmão se amarrou em uma atriz linda e loira. Já está escolhendo as alianças?

Bebo a cerveja e sacudo a cabeça.

— Não, estamos vivendo um dia de cada vez. É complicado, porque os dois viajam o tempo todo, e ela está muito em evidência. Isso torna as coisas um pouco mais difíceis. Você vai ver quando a conhecer, em Boston.

— Não vejo a hora.

Ele ergue o copo e eu bato o meu no dele antes de tomar mais um gole. Paul baixa os olhos e depois olha para o outro lado do bar.

— Está pronto para conhecer o Dennis?

— Você está pronto para apresentar o sujeito à família? É tão sério assim?

Ele abre um sorriso largo e fica vermelho.

— Sim, estou. Tem alguma coisa entre nós que eu nunca senti com ninguém. Desde a primeira vez, e não consegui mais recuperar o fôlego.

— Isso se chama amor, irmão. Parece que você está apaixonado pelo cara.

Paul olha para o homem, que está pacientemente bebendo sua cerveja e mexendo no celular. Ele ergue os olhos, capta o olhar do meu irmão e sorri. Os dois só têm olhos um para o outro.

— É, você tem razão. Estou apaixonado. Nunca pensei que pudesse me apaixonar por um homem, mas... — Dá de ombros. — Acho que o mundo funciona de maneiras misteriosas.

Dou um tapinha em suas costas.

— Sim. Vá buscá-lo. Eu quero conhecer o homem que conquistou o coração do meu irmão mais velho.

Paul sorri, desliza seu grande corpo do banco, me pega pela nuca e me puxa para poder dar um beijo no topo da minha cabeça.

— Senti muito a sua falta. Não tem nada melhor do que ter o meu irmão por perto. Eu te amo, Park.

Fecho os olhos e respiro fundo. Meu irmão, são e salvo, está em um bar em Berlim, comigo. Levanto a cabeça, pouso a mão no seu rosto e lhe dou um tapinha.

— Também te amo, Paulie. Agora vá buscar o seu namorado.

Ele dá uma piscadinha e vai até o lado oposto do bar, inconfundivelmente saltitante. Observo enquanto Dennis e meu irmão se olham fixamente. Paul vai gingando. Todas as mulheres nas mesas ao redor se voltam e o observam conforme ele avança com um único objetivo em mente: seu namorado.

Enquanto meu irmão se senta no banco ao lado de Dennis, menor que ele, e passa o braço pelo seu ombro, penso no fato de que Paul estava genuinamente preocupado em me contar que é gay. Tecnicamente bi, sei lá. Os detalhes não interessam. Se meu irmão estiver feliz, tiver alguém para amar e que o ame, eu vou apoiá-lo. Agora que tenho Skyler, não sei como vivia sem ela antes. Se meu irmão tiver essa mesma ligação com Dennis, vou ser o primeiro a parabenizá-los.

Estou puto com o que ele contou sobre seu parceiro de trabalho, Kenny, que cuspiu nele. É como se tivesse sido comigo. Se eu pudesse ficar cinco minutos em uma sala com esse babaca, ele ia ver só. Que cara intolerante. Uma mancha na sociedade. Meu irmão não é só corajoso por arriscar a vida todos os dias como soldado. Precisou de muita bravura para falar comigo. E vai ter que reunir coragem de novo quando voltar para casa e apresentar o namorado aos nossos pais.

Se eu acho que eles vão ridicularizá-lo ou ficar bravos com suas escolhas? Não. Felizmente, não foi assim que fomos criados. Sei que isso não é a regra,

mas gostaria de acreditar que a sociedade está mudando. Quem a pessoa leva para a cama ou com quem divide a vida é uma escolha pessoal, e os outros não têm o direito de opinar. Meus pais vão receber Dennis de braços abertos, mas eu sei que minha mãe vai falar um monte por ele estar com trinta e dois anos e sem perspectiva de ter filhos. Agora que está com um homem, ela vai ter que mudar de tática, o que significa que vai encher o meu saco e o de Sky.

De repente, vejo um flash de futuro: Skyler com uma barrigona, carregando meu filho. Nós dois sentados em uma varanda com vista para um campo ou uma paisagem exuberante... O mais louco é que eu posso realmente ver isso no futuro. Mas não hoje ou amanhã, provavelmente nem daqui a um ano.

Eu me pergunto se Sky pensa em ter filhos comigo. Quando falamos sobre minha avó e sua tradição, ela pareceu interessada na ideia de termos filhos. Mas não conversamos realmente sobre isso.

Ela iria querer um logo, digamos, nos próximos dois anos, ou mais para a frente?

Vou fazer trinta anos daqui a um mês. Ela é alguns anos mais nova, tem mais tempo e uma carreira na estratosfera. Seria louca se pisasse no freio para formar uma família, pelo menos por enquanto. Mesmo assim, precisamos conversar para que os dois estejam na mesma sintonia. Eu consigo me ver com dois filhos, especialmente com os grandes olhos castanhos de Skyler e sua bondade incondicional.

Meu telefone vibra exatamente quando vejo meu irmão se aproximando com outra rodada de bebidas e seu namorado.

Olho para a tela e aperto os dentes. Remetente desconhecido.

A DISTÂNCIA DEIXA O CORAÇÃO MAIS APAIXONADO. SAUDADE.

— Merda! — rosno.

Meu irmão se aproxima e retesa o maxilar.

— Por que parece que você quer dar um soco em alguém? — Ele olha para os lados, analisando o ambiente com a habilidade de um soldado, o que

significa que provavelmente deve saber o que cada pessoa está vestindo neste estabelecimento agora. — Qualquer coisa eu te cubro.

Bufo e rio ao mesmo tempo.

— Está tudo bem, relaxa. Mas é bom ter você de volta.

— É bom estar de volta. Eu quero que você conheça uma pessoa, irmãozinho. — Paul me entrega uma bebida. Quando a pego, ele passa o braço ao redor do cara, mais baixo que ele, pelo menos uns oito centímetros. Tem um corpo legal e se veste bem. Notei seu blazer, combinando com jeans escuro e mocassins de camurça caramelo, sem meias. — Este é o meu namorado, Dennis Romoaldo.

Dennis empurra seus óculos pretos mais para cima do nariz e sorri levemente.

— Oi, Parker. É um prazer te conhecer. O Paul fala muito de você e da sua família. Ele tem muito orgulho de tudo que você já conquistou sendo tão jovem. — Suas palavras saem com um sotaque peculiar.

Franzo a testa e me inclino para perto.

— Estou detectando um sotaque. De onde você é, se não se importa que eu pergunte?

O rosto de Dennis se ilumina.

— De jeito nenhum. Sou do Rio de Janeiro, Brasil. A cidade mais linda do mundo — ele diz, com evidente patriotismo.

Cutuco meu irmão.

— Brasileiro, é? — digo, mexendo as sobrancelhas, divertido.

Paul olha seu namorado de cima a baixo.

— Você não sabe da missa a metade, irmãozinho.

O riso irrompe boca afora. Eu me volto para as banquetas, indicando:

— Venha sentar conosco, Dennis, para eu te conhecer melhor.

Ele sorri para meu irmão, puxa o banco e se senta como um cavalheiro. Paul se senta à direita dele, e eu à esquerda.

— Muito bem... Antes de mais nada, eu quero saber como vocês se conheceram.

Paul faz um círculo com o dedo sobre a mesa brilhante.

— Eu fui enviado ao Brasil por um tempo. A gente se conheceu por meio de um amigo em comum. E, hum... acabou se tornando uma noite de

libertinagem. O Denny estava todo tímido comigo no bar aonde o nosso amigo nos levou. Ele estava com uma gostosa chamada Andrea. No começo eu estava de olho na garota — ele ri —, até a turma toda encher a cara. Eu tinha setenta e duas horas de folga, e a garota foi proativa. Convidou todos nós, eu, o nosso amigo em comum e o Dennis, para ir para o apartamento dela. As coisas ficaram meio loucas lá. Acabou que o Denny e eu nos divertimos mais juntos, e os outros dois se pegaram como animais selvagens. Estamos juntos desde então, né, baby?

Olho para aquele homem aprumado e vejo suas bochechas ficarem vermelhas. Paul coloca o braço atrás da baqueta de Dennis e passa a mão por suas costas casualmente, como se nem se desse conta do que está fazendo. Deve estar tentando deixá-lo mais à vontade, depois de contar uma história bem particular.

— É, *pistola*. Mas você poderia ter dito apenas que a gente se conheceu por meio de um amigo no Brasil. Teria sido menos... invasivo. — As palavras que ele escolhe são quase formais, com uma conotação apropriada, não tão casual.

— Você fala inglês muito bem, Dennis. Aprendeu na escola?

Ele anui.

— Sim, e também com um professor particular. A minha família trabalha com importação. Para fazer bons negócios e prestar um serviço de excelência, temos que falar inglês fluentemente.

— Bom, você arrasa, cara. — Dou um tapinha em suas costas.

Esse simples gesto de camaradagem faz meu irmão sorrir. Dennis também sorri timidamente e olha para Paul.

— Eu disse que ele ia adorar você. — Paul esfrega a nuca de Dennis.

Levanto a mão.

— Ei, devagar aí. O Dennis ainda não disse pra que time de beisebol ele torce. O amor é reservado para...

— Eu curto o Red Sox e os Patriots — Dennis responde antes que eu possa terminar a frase.

Paul ri. Volto a cabeça para ele.

— Você treinou o cara para dizer isso.

— Sim — confessa.

— Sem problemas. Vale mesmo assim — digo, abrindo os braços. — Bem-vindo à família, Dennis.



Mais tarde, de volta ao hotel, encaminho para Nate a mensagem que recebi do número desconhecido. Pouco depois de enviá-la, meu telefone toca.

A tela mostra “Nate Van Dyken”.

— E aí? — atendo.

— Meus recursos me levaram a um beco sem saída. Não gosto de dizer isso, mas a pessoa é esperta. Ela troca de telefone pré-pago depois de algumas mensagens — diz e suspira. — Parker, eu quero pedir a ajuda da Wendy.

Puxo o ar entre os dentes. Já pedi ao namorado dela para me dar uma mão com o trabalho.

— Nate, você sabe que ela está se recuperando.

— Sim, eu sei. E respeito isso. Mas, segundo a Skyler, ela é ativa feito um esquilo. Pior: ela está entediada. Está atormentando a Skyler pelo telefone com as coisas do casamento porque não tem nada melhor para fazer. A Rachel teve que atender algumas ligações. Ela gosta da Wendy, muito. Mas o que a Rach não gosta é de distração no trabalho. Ela fica irritante. Parker, não queira conhecer o lado irritante da minha esposa.

Afasto a preocupação e o medo para me concentrar no que Nate está dizendo.

— Onde vocês estão agora?

— A Skyler e a Rachel estão enchendo a cara.

Pisco algumas vezes, tiro os sapatos e desabotoo a camisa.

— O quê? — digo, rindo.

— É isso mesmo. O trabalho acabou. Estamos no nosso apartamento. As duas comeram meia pizza grande enquanto viravam um monte de tequila em forma de margarita. Agora estão bebendo shots de Patrón e jogando baralho.

Ouçoo interjeições, gritos e risadas ao fundo. Nate prossegue:

— Quem perde tem que virar um shot. Nem preciso dizer que as duas estão empatadas.

— Caraca! — Tiro a camisa de dentro da calça e as meias antes de ir ao banheiro.

— Você estava dizendo... — ele continua, mas acrescenta, com voz mais profunda e séria: — Não se preocupe, a Skyler vai ficar no quarto de hóspedes esta noite, assim eu posso ficar de olho nas duas, mantê-las em segurança. Não quero que ela fique sozinha, mesmo se tiver que abraçar o vaso sanitário. A sua namorada está segura comigo.

Eu sorrio e me apoio no espelho.

— Posso falar com ela um segundo?

Só de saber que ela está ali fico com vontade de ouvir sua voz.

— Sim. Mas, sério, prefere que eu não fale com a Wendy?

Ponho o celular no viva-voz para poder reler a mensagem.

A DISTÂNCIA DEIXA O CORAÇÃO MAIS APAIXONADO. SAUDADE.

Sinto um arrepio e tiro o telefone do viva-voz.

— Não, que merda... — Passo a mão pelo cabelo algumas vezes, tentando decidir. Skyler precisa estar segura. — Mas vá com calma. Chame a Wendy para almoçar para falar sobre o assunto, dê uma sondada. Ela vai se oferecer se achar que pode ajudar. Mas não force a barra. Falou com a Tracey de novo?

— Sim, e você não vai gostar. Eu queria esperar até podermos falar pessoalmente...

— Pessoalmente o caralho. Se tem alguma coisa a dizer que envolve a Sky, pode me contar agora.

— Não é nada muito sério, mas tenho minhas suspeitas.

— Que são...?

Ele respira fundo e se afasta do barulho que eu estava ouvindo ao fundo.

— A Tracey disse que a Skyler tem uns dez ou vinte fãs descontrolados que sempre mandam cartas, e-mails, presentes, essas coisas. A equipe da Skyler nunca responde. O tom das mensagens é passivo-agressivo. Eu analisei as mensagens que a Sky recebeu no celular, e elas passaram de amigáveis, com “Eu pensei que fôssemos amigas”, a mais furiosas. Como se a Skyler não estivesse correspondendo a algo mais além das mensagens. Elas dizem: “Por que você

está me ignorando?” e “Você acha que é melhor que os outros”. Só que alguma coisa mudou.

— O quê?

— Você e a Skyler receberam a mesma mensagem.

Sinto uma inquietação.

— O que você acha que isso significa?

— Eu não sou especialista, mas parece que a Sky caiu de novo nas boas graças da pessoa. De repente, do nada. E vocês dois estão longe um do outro. Então a pessoa sente saudade dos dois, ou ela sabe que vocês estão com saudade um do outro? — Nate pergunta.

— Pode ser qualquer uma das possibilidades, ou as duas. Nunca se sabe, quando se trata de uma mente claramente perturbada.

— No entanto, a pessoa tem o número de vocês dois, mas não faz contato pessoalmente.

A palavra “pessoalmente” fica se repetindo em minha cabeça.

— Merda!

— O quê? Tem alguma coisa que você não me contou?

— Caralho. — Suspiro e puxo o cabelo. — Eu recebi uma carta no escritório. Era estranha, mas eu não tinha somado dois e dois até agora. Dizia algo tipo “ela sou eu”...

Puxo pela memória, recordando aquele dia até o momento em que abri o envelope. Era um daqueles amarelos. Digitado na frente, com carimbo de confidencial.

— Dizia: “Eu sou ela. Ela sou eu”. Sim, era isso. “Eu sou ela. Ela sou eu” — repito.

— Parker, isso é dissociação extrema. Quando eu estava no exército, nós lidávamos com indivíduos com comportamento dissociativo. Eles podem ser extremamente imprevisíveis, e seus motivos podem mudar de uma hora para outra. Lendo nas entrelinhas do que essa pessoa escreveu, ela basicamente insinua que a Skyler e ela são a mesma pessoa. Mas as mensagens passaram a flutuar entre passivas e furiosas, e agora doces. A situação piorou. Eu preciso pegar todas as mensagens que a Tracey me enviou e analisá-las para ver se consigo relacionar tom e estilo de palavras com as que você recebeu. Eu quero uma cópia da carta, você guardou?

— Sim, está no escritório. Vou ligar para a Annie e pedir para ela te mandar.

— Obrigado. Vou agendar um encontro com a Wendy.

Sinto meu coração se apertar, mas conheço Nate muito bem. Ele não vai se aproveitar de uma mulher fragilizada. Se ela estiver bem, ele vai tocar no assunto. Senão, vai deixar para lá.

— Posso falar com a Sky?

Ouçoo as vozes ao fundo ficarem mais altas de novo. Ele deve estar voltando para a sala onde elas estão se divertindo.

— Skyler, é o Parker.

— Uhu! Meu namorado sexy, meu namorado sexy. Uhu, vou falar com o meu gostosão.

Eu rio e espero.

— Ela está vindo?

— Não, está fazendo uma dancinha — Nate responde secamente.

— É isso aí, garota. Mexe essa bunda! — Rachel grita ao fundo.

— Sky, ele está no telefone — Nate acrescenta.

— *Yes!* Maravilha! — Por fim sou saudado com um sussurro: — Oi, meu bem...

A voz dela vai direto para a fera, acordando-a. Eu a ajeito e sorrio ao som de seu tom arrastado e sexy.

— Oi, meu pêssego. Me contaram que você está bebendo e jogando baralho.

— Estou ganhando! — ela grita e depois baixa a voz. — Estou ganhando, babe. Estou ganhando da Rach nas cartas.

Ouçoo algo que parece vagamente alguém pondo a língua para fora e soprando com força, e então um barulho molhado.

— Enfia essa língua de volta na boca, vadia! — Sky diz, rindo. — A Rach só fala besteira quando bebe. — Soluça e suspira. — Estou com saudade. Queria transar com você agora... — murmura.

— Humm. Eu queria transar com você agora também, meu amor, mas vamos guardar para quando eu voltar para casa. Você vai estar em Boston na semana que vem? Eu vou ficar aqui pelo menos mais três dias depois que a semana acabar, para cuidar da campanha.

— Ah, não, que saco! Odeio isso. Buá! — ela grita e depois ri.

— Eu sei, mas o trabalho é grande. Espero que o Mick nos ajude. Depois te conto tudo.

— Humm... estou cansada — ela murmura, bêbada.

— Aposto que sim. Fale com o Nate. Ele vai cuidar para que você durma bem. Eu te amo, baby.

— Eu te amo muito, muito. Eu te amo muito, muito, meu bem.

Rio e sacudo a cabeça. Queria poder curtir Skyler bêbada mais um pouco, mas não posso, porque estamos a um oceano de distância.

— Vá se divertir e dormir um pouco, se precisar. É muito tarde aqui. Preciso descansar antes da reunião de amanhã, mas tenho muita coisa para te contar.

— Tudo bem... Sonhe comigo muito.

— Muito, muito — rio. — Prometo.

— Que bom. Eu te amo.

— Boa noite, meu pêssego.

Quando vou desligar, ouço barulho de beijos e depois um “Ai, que nojo! É o telefone do Nate! Nojento...” ao fundo, depois mais nada.

Tiro o restante da roupa e ligo o chuveiro.

— Minha garota me ama muito, muito — digo e entro debaixo da água com um sorriso no rosto.

7

Entro no restaurante gelado do hotel e abotoo o paletó por causa do ar-condicionado. Olho ao redor e encontro Bo e Royce sentados à janela com vista para Berlim. A rua está lotada de transeuntes e ciclistas indo para o trabalho.

Os dois erguem os olhos e observam enquanto me dirijo a eles, puxo uma cadeira e pego na mesa uma xícara de café vazia. Agito-a para o garçom, e ele assente.

— E aí, pessoal, como vão as coisas?

Royce mostra seu celular.

— Wendy... Essa garota é foda — ele diz, franzindo a testa. — Não consegue manter o nariz longe do trabalho. Dê uma olhada.

Apoio os cotovelos na mesa enquanto o garçom enche minha xícara de café.

— O que ela está aprontando desta vez?

— Ela vai pegar um avião agora de manhã. Para Berlim. Aparentemente, um jato particular. Com o noivo.

Ergo as sobrancelhas, sem poder acreditar.

— Está brincando! O médico a liberou para viajar?

Ele anui.

— Sim. Disse que ela está bem para viajar, desde que pegue leve. Parece que ela está se recuperando incrivelmente rápido para alguém que levou um tiro no peito e sofreu um colapso pulmonar. Quanto tempo faz?

— Um pouco mais de cinco semanas — calculo, refrescando a memória: alguns dias em Montreal, pelo menos uma semana em Boston, duas semanas

em Londres, mais duas em Boston.

— Não me parece uma boa. Como ela conseguiu fazer o Mick concordar em vir para Berlim? — Bo pergunta.

Baixo a cabeça e olho para o meu café.

— Fui eu. Eu liguei para ele ontem, pedi ajuda com a campanha. Nós precisamos dele para que seja bem-sucedida e devidamente divulgada. Ele é um gênio.

Bo se recosta na cadeira e tamborila na mesa com dois dedos.

— Só que ele tem uma história com a cliente, que nenhum de nós conhece...

Franzo o nariz, como se tivesse acabado de sentir um cheiro ruim, e desvio o olhar.

— Ou devo dizer que só o Roy e eu não conhecemos?

— Bom, ele me contou algumas coisas sobre o passado com a cliente. Não cabe a mim compartilhar. Só sei que me sinto mal por ter pedido a ajuda dele, e agora com a Wendy vindo também... — Balanço a cabeça e esfrego a nuca.

Roy me dá um tapinha no braço.

— Meu irmão, não se preocupe com problemas que não são seus. Se eles vêm para Berlim, é porque ela está bem e ele quer ajudar. Ele está se tornando nosso amigo, e eu gosto do cara. Ele ama a Wendy loucamente, e a nossa garota merece isso.

Bo faz uma careta.

— Não que ela não pudesse conseguir outro homem que a idolatrasse.

Royce franze a testa.

— Você vai se casar com ela?

Bo arregala os olhos e sacode rápido a cabeça.

— Então cala a boca — diz Royce. — Estou cansado da troca de farpas entre vocês dois. A Wendy precisa de paz agora, precisa se sentir parte de alguma coisa. Não afaste a garota sendo um idiota, está me ouvindo?

Bo revira os olhos e cruza os braços.

— Tudo bem. Vocês acham que o relacionamento passado dele com a Monika vai ser um problema?

Tudo que posso fazer neste momento é dar de ombros.

— Eu não pensei muito nisso, mas acredito que o Michael seja um profissional em primeiro lugar e um homem com sentimentos depois. Ele vai suprir as necessidades da Wendy na vida pessoal, mas vai cuidar dos negócios como de costume. Não tenho dúvida disso.

Royce assente.

— Concordo. Agora só precisamos criar a campanha perfeita.

Sorrio. Depois da revelação do meu irmão na noite passada, tive uma ideia enquanto dormia.

— Acho que já resolvi isso.

Bo descruza os braços e bebe um gole de sua água.

— O que você pensou?

— Vamos lá: imagine soldados dos Estados Unidos, França, Alemanha, Japão, Índia, todos os países parceiros. Mulheres e homens. Eles aparecem usando farda, ou algo igualmente respeitoso que possamos usar nos vídeos e no material impresso. A linha é a seguinte: eles são soldados corajosos, que põem a vida em risco pelo bem maior. Depois, aparecem de roupa normal, com a família entrando em um carro, um solteiro subindo na moto ou na caminhonete com seu cachorro, um homem de negócios no sedã e assim por diante. Vamos mostrar o aspecto ecologicamente correto com os veículos passando por diferentes paisagens, por árvores, praias, montanhas, rodovias... e um narrador falando sobre a baixa emissão de poluentes.

Royce assente com a cabeça.

— Muito bem, muito bem. Estou imaginando... Continue.

Eu sorrio.

— Então nós podemos usar o slogan “Bravura que nos move”, que vai relacionar a coragem desses soldados, que põem a vida em risco, com eles sãos e salvos, vivendo a vida, entrando em um veículo novo em diversas partes do mundo.

Bo se inclina para a frente e bate palmas, com um sorriso no rosto.

— Adorei!

— Porra, meu irmão, você deve ter queimado a moleira na noite passada.

— Royce aplaude antes de pegar sua xícara fumegante e levá-la aos lábios.

— Na verdade, eu encontrei o Paul ontem à noite em um bar.

— Ah, por isso o enfoque militar. Como ele está? Por que não chamou a gente para ir junto? — Bo inclina a cabeça e me atravessa com seu olhar escuro.

Ajeito minha gravata vermelha Ermenegildo Zegna, que combina com a camisa azul-clara, o blazer cáqui e a calça azul-marinho. Nos pés, meus Ferragamo marrons preferidos. Faço um biquinho, levanto a xícara e tomo um gole do líquido quente. Preciso de mais cafeína para expor os detalhes da sessão de confidências da noite passada. Paul me pediu para contar aos caras, para que as coisas não fiquem estranhas quando todos voltarmos para Boston e eles conhecerem Dennis.

Limpo a garganta.

— É que o Paul queria conversar comigo sobre um assunto particular.

Royce e Bo demonstram preocupação, mas permanecem em silêncio, esperando que eu continue.

— Hum... ele queria me contar sobre uma escolha de vida que fez.

Royce sorri e suas bochechas ficam rosadas.

— Ele vai levar alguém especial para casa? Mamãe Ellis vai ficar tão feliz.

Inclino a cabeça.

— Sim, é por aí.

Bo bate na mesa.

— Cachorrão! Onde ele conheceu a moça? Uau, com a boa pinta do Paul e o status de herói, aposto que arrumou uma gostosa de outro país. Asiática, talvez? Miudinha, cabelo preto comprido, grandes olhos escuros. Hummm...

— Joga a cabeça para trás e olha para o teto. — Talvez uma alemã escultural... Ah, já sei, uma italiana. — Balança os dedos, como se tivesse se queimado. — Adoro mulheres italianas. São muito passionais na cama — diz com reverência, como se recordasse bons momentos.

— Errado. Ele conheceu alguém no Brasil.

Os olhos de Bo brilham como diamantes lapidados.

— Ahhh... as brasileiras são *muy calientes*.

— Isso é espanhol, idiota. Os brasileiros falam português — retruco.

Suspiro e me recosto, pressionando as têmporas repentinamente doloridas com o polegar e o indicador.

— Não interessa. Se uma mulher fala outra língua no meu ouvido enquanto eu transo com ela... que loucura. — Bo beija os dedos

dramaticamente e os abre.

— Não é uma mulher! — digo à queima-roupa.

Royce esfrega o queixo.

— Como é que é? Por um momento pensei ter ouvido que não é uma mulher. O que não é uma mulher?

— A pessoa que o Paul está namorando. É um homem. Um cara chamado Dennis. Eu o conheci ontem à noite. Ele é legal, parece certinho e uma pessoa bastante gentil, coisa que eu não esperaria que atraísse o meu irmão. — Dou de ombros e tomo um gole de café, permitindo que os dois cheguem a suas próprias conclusões.

Bo se inclina para a frente e sussurra:

— O Paul é gay?

— Bi, na verdade.

— Uau. Eu não imaginava. Ele sempre teve um monte de garotas para escolher quando estava na cidade. — Assim que pronuncia as palavras, ele abre um sorriso largo. — Com o soldado Paul todo gostoso fora do circuito... sobra mais para mim.

Royce vira a cabeça para Bo e, mais rápido que um relâmpago, lhe dá um soco no braço.

— Obrigado — digo a Roy.

Ele sacode a cabeça.

— Esse cara pensa em sexo vinte e quatro horas por dia. Juro por Deus, um dia você vai se ferrar.

Bo sorri.

— Enquanto isso, vou me distraindo com uma morena peituda.

— Puta merda... — Royce passa a mão pela careca brilhante. — Ele nunca vai aprender.

Suas palavras me fazem rir.

— Mas é sério, irmãos. O Paul vai para casa encontrar os meus pais. Quando voltarmos, ele ainda vai estar lá. Está pensando em largar o exército. Já cumpriu doze anos, economizou muito morando na base. Acho que ele vai tirar um tempo para si, talvez para passar com o namorado, Dennis.

— Fale mais sobre esse Dennis. Ele é legal? — Royce pergunta.

Ele levanta sua xícara para o garçom, que traz uma cafeteira fumegante até a mesa, abastecendo todos nós.

— Gostariam de algo para comer? — o rapaz pergunta.

Eu quero; meu estômago está roncando. Antes que eu possa fazer o pedido, ele sai pelas portas duplas.

— Tudo bem... Enfim, o Dennis parece legal. Tímido, reservado, educado. Disse que gosta do Red Sox e dos Pats.

Bo ri com sarcasmo.

— Aposto que o Paul mandou o cara dizer isso para ganhar você e o seu pai.

Sorrio.

— Pode crer. Não passamos muito tempo juntos, porque eles estavam cansados da viagem. Espero ficar mais com eles quando chegar em casa. Quero que eles conheçam a Sky, se ela já tiver voltado de Nova York.

— Fico feliz por você e a Sky terem resolvido tudo, meu irmão. — Bo estica a mão e pega meu antebraço. — Eu estava preocupado com vocês, mas agora sei que ela te faz feliz...

— Valeu, cara.

— E quem não ficaria feliz indo para a cama com Skyler Paige toda noite? Caramba, a sua namorada é muito gostosa...

Estico o braço e aperto sua mão, virando seu polegar de um jeito que, se eu continuar forçando, vai quebrar.

— Ei! — Bo cai na gargalhada. — Tudo bem, desculpa. — Mas continua rindo.

— Só não quebro a sua cara porque você tem razão. — Eu também sorrio, soltando sua mão. — A Skyler é muito gostosa.

Royce ri alto. O garçom volta com uma bandeja. Coloca na mesa três tigelas com flocos de milho, frutas secas, granola e castanhas. A seguir, deixa uma jarra de leite, uma cesta de pães variados e uns potinhos com manteiga e geleias, além de uma bandeja repleta de frios.

Examinamos o estranho café da manhã. Meu estômago ronca de novo, proclamando sua insatisfação. A esta altura, não me interessa o que vou comer, desde que encha minha barriga. Agora mesmo.

— *Danke* — digo ao garçom, que sorri antes de se afastar de novo.

— Parece que nós vamos comer cereais e frios no café da manhã — Bo comenta, contrariado.

— Coma sem reclamar. É comida, não seja ingrato. Eles têm costumes diferentes dos nossos ovos com bacon ou panquecas com xarope de bordo. Além disso, quando foi a última vez que você colocou alguma coisa saudável na boca? — Royce resmunga, então abre o guardanapo no colo e pega um pãozinho e uma geleia cor de laranja.

Bo pega um pedaço de fruta seca na tigela e come.

— Está querendo dizer que a metade de uma vaca que eu comi ontem à noite, coberta com molho béarnaise e batata assada sem vegetais, não era saudável? Que calúnia!

— Para o seu coração, não. Coma o cereal. Dê ao seu corpo alguma coisa de que ele precisa.

Royce começa a comer e, quando Bo levanta a cabeça para, sem dúvida, fazer uma réplica improvisada com conotação sexual, aponta o garfo para o rosto dele.

— Nem pense nisso.

Bo morde o garfo jovialmente.

— Nossa, como vocês estão sensíveis hoje.

Coloco bastante leite sobre o meu café da manhã de esquilo e, depois de cinco colheradas, juro que meus molares vão se desintegrar se eu mastigar mais dessas pedras que eles chamam de castanhas. Empurro o pote de isca de esquilo e pego um pão macio.

— Você disse que a Wendy e o Mick chegam quando mesmo?

— Hoje à noite. Vamos ter tempo para discutir o novo conceito com a Monika, conseguir a aprovação dela e começar a traçar alguns planos preliminares — Royce repassa, mordendo um pedaço de pão.

Anuo e morde o meu, enquanto Bo devora seu cereal.

Assim que terminamos, Royce assina a conta, que será cobrada quando fizermos o checkout, e nos levantamos rumo à saída. Lá fora, notamos que Monika mandou um motorista, que segura uma placa com duas palavras:

INTERNATIONAL GUY

Sorrio.

— Parece que a nossa carona chegou.

— Estou adorando esse tratamento VIP. — Bo me dá um tapinha nas costas e outro no rosto. — Continue arranjando esses clientes milionários, meu irmão. Acho que consigo me acostumar com isso.

Rio, observando a beleza que é um OhM Bolt de seis lugares cinza-metálico novinho em folha.

— Consegue sim.



— *Ich liebe es...* Amei! — Monika diz.

Ela abre um sorriso que mostra uma fileira de dentes brancos e uniformes. Seu cabelo loiro hoje cai liso sobre os ombros, e ela está usando outro *tailleur* matador que se ajusta perfeitamente a suas formas graciosas.

— Vamos ter que nos informar sobre as fardas. Não sei se as forças armadas vão permitir exibir seus uniformes oficiais em um comercial de TV ou campanha publicitária de carro.

— Concordo. Mas tenho certeza que vamos pensar em algo. O Michael deve ter algumas ideias.

Ela ergue as sobrancelhas interrogativamente.

— Então o sr. Pritchard vai ajudar no projeto, afinal?

Inspiro devagar e profundamente, pensando em como lhe dar a informação.

— Sim. O Michael é nosso amigo. Na verdade, a noiva dele trabalha conosco.

Ela levanta a cabeça levemente.

— Ah, entendi.

— Nós queremos o melhor, para garantir que a campanha seja realizada sem problemas.

— Muito bem. Mas não sei se vamos conseguir evitar problemas. O Michael e eu ainda temos assuntos pessoais pendentes... — Sua voz muda e seus olhos brilham quando pronuncia o nome de Mick. Lendo sua linguagem

corporal, posso dizer que há mais que interesse profissional envolvido em sua resposta.

— Não deve haver problemas, pois ele está vindo com a noiva.

Ela pisca algumas vezes e fica de boca aberta.

— A noiva vem para cá?

Sorrio.

— Como eu disse, ela faz parte da equipe da IG. Eu pedi a ajuda do noivo dela, então faz sentido que os dois venham juntos, não é?

Sua expressão demonstra cautela. Ela se recosta na cadeira, depois levanta abruptamente. Empertigada, se dirige a sua mesa e diz, sem olhar para mim:

— Sim, faz todo o sentido. Os dois vão ser bem recebidos. Por favor, me avisem o que vocês desenvolverem, porque nós temos pouco tempo, e eu me preocupo se vamos estar prontos para o lançamento no cronograma acordado entre nossos parceiros e investidores.

— Não se preocupe. A nossa equipe vai fazer o que for necessário para realizar nada menos que um milagre para que esse projeto seja bem-sucedido. Não é só a reputação da sua empresa que está em jogo. É a da nossa também.

Ela dá um sorriso falso.

— Podem usar a sala de reuniões que eu preparei para vocês, e dois assistentes estão prontos para mover montanhas se for necessário.

— Obrigado. — Eu me levanto, e Bo e Royce me seguem.

— Cavalheiros — ela diz —, nós conversamos mais tarde.

Royce aperta o maxilar e vai na frente para sair da sala. Quando ele e Bo passam pela porta, eu paro e digo:

— Me deem um segundo.

Eles acenam e seguem pelo corredor até a sala que Monika preparou. Fecho a porta e volto para sua mesa.

— Pois não, sr. Ellis. — Ela suspira e cruza as mãos trêmulas sobre a mesa.

— Vai ser um problema trazer o Michael e a Wendy para o projeto, por causa da história de vocês?

Ela franze os lábios.

— Não sei bem o que você quer dizer.

As palavras de Michael voltam para me assombrar.

Nos relacionamentos sadomasoquistas, com dominador e submisso, a confiança é crucial.

Ela engravidou e tentou me convencer de que o filho era meu.

Recordar isso faz meu sangue ferver, mas ela é a cliente. Estamos aqui para fazer nosso trabalho e nada mais. Michael não viria se não achasse que valeria a possível turbulência emocional.

Ela tentou convencê-lo de que era pai do filho dela. Por que faria isso? Para salvar o relacionamento? Se ele não podia lhe dar o que ela desejava, por que ela queria ficar com ele? Dinheiro? Talvez. E, definitivamente, ele é um homem bonito.

Não se envolva mais que o necessário, Parker. Deixe pra lá.

Meu coração bate forte, sibilando como um motor a vapor.

Confie no seu coração.

Passo o dedo pela pulseira de couro que tem as palavras de Skyler gravadas. Às vezes precisamos dar um salto de fé por um amigo, independentemente do que isso possa significar. Isso me lembra uma famosa citação de Malcom X: “Um homem que não se levanta para defender nada cai por nada”. Meu pai vivia repetindo essa frase quando eu era criança. Nunca a esqueci, e nunca foi mais relevante que agora. Cabe a mim defender meu amigo, apesar dos riscos.

— O Michael me contou o que aconteceu entre vocês. Não foi nada bonito. Eu sei que vocês não se separaram numa boa. Agora vou repetir a pergunta: o Michael e a Wendy neste projeto vão ser um problema? Se assim for, a minha equipe vai fazer as malas e voltar para casa, porque a nossa lealdade é com eles. A International Guy prometeu fazer o melhor trabalho para você, mas precisamos de total conformidade e um ambiente de trabalho harmonioso para isso acontecer. Você pode garantir que o seu passado não vai causar nenhum problema?

O queixo de Monika treme, mas ela se controla.

— O meu maior desejo é que este projeto se desenvolva plenamente. E se, nesse meio-tempo, eu tiver a oportunidade de resolver algumas transgressões do passado com um bom homem, gostaria de aproveitá-la. Mas acredito que todos nós podemos trabalhar neste projeto com profissionalismo.

Mordo o lábio e avalio a sinceridade nos olhos e na postura de Monika. Ela parece...

Derrotada.

Imagino que, quando o passado volta para nos assombrar, é isso que acontece. Eu sei que, se Kayla aparecesse do nada implorando meu perdão, eu iria querer jogá-la aos lobos. Os lobos seriam minha mãe primeiro, Skyler depois e a mãe de Royce em terceiro. Essas três juntas acabariam com ela. Apesar da estupidez de Kayla, ouvi dizer que ela se casou com um advogado mequetrefe em Chicago. Não que eu me importe. Ela merece toda a merda que a vida possa lhe dar. Mesmo assim, uma parte de mim espera que ela veja as revistas de fofocas e as fotos de mim e Skyler juntos. A vingança perfeita.

Merda. Enquanto estou pensando em vingança, percebo que Wendy provavelmente sabe sobre o passado de Monika e Mick. Esquentadinha como é, Wendy não vai deixar barato. Aquela garota protege ferozmente as pessoas de quem gosta. Se ela é assim com três sujeitos com quem trabalha e considera amigos, imagine com o noivo.

Estremeço. Quase lamento por Monika. Quase.

Silenciosamente, rezo para que Mick não apresente Wendy a Monika.

— Tudo bem. Eu vou voltar ao trabalho, definir as fases da campanha para impressão, internet e vídeo. Pode mandar os seus desenvolvedores web primeiro? Eles precisam reformular todos os hotspots dos veículos com as novas imagens e frases.

Ela pega o telefone e faz que sim com a cabeça.

— Algo mais?

— Além de você deixar o passado no passado? Não.

Se alguém jogar a merda no ventilador, nós estamos fora. Simples assim. A International Guy não arrisca sua equipe e seus amigos para pôr dinheiro no bolso. Nós não fazemos negócios assim. Nunca faremos.

— Combinado — ela murmura, retesando o maxilar.

— Acho que estamos de acordo. Vamos ter algo para te mostrar no fim da tarde.

Monika anui com secura.

— Então isso é tudo.

Sorrio e saio do escritório, sabendo que confiei em meu coração, mesmo que isso pudesse ter posto em risco um grande lucro para a nossa empresa. Os rapazes vão entender. Dinheiro não é tudo.

Dinheiro serve para ajudar as pessoas a obter as coisas que desejam. Ajuda a enriquecer, mas não deve controlar a vida.

8

— Caramba, meu bem, o seu irmão é... — Skyler suspira — muito gato. Por que eu não sabia disso?

Ela morde o lábio enquanto observa a imagem que lhe mandei. O FaceTime me dá uma visão clara da minha garota olhando uma foto minha com meu irmão. Também mandei uma do meu irmão com Dennis.

Bo gargalha do outro lado da sala. Obviamente ouviu a exclamação dela. Ele está sentado à mesa de reuniões enquanto eu estou no canto, onde há dois sofás de couro e um pequeno bar.

— Cala a boca! — grito para o telefone.

Skyler sorri, e meu coração se enche de vontade dela.

Vontade de abraçá-la.

Vontade de sentir seu corpo apertado no meu.

Vontade de estar onde ela está.

O amor é uma coisa poderosa. É um sentimento que entra e destrói toda a razão, controlando cada pensamento nosso.

— E esse é o namorado dele? — ela pergunta, tocando a tela.

— Sim. — Esfrego os olhos cansados.

— Ele é fofo. Parece meio conservador para um soldado grande e malvado, não acha? — ela comenta, apertando os lábios e mordendo o dedo.

Gemo, imaginando brevemente aquele dedo na minha boca, ou sua boca em torno de algo meu, muito maior e mais sensível.

— Não sei, talvez. O amor é estranho. Você e eu sabemos disso muito bem. — Sorrio, e ela responde me jogando um beijo.

— Quando ele vem para Boston? Eu gostaria de hospedá-los na minha casa, se possível. Fazer um belo jantar. Eu cozinho.

— Você cozinha?

Minha namorada cozinha bem, mas odeia ir ao mercado, por isso estou surpreso com a oferta.

— Eu contratei um serviço para fazer minhas compras. Então, em vez de ir ao mercado, eu compro pela internet. — Ela dá de ombros. — Acho que é a mesma coisa.

— Meu pêssego... — Suspiro, pois sei o preço que a fama lhe cobra.

Ela afasta as longas mechas de cabelo para longe do rosto.

— Tudo bem. Acho que um dia eu vou encontrar um lugar discreto onde possa fazer compras, onde todo mundo me conheça e a novidade de ter uma celebridade por perto acabe. Meus colegas de trabalho dizem que sempre encontram lugares assim. Tipo o Lucky's. Ninguém me incomoda quando vamos lá.

— Provavelmente porque o meu pai perderia a calma se alguém te incomodasse. Além disso, os clientes de lá são principalmente trabalhadores. Metade deles nem deve saber quem você é, e a outra metade fica feliz só de ver uma loira sexy enfeitando o ambiente de vez em quando.

Ela sorri.

— Pode ser. De qualquer forma, não vejo a hora de conhecer o Paul. Como vai a campanha?

— Nós estamos arrebentando! — Bo se debruça sobre meu ombro. — Oi, Sky. Vamos ver a sua bela bunda quando voltarmos para Boston?

Aperto os dentes.

— Irmão, fique esperto...

Ele revira os olhos enquanto Skyler ri.

— Sim. Eu termino a turnê de divulgação esta semana. Devo voltar um dia ou dois antes de vocês, já que vão estender a estadia aí até quarta-feira.

— Certo. Vejo você no Lucky's, garota.

— Com certeza, Bo. Não deixe o meu namorado levar o trabalho muito a sério e esquecer de rir!

Ele faz um som rude com a boca.

— Nunca!

Royce se aproxima e me entrega uma pasta.

— E aí, garota. Como vão as coisas?

Sky balança na cadeira.

— Comigo tudo ótimo. E com você?

— Tudo certo. Está tudo bem. — Ele bate no meu ombro. — O Michael está subindo.

— Meu pêssego, eu tenho que ir. Te ligo mais tarde, antes de dormir — digo e arqueio as sobrancelhas.

Ela ri como uma adolescente.

— Combinado.

— Te amo.

— Também te amo! — Ela me joga um beijo e encerra a ligação.

Abro meu paletó esporte e vou para a porta da sala de reuniões, onde me deparo com Monika segurando as fotos dos veículos que ela imprimiu. No fim do corredor, um grupo de pessoas se aproxima. Todas elegantes, vestidas em tons variados de preto, cinza, marinho e cáqui. Se eu não soubesse do que se trata e estivéssemos nos Estados Unidos, pensaria que a empresa estava sendo invadida pelo FBI. Na frente do grupo está Michael, liderando o bando. Ao seu lado, de braço dado com ele, minha ruivinha.

— Wendy... — digo seu nome como um suspiro e me adianto pelo corredor.

Ela abre um sorriso largo, solta o noivo e vem saltitante para mim, me encontrando no meio do longo corredor. Abro os braços e ela me abraça, com seu cheiro de coco e felicidade. Eu sorrio.

— Você está incrível!

Wendy inclina a cabeça. Seu cabelo vermelho está mais comprido, penteado para trás, como uma daquelas garotas de Robert Palmer pelas quais meu pai era apaixonado. Nos lábios, um batom rosa-chiclete brilhante, e sua roupa é... um tédio. Observo seu tailleur marinho, sem nenhuma cor viva ou acessório interessante. A única diferença em relação aos terninhos comuns que as mulheres usam no trabalho é que o dela é curtíssimo. Não é algo que eu imaginaria minha assistente usando.

— Que roupa é essa? — Não posso evitar a pergunta.

Ela sorri e se inclina em direção ao meu ouvido, como se quisesse sussurrar um segredo.

— É a minha roupa de jogo de poder. Vou pegar aquela submissa diabólica de guarda baixa me fazendo passar por uma da espécie dela, depois vou dar o bote e mordê-la bem no coração. — Ela aperta meu bíceps. — Bom te ver, chefe. Não vejo a hora de mergulhar nesse projeto e molhar os pés de novo.

Mick se aproxima por trás da noiva e passa o braço ao redor da cintura dela, se encostando em seu corpo.

— Coração, você vai pegar leve, senão eu vou te trancar no quarto de hotel e um dos meus capangas não vai te deixar sair.

Wendy faz beicinho.

— O médico me liberou — ela recorda.

Enquanto Wendy fala, Monika se aproxima do nosso pequeno grupo. O restante das pessoas que Mick trouxe está mais atrás, esperando em silêncio até serem apresentadas.

Wendy e Michael nem parecem ligar para o fato de a cliente — a ex de Mick — estar atrás de mim, ao lado de Royce e Bo, porque continuam conversando.

— Bom, talvez seja necessário arranjar um médico mais sensato — Mick rosna baixinho.

— Arranjar? Ou *subornar*? — Ela revira os olhos. — É subornar — explica para mim.

Então ela se volta e cutuca o peito dele com um dedo longo e delicado. Nossa, eu odeio quando as mulheres fazem isso. Dói pra caramba.

— Espere até me engravidar de novo, grandalhão. Você vai ver todo tipo de médicos e parteiras malucas...

Ele ri.

— Não, porque eu já entrevistei enfermeiras e parteiras. Nós vamos contratar uma de cada para te ajudar a cuidar da gravidez. Nada de acidentes desta vez. Vamos fazer direito.

Ela arregala os olhos e passa o braço pela cintura dele, lhe dando um beijo doce no pescoço. Um anel rosa de batom fica grudado na pele de Mick, mas ele está tão tranquilo que nem liga.

Royce pigarreia atrás de mim. Eu me volto e vejo que todos estão esperando enquanto nós três, principalmente Wendy e Mick, fazemos gracinhas. Roy dá um passo à frente.

— Olá, Michael. Wendy, venha aqui me dar um abraço!

Ela sorri e vai até Roy, que lhe dá um abraço de urso.

— Que bom ver você, garota.

— É bom estar aqui.

Ela sai dos braços dele e vai na direção de Bo.

— Veja só, a Sininho parecendo... — Bo franze o cenho e avalia o figurino dela — ... profissional.

Ela bate no peito dele.

— Me abrace e não faça perguntas.

Ele fecha os olhos e inspira o cheiro de Wendy antes de exalar como se tirasse um grande peso dos ombros. Todos nós estamos aliviados por tê-la de volta, depois de quase a perdermos.

— Chega, Montgomery. Wendy... — Mick chama a noiva.

Ela sorri e recua, mas não antes de dar um tapinha no rosto de Bo e dizer:

— Você está bonito... para um galinha.

Ele sorri e leva a mão ao coração.

— Ela disse que eu estou bonito. Viu, Sininho, você gosta de mim. Você me ama. Você quer transar comigo — brinca, e Mick fica puto.

Nesse momento, Monika por fim se aproxima.

— Michael... Há quanto tempo. Obrigada por ter vindo.— Ela estende a mão para Mick, que a pega brevemente, sem soltar Wendy. O cadeado no pescoço da noiva balança pendurado na nova gargantilha de ouro branco.

Wendy estende a mão.

— Eu sou a Wendy, noiva dele — diz, inclinando a cabeça para Michael.

Monika esboça um sorriso, e seu aperto de mão é fraco.

— E essas pessoas? — pergunta, franzindo a testa, sem entender a presença delas.

E eu compreendo, porque também não sei o que fazem aqui.

— São especialistas de alguns dos meus escritórios na Europa — Mick responde. — Nós temos marketing social, marketing comercial, otimização de mecanismos de busca e internet, TV, rádio, modelos e atores, desenvolvimento

de conteúdo e assim por diante. Pelo que entendi, a reviravolta tem que ser rápida. Muitas mãos são necessárias.

— Você é nosso salva-vidas, Mick — digo, oferecendo a mão e apertando a sua com fervor e gratidão.

Ele torce os lábios. Isso é tudo que vou conseguir deste homem estoico. Normalmente ele é um pouco mais descontraído comigo, mas negócios são negócios, e esta empresa em particular é administrada por sua ex-submissa. Alguém que o decepcionou e traiu sua confiança.

Monika se apruma, erguendo o queixo.

— Sim, Michael, estou em dívida com você...

— Não, a sua dívida é com o meu departamento financeiro. Os meus serviços e equipe são caros — Michael afirma, sem nenhuma gentileza.

— Ah, claro. A OhM Motors vai arcar com todas as suas despesas.

Ele passa o braço em volta de Wendy.

— Ótimo. Onde devemos nos acomodar?

Dou um passo para trás e indico a sala de reuniões no fim do corredor.

— A porta à esquerda.

— Imagino que a IG já tenha o conceito e o tema prontos, certo, Parker?

— Mick pergunta.

— Com certeza. Só precisamos da equipe que vai tornar isso realidade — digo, sorrindo.

— Excelente.

Eu me volto e rumo para a sala de reuniões. Quando olho para trás, vejo Wendy lançando olhares cortantes para Monika enquanto passa. O que responde a minha pergunta anterior sobre se Mick teria contado à noiva a história toda de seu passado. A resposta é um grande e gordo sim.

Vão ser dias interessantes.

Novo objetivo: impedir que Wendy e Monika fiquem sozinhas enquanto desenvolvemos a nova campanha.

— De jeito nenhum... — Royce diz no dia seguinte, sacudindo a cabeça. — Você deve estar louco, Pritchard. Eu não vou fazer isso. Minha mãe me mataria!

— Eu estou dentro, com certeza — Bo diz, rebolando. — Eu sou excelente para fazer as mulheres babarem. — Ele mexe os quadris em uma imitação malfeita de Elvis. — Obrigado. Muito obrigado.

— O que está acontecendo aqui?

Eu me sento e recosto a cabeça no sofá de couro da sala de reuniões. Ontem terminamos à meia-noite, fomos comer comida ruim de bar e por fim caímos na cama, às duas da manhã. Preciso dormir mais e trabalhar menos. Estamos trabalhando há cinco horas hoje, e já fizemos tanto que minha cabeça está girando e latejando em um ritmo cansado.

Olho para o relógio enquanto Mick fala sobre o que espera de nós. Nossa, já é de tarde. Meu estômago está roncando, exigindo sustento. Não entendo todos os detalhes do que ele está dizendo, mas assinto mesmo assim.

— Sim, tudo bem. O que for necessário, Mick — respondo, sem saber com que estou concordando.

Mick não é brincadeira. Ele é um empresário agressivo que sabe exatamente como mover as peças de um projeto deste tamanho. Eu só queria não ter bebido tanto e precisava ter dormido mais.

Um dos especialistas em TV vem até mim e me mostra algumas fotos.

— Não encontramos um sujeito robusto o suficiente para a foto da picape. Queremos usar um soldado americano para essa e, claro, um pastor-alemão. — Ele coloca seis fotos na mesa de centro espelhada à minha frente. — O que você acha destes homens?

Observo os rostos enquanto Michael apresenta um plano que tem para o final da filmagem.

— Muito estilo modelo de passarela. Muito magro. Muito parrudo — digo enquanto aponto para cada rosto e os empurro de lado.

Quem diria que eu teria que selecionar fotos de modelos para um comercial? Depois de passar pelo próximo lote, aponto para um rosto.

— Este seria bom como marido do carro da família. Usem ele com camisa polo e calça jeans e uma mulher que pareça um soldado.

O cara deixa cair os ombros.

— Você eliminou todas as fotos que escolhemos para os soldados.

— Talvez porque sejam todos modelos.

Então surge uma ideia, e eu rolo a tela de chamadas recebidas até encontrar o que quero.

— E aí, P-Drive! Como vão as coisas?

Sorrio ao ouvir a voz familiar do meu irmão.

— Tudo bem. Ouça: estou com um problema com o projeto em que estou trabalhando e queria discutir umas coisas com você, se tiver tempo.

— Irmão, tudo que eu tenho é tempo. O Denny e eu estamos sentados na beira da piscina do hotel, relaxando e tomando uma cerveja. Pode falar.

Eu me levanto, passo pelas pessoas na sala de reuniões e me dirijo à janela, de onde posso ver metade de Berlim. Carros alemães maravilhosos correm pelas ruas tomadas de um misto de edifícios contemporâneos, remanescentes de relíquias destruídas pela guerra e algumas estruturas incríveis que sobreviveram aos bombardeios.

— Estou com dificuldade para selecionar modelos para ser soldados em um comercial. Eles não vão ter falas, mas o rosto de modelo e o corpo esbelto não convencem como soldados de verdade, homens e mulheres que já estiveram no inferno lutando pelo país, protegendo os civis dos tiranos e da guerra.

— Tudo bem. Deve ser porque você acabou de reencontrar o seu irmão soldado depois de tanto tempo. Isso é normal, Park. Eu fiquei longe muito tempo. Não foi fácil para mim, e eu sei que também não foi para a minha família. Nunca saber onde eu estava, quando ia voltar, se estava bem, vivo... Caralho, deve ser muito difícil. Esse é um dos motivos pelos quais estou pensando em me reformar.

Fico pensando em suas palavras.

— Acho que é isso. Eu tenho a impressão de que escolher um modelo experiente, ou um ator, não vai passar sinceridade, realidade. Entende?

Ele puxa o ar entre os dentes, provocando um assobio.

— Por que você não pega soldados de verdade? Tem tantos caras de licença ou reformados. Muitos deles não teriam problema algum para participar de uma campanha publicitária internacional. Eu tenho amigos no mundo todo. De quantos você precisa?

Instantaneamente, a imagem do meu irmão pulando na cabine da caminhonete com um cachorro enorme me faz sorrir como um lunático.

— Incluindo você, cinco, e eu prefiro que dois sejam mulheres, de todas as etnias. Vou te mandar os detalhes do que estamos procurando. Você toparia? Eu adoraria ver o rosto do meu irmão na frente das câmeras, entrando em uma caminhonete, com uma bandeira americana se agitando ao fundo. O que me diz?

— Duas coisas.

— Diga.

— O trabalho é pago? E eu posso levar meu namorado? — ele pergunta, bem-humorado.

Começo a rir muito diante de suas exigências simplórias.

— Porra, claro que é pago! E claro que você pode trazer o Dennis. Assim vamos poder apresentá-lo aos caras também. Não tem problema se você aparecer na TV? Pergunto por causa das suas operações especiais secretas.

— Não, irmão. Ninguém sabe o que eu faço, onde e para que sou designado. Eles me mandam quando é uma operação rápida, resgate, retirada, recuperação e outras coisas que eu não posso falar. Não importa se alguém vê o meu rosto em uma operação, porque quem me vê não dura muito tempo, se é que você me entende.

Sinto a boca seca. Concordo com a cabeça devagar, mas logo a sacudo. Porra, não, eu não entendo. Parece que o meu irmão acabou de admitir que faz coisas assustadoras que acabam com a vida das pessoas. Não quero saber mais sobre isso.

— Vou dar uns telefonemas depois que receber a sua mensagem — ele diz.

Assim que encerro a ligação, vou até um dos assistentes.

— Preciso que você faça uma lista com as especificações necessárias para os modelos do comercial e envie para este número o mais rápido possível.

Michael se aproxima com alguns gráficos sobre a distribuição do vídeo na internet e na imprensa.

— Nós precisamos de uma exposição automobilística.

Deixo cair os ombros.

— Em quanto tempo você consegue organizar isso?

— Já está sendo organizado. Entrei em contato com alguns clubes europeus e estou reunindo os detalhes. Vai estar tudo pronto para o fim de semana em que os veículos vão ser lançados.

Assinto.

— Estou com um problema com os modelos.

Mick franze a testa.

— Que problema?

— Nenhum deles parece um soldado.

— Talvez porque são modelos, e não soldados — ele observa.

— Eu pedi para o meu irmão falar com alguns amigos para ver se conseguimos usar soldados de verdade nos comerciais.

Mick abre um sorriso diabólico.

— Eu quero a autorização deles para usar o nome, patente e divisão militar. Para mexer com telespectadores do mundo todo, precisamos de rostos com nome. — Me dá um tapinha nas costas. — Boa ideia.

Sorrio, feliz por minha preocupação colaborar com o conceito.

— E vocês três amanhã vão fazer cabelo, maquiagem e guarda-roupa — Mick avisa por cima do ombro enquanto sai andando.

— O q... Espere aí! Do que você está falando? Cabelo e maquiagem, nós três?

Ele vira, cruza os braços e me lança um olhar sombrio.

— Uma contribuição para a campanha. Para o slogan: “Bravura que nos move”. — E pisca, como se suas palavras devessem surtir algum efeito em mim.

Mas nada acontece.

— Não sei do que você está falando.

Ele suspira.

— Parker, você concordou que os três representariam o slogan diante das câmeras. A Monika e eu achamos que vocês três na tela vai ser excelente. E mais que isso... — Dá um passo à frente, se inclina para mim e sussurra: — É a minha vingança perfeita por ter que largar tudo, ver a minha ex e vir socorrer vocês.

Fecho os olhos. Puta merda.

— Então você vai nos pôr na frente das câmeras.

Ele apenas sorri.

— Amanhã? Será que eu quero saber o que nós vamos ter que fazer? — Todo tipo de ideia maluca preenche minha imaginação: nós três de farda, fingindo ser soldados... Acho que não seria tão ruim.

Ele abre um sorriso malvado.

— Vocês três vão estar em frente a um espelho comprido, com três cubas, tipo um vestiário. Acabaram de sair do chuveiro, peito nu, toalha enrolada na cintura. O Royce me contou que você gosta de deixar mensagens no espelho das suas clientes.

— Ai, cacete...

— Fiquei pensando... — Ele leva os dedos ao queixo. — O que poderia ser um grande gesto para a cliente, para o mundo, e, claro, deixaria vocês três cada vez mais desconfortáveis... para a minha satisfação? E descobri. Três homens nus na frente do espelho com uma embalagem de creme de barbear. Cada um de vocês vai escrever uma parte do slogan da campanha no espelho. — Ele estende as mãos à frente e olha para cima. — Bravura — diz, movendo as mãos do centro para as laterais. — Que Nos — de novo. — Move. — E sorri feito um maníaco. — Estiloso, não?

Aperto os dentes.

— Tudo bem. Se é o que você precisa para se vingar...

Mick inclina a cabeça.

— Ah, não, não, não. Veja, a minha noiva está me pressionando para eu fazer uma despedida de solteiro de verdade. E eu decidi que você vai planejar. Parece que ela não quer que eu perca as coisas normais da vida. Eu expliquei que tudo o que eu quero é ela, mas, sabe, ela consegue o que quer de mim. Coloque isso na agenda. Como o casamento está próximo, você precisa começar a se mexer. Eu te mando a lista de convidados e conto com a IG lá.

Rio e balanço a cabeça.

— Seu cachorro! Tudo bem. Eu faço o que for preciso para voltar às boas graças de Michael Pritchard.

Mick sorri. Wendy aparece e passa o braço em volta da cintura dele.

— Estou com fome. — Ela olha para Monika, do outro lado da sala, que encara o casal sem nem disfarçar. — Me leve para algum lugar longe daqui.

— Como quiser, meu amor.

Ela sorri.

— Park, está com fome?

— Na verdade, estou...

Mick sacode a cabeça uma vez. Tudo bem, o convite acaba de ser retirado.

— Mas vou esperar os caras acabarem e comer com eles. Talvez eu ligue para a Sky.

— Ah, ela está bem. A gente se falou hoje de manhã. — Wendy balança os ombros. — O vestido de madrinha dela ficou um arraso. Amarelo-claro, elegante. Supersexy com aquele cabelo dourado dela.

Eu sorrio. Qualquer menção a minha namorada me faz abrir um sorriso bobo.

— E eu?

— Você e o Michael vão provar os smokings quando voltarmos.

Passo para o lado dela e a afasto de Michael, mas não muito, para que ele possa ouvir.

— Sabe, Wendy... se você quiser cancelar o casamento, desistir a qualquer momento, como o homem que vai te levar ao altar eu te ofereço uma rota de fuga...

Mick rosna e a tira de mim.

— Não tem graça, Ellis.

— Para mim tem — digo, controlando o riso.

Ele estreita o olhar para mim. Levanto a mão, aproximando o polegar e o indicador:

— Um pouquinho de graça.

— Coração, você disse que estava com fome, não disse? — ele pergunta, erguendo uma sobrancelha e olhando para Wendy.

— Estou faminta — ela responde, baixando a voz e passando a mão pela gravata de cetim azul-claro dele.

— Então vamos lá. Até mais tarde.

— Vou ficar com saudade — brinco, e Mick aperta os dentes.

Bo se aproxima e engancha o braço no meu pescoço.

— Ele facilita muito.

— É — rio. — Está com fome?

— Meu estômago já engoliu minhas entranhas e está roendo a espinha dorsal agora — ele diz, sem nenhuma inflexão na voz.

Não consigo segurar o riso.

— Que nojo.

— Você riu!

Dou um tapinha em seu ombro.

— Você está sempre pronto para fazer um irmão rir.

— Eu assumo essa tarefa da mesma forma que transo com uma mulher... como se fosse o meu trabalho — ele retruca.

— Você é inacreditável — decreto, mas na forma de um insulto.

— É o que elas dizem. — E sorri.

Sacudo a cabeça e empurro Bo para o outro lado da sala, onde está Royce. Olho para ele, e Roy ergue a cabeça, larga os papéis e abotoa o paletó antes de vir até nós.

— Hora de comer, espero.

— Desde que a gente consiga manter este aqui sob controle. — Aponto o polegar para Bo.

— Qual é? Vocês me amam. E morreriam de tédio se eu não existisse, sempre animando vocês, rindo para aliviar as preocupações.

Royce bate na nuca de Bo e eu sacudo seu ombro.

— Tem razão. Acho que vamos ficar com você — provoco de novo.

— É isso aí. — Bo franze a testa.

— Que tal arranjarmos uma bela loira para você? — Royce propõe.

— Uma mocinha? — Bo arregala os olhos, todo alegre.

— Uma cerveja — Royce responde e ri com aquele estrondo profundo, como um trovão caindo no topo de uma montanha.

Bo finge desânimo.

— É a segunda melhor coisa, mas serve.

Saímos do prédio e entramos no carro da OhM.

— Nos leve a algum lugar que tenha cerveja gelada e hambúrguer no estilo americano, amigo — peço ao motorista.

— Eu conheço o lugar certo.

9

Esfrego os braços, arrepiados.

— Isso é loucura — digo, cruzando os braços sobre o peito. — Está tão frio que daqui a pouco meus mamilos vão quebrar e cair. Tem que ser tão gelado aqui?

— Não sei do que você está reclamando. Eu estou bem — Royce retruca.

Ele está com os pés afastados, uma toalha branca felpuda enrolada na cintura, chegando à altura dos joelhos. O sujeito é enorme, e sua pele, na qual uma maquiadora está esfregando óleo, tem uma rica cor de ébano, em forte contraste com a toalha. Ele sorri e me dá uma piscadinha. Seu abdome é como um tanque de lavar roupa. Caramba, ele parece esculpido. Não que eu seja um desleixado, mas sou homem suficiente para notar que o meu parceiro é muito sarado.

— Bom, eu não estou sendo esfregado por uma linda morena, né? — digo, indicando a maquiadora.

— Meu trabalho tem seus benefícios. Este é um deles — ela diz, sorrindo e despejando mais óleo nas costas nuas de Royce. — Não se preocupe, você é o próximo. — E me dá uma piscadinha marota.

Bo está por ali com sua toalha. Um cara durão, de cavanhaque, músculos definidos e cintura fina.

— E quando vai ser a minha vez de ser esfregado? Melhor ainda, posso fazer isso deitado? — ele pergunta com um tom sugestivo, que não deixa nada para a imaginação.

Aperto os dentes. Mal me controlo para não torcer o pescoço dele.

— Já ouviu falar em assédio sexual, Bo? Se aplica a clientes também.

A mulher untando Roy para o que está fazendo, olha para Bo de cima a baixo e aparentemente gosta do que vê, porque sua resposta diz tudo:

— Você e eu, depois do trabalho. Talvez, em vez de eu passar óleo em você, deixe você passar em mim.

Bo leva a mão ao coração.

— Mulher, você está falando a minha língua.

Ela ri.

— Não é difícil de adivinhar, jogador.

— Um jogador reconhece o outro — ele responde e ela abre um sorriso largo.

Quando ela termina com Royce, me entrega o pote de óleo.

— Acho que o seu amigo precisa de uma ajudinha nas costas. Talvez vocês dois possam se ajudar. Eu preciso encontrar os soldados. — Sorri e se afasta rebolando.

Bo a observa.

— Hummm. Não vejo a hora de dar uma mordida nessa bunda hoje à noite.

Derramando um pouco de óleo nas mãos, esfrego os braços e o peito. Bo imita meus movimentos e, a contragosto, lubrificamos as costas nuas um do outro sem nenhuma delicadeza.

— Ah, aqui estão os meus modelos! — Mick, seguido por Monika, aparece, usando um terno preto risca de giz e outra gravata de cetim, só que esta é amarela. Aposto que foi Wendy quem lhe comprou essa gravata. É a cor favorita dela. — Eles são perfeitos para o comercial, não acha, Monika? — E aponta para nós três.

Estamos seminus, apenas com uma toalha na cintura e uma tanguinha minúscula por baixo. Eles querem que o início do nosso traseiro fique sugerido na toalha, de modo que não podemos usar cueca normal.

— Você está falando merda. Sabe disso, né? — digo a Mick, me certificando de que ele entenda que não estou nada impressionado.

Ele responde com o sorriso do gato de Alice.

— Sim, eu sei. Quer dar alguma ideia, Monika? — Mick se dirige à nossa cliente.

Ela olha para ele com adoração, com um brilho no olhar que eu não havia notado antes.

— Tudo fica perfeito quando você está aqui — diz com uma voz sexy, cheia de segundas intenções.

Antes que eu possa falar alguma coisa, Wendy aparece atrás dos dois e ri, passando o braço ao redor de Mick.

— Engraçado, eu digo isso a ele o tempo todo.

— Coração... — Ele inclina o queixo dela para cima e a beija com suavidade.

— Coração? — diz Monika com desdém. — Ele me chamava de princesa.

— Ai... — Bo murmura.

— Merda — Royce sussurra.

— Não é uma boa ideia... — alerta.

— Com licença! — Wendy vira para Monika. — Vamos fazer isso mesmo? Bem aqui? Porque eu tenho várias palavras bem escolhidas para dizer sobre você. — Algo em seu tom de voz me diz que isso é mais uma promessa que uma ameaça.

Bo arregala os olhos e cobre a boca com a mão. Eu recuo um pouco para evitar fazer parte do que possa ocorrer.

Royce se intromete:

— Garota...

Levanto a mão e sacudo a cabeça.

— Não é problema nosso, irmão — lembro. Isso é entre Mick, Wendy e Monika. — É melhor irmos para... algum lugar. Qualquer lugar.

— Nem fodendo — Wendy responde para nós.

Então, com toda a insolência que eu sei que tem dentro de si, volta a cabeça e direciona sua fúria a Monika:

— Vamos esclarecer isso agora mesmo... *princesa* — diz, pronunciando o apelido com malícia.

— Meu amor, realmente não é hora nem lugar — Mick tenta.

Ah, coitado. A intenção dele é boa, mas, pelo pouco tempo que conheço Wendy, sei que ela não é o tipo de mulher que alguém pode impedir de falar. Já aprendi isso.

O rosto dela se contorce em uma expressão de nojo.

— Eu discordo, Mick. Isso termina aqui. — Volta a atenção para Monika e aponta para ela.

Por que as mulheres sempre apontam? Vou ter que perguntar a Sky.

— Você pode ter um passado com o meu noivo, mas não tem um futuro com ele. Quem tem sou eu. — Ela acena para indicar Mick do topo da cabeça até os pés. — Tudo isto poderia ter sido seu. Felizmente você pisou na bola, e agora é tudo meu.

— Perdão, Michael — Monika praticamente choraminga.

Wendy sacode a cabeça, furiosa.

— Eu disse que você podia falar? Ainda não terminei.

A loira aperta os lábios.

— Você — Wendy aponta para ela de novo — traiu a confiança do Mick, mentiu e nunca mereceu usar a coleira dele — pega seu cadeado — nem um anel de noivado. — Levanta a mão, onde o enorme diamante que Michael lhe deu refrata a luz. — Eu amo o Mick mais que a minha própria vida. Não preciso ter prazer com outro homem, porque ele me dá *tudo* que eu preciso.

Monika franze a testa e engole em seco. Os músculos de seu pescoço se movem com o esforço. Ela mantém os punhos apertados nas laterais do corpo. Meu palpite é que ela está dividida entre responder ao que Wendy está dizendo, ser profissional e admitir que Wendy está certa.

E minha assistente continua:

— Eu entendo que você esteja triste por ter perdido o Mick. Faz sentido. Se eu estivesse no seu lugar... não que eu fosse burra a ponto de fazer isso, mas, se eu estivesse, só ia querer reconquistá-lo. Eu entendo. Entendo que você queira pedir desculpa, fazer as pazes, fazê-lo recordar os bons momentos que vocês viveram. Só que eu estou aqui para te dizer, querida: não se dê o trabalho. O que você não sabe, e eu estou aqui para te dizer, é que o que o Mick e eu temos é lendário. O que vocês tiveram foi esquecível. — Wendy dá de ombros. — É triste, mas é a verdade. Agora, a minha equipe tem uma campanha para terminar. Posso confiar que você vai guardar seus comentários para si e deixar o passado onde deve estar... morto e enterrado?

Bo assobia baixinho.

— Uau. Durona, Sininho.

Michael passa o braço em volta do pescoço de Wendy e segura o cadeado, puxando-o. Os olhos dela brilham como glitter.

— Sim. — Monika lambe os lábios com nervosismo. — Eu só quero dizer que sinto muito pelo modo como as coisas terminaram. As minhas ações naquela época não refletem quem eu sou agora.

Mick limpa a garganta.

— Eu tenho certeza de que o seu marido aprecia a diferença — diz com a voz monótona, sem absolutamente nenhum sentimento.

— Nós estamos separados — Monika revela.

Wendy fica rígida, mas Michael percebe depressa seu desconforto e esfrega a clavícula dela com o polegar enquanto responde:

— Que pena. Eu agradeço pelo pedido de desculpa, mas, como você pode ver, para mim foi o melhor. Eu tenho a mulher dos meus sonhos, que usa a minha coleira, o meu anel, e nós estamos planejando uma família. Vamos terminar os especiais de TV nos próximos dias e depois vamos embora. A minha equipe pode terminar o que for necessário nos meus escritórios, e todos nós podemos acompanhar as coisas por videoconferência e e-mail. — Michael olha para nós, que estamos tentando nos encolher e ficar fora da conversa. — Continuem, rapazes. A Wendy e eu vamos checar os outros estúdios.

E, assim, eles nos dão as costas e se afastam friamente, de braços dados, como uma só força.

Monika deixa os ombros caírem, derrotada.

— Lamento que vocês tenham testemunhado isso. Não foi nada profissional e...

— Nós entendemos. Que tal rodarmos logo a cena para podermos tirar essas toalhas e vestir nosso terno? — sugiro, tentando mudar de assunto.

Ela anui como se estivesse anestesiada, como se voltasse ao passado, sem prestar atenção ao que está acontecendo ao seu redor agora.

— Fale por si, irmão. Eu fico perfeitamente bem só de cueca a qualquer hora do dia — Bo comenta, diminuindo a tensão que Mick e Wendy deixaram em seu rastro.

Royce sacode a cabeça e empurra Bo para seu lugar em frente ao balcão. Diante de cada um há uma pia, uma lata de creme de barbear e uma navalha.

Monika ergue o queixo e endireita a coluna antes de se dirigir aos operadores de câmera e à equipe. Luzes brilhantes, ofuscantes como o sol, cintilam ao nosso redor. Instantaneamente, minha pele começa a esquentar. Graças a Deus!

— Muito bem, virem para o espelho. Nós vamos passar por vocês com a câmera algumas vezes. Então, cada um vai levantar a lata. Vamos passar a câmera de novo. Depois, um de cada vez vai escrever a sua parte no espelho com o creme de barbear. Entendido?

Cada um responde com sua versão de sim.

— Prontos? Silêncio no estúdio! — o diretor do comercial grita. — Ação!

Os caras com as câmeras nos filmam, cada um de seu ângulo, depois param.

— Agora peguem as latas de creme de barbear... Eu quero que cada um de vocês observe a própria pele, o rosto, faça pequenos movimentos. Tem que parecer natural.

Seguimos suas instruções. Sorrimos para nosso reflexo, inclinamos o queixo, avaliamos os pelos crescidos, esse tipo de coisa. Até que ele pede para parar.

— Muito bem. Royce, você é o primeiro. Ação.

Ele sacode a lata de creme de barbear e esguicha no espelho até formar a palavra “BRAVURA” em letras de forma.

— Bo, você agora — o diretor ordena.

Ele chacoalha a lata e esguicha as palavras “QUE NOS” sobre a superfície do espelho.

— Parker...

Sacudo minha lata, sorrio e escrevo a palavra “MOVE” em letras maiúsculas, para combinar com a dos rapazes.

— Tudo bem. O pessoal vai limpar o espelho e vamos fazer de novo.

Nós três gememos e resmungamos como bebês.

Por fim o diretor encerra a cena e nos libera. Uma vez vestidos, levo os rapazes para o outro estúdio, onde encontro Paul usando um uniforme camuflado. Não é o padrão, e certamente não é o seu verdadeiro, mas é como um soco no estômago vê-lo vestido assim. Me faz lembrar que é uma grande sorte ter meu irmão de volta inteiro.

— P-Drive. — Ele me puxa para seus braços e bate nas minhas costas com força. — Estamos quase prontos para filmar.

Ele acena para Dennis, que está sentado em uma cadeira ao lado, fora do caminho da equipe.

Atrás de Paul há uma caminhonete prata fodona da OhM Motors chamada 2.5 Amp. Todos os veículos têm um nome chamativo, que se relaciona com a natureza elétrica dos carros híbridos. À direita, vejo um sujeito alto e esguio de uniforme, com o padrão de cores e design similares aos das forças armadas francesas, parado diante da 1 Volt, que é a motocicleta. Do lado oposto há uma mulher com o uniforme do exército alemão, com a bandeira preta, vermelha e amarela costurada na manga, na altura do bíceps. Ela tem um bebê no colo, e o marido está abrindo a porta enquanto a câmera os segue. Ela coloca o bebê no sedã, chamado 4 Watt.

— Dennis, venha aqui — chamo. — Quero que você conheça os meus amigos.

O namorado do meu irmão se aproxima. Está de calça azul-marinho e polo branca, um cachecol azul, branco e amarelo em volta do pescoço, relógio de couro marrom e sapatos combinando. Os óculos de armação preta estão empoleirados no nariz, e o cabelo escuro — quase preto — está penteado para trás em um estilo elegante.

— Parker, obrigado por me permitir vir hoje. É muito empolgante ver tudo isso dos bastidores.

— Pessoal, este é Dennis Romoaldo, namorado do Paulie. Estes são Royce Sterling, meu sócio, e Bogart Montgomery, nosso outro sócio.

Dennis aperta a mão deles antes de se aproximar de Paul. Instantaneamente, meu irmão esfrega as costas do namorado, como se o estivesse acalmando. Dennis sorri.

— Ouvi falar muito de todos vocês. Vocês são os irmãos que a vida trouxe, segundo o *Paulo*.

Bo e Royce riem.

— Sim, é por aí — Roy responde. — O Parker disse que você é brasileiro...

Dennis se ilumina, inflando o peito de orgulho enquanto suas bochechas ganham um tom rosado.

— Sim. O Rio é a minha casa e a sede dos negócios da minha família.

— Ah, é? O que vocês fazem? — Bo pergunta.

— A minha família trabalha com importações e comércio exterior. Enquanto eu estiver em Boston para conhecer a família do Paul, ele vai me ajudar a procurar um espaço para um novo depósito, e também um estaleiro no porto de Boston. Vamos ver o que tem disponível.

Quando ouço essa informação, fico atento.

— Vocês estão expandindo e pensando em fazer isso em Boston? — Abro um sorriso tão grande que meu irmão percebe na hora.

— Sem promessas, Park. O Denny precisa fazer o que for melhor para os negócios e para ele...

— E se o namorado dele, por acaso, mora em uma cidade portuária que é incrível para remessas da costa Leste... — digo, deixando-os somar dois e dois.

Ele ri.

— Você acha que eu não pensei nisso? Mas não vou forçar nada. Ele também está analisando o Texas e a Califórnia.

— Na Califórnia tudo é muito caro — Royce opina, pensativo. Ele acompanha as tendências em negócios, especialmente quando se trata de capital. — Alguns dos estaleiros mais caros ficam na costa da Califórnia — acrescenta.

Dennis concorda.

— É o que estamos descobrindo. Vimos potencial também no Oregon e em Washington.

— São opções melhores financeiramente, mas podem tornar o transporte terrestre menos lucrativo, dependendo das suas necessidades — Royce explica.

— Exatamente. Não é tão bom quanto *Boston* — digo, apertando os dentes e estreitando os olhos para Roy. Ei, eu acabei de recuperar meu irmão. Ainda não quero que ele vá embora por aí com o namorado.

Bo dá risada e passa um braço em volta dos meus ombros.

— O nosso garoto aqui só quer que o irmão fique em Boston. Ele vai pressionar bastante, se prepare — avisa a Dennis.

Faço cara feia para ele e chacoalho os ombros, dispensando sua camaradagem.

— Bom, não precisamos falar sobre isso agora. Vamos filmar e sair para comer alguma coisa. E beber por conta da International Guy à noite.

Paul sorri e aperta a nuca do namorado.

— O que você acha da ideia? Tudo bem sairmos com o pessoal hoje à noite?

Dennis cora sob a atenção de Paul. Honestamente, nunca imaginei meu irmão com um homem, mas os dois são bem atenciosos e carinhosos um com o outro.

— Eu adoraria sair com eles — Dennis responde e fica vermelho de novo.

Royce bate palmas.

— Muito bem, está resolvido. Vou cuidar das questões financeiras com o Michael. Bo, quer dar a sua opinião sobre as fotos e os anúncios?

Bo assente.

— Vou ver se o restante dos comerciais está indo na direção que nós decidimos — digo.

— Acho que tenho que voltar para o meu lugar. — Paul aponta com o polegar por cima do ombro.

Nesse momento, um filhote de pastor-alemão entra correndo no set.

— *Nein! Halt!* — alguém grita em alemão enquanto corre atrás do cachorro rebelde.

— Isso que acabei de ver era um filhote fofo correndo por aqui? — digo, franzindo a testa e olhando ao redor.

Bo abre um sorriso largo.

— Sim! Eu quero participar. Adoro cachorros!

Ele gira e persegue o sujeito que está perseguindo o cão pelo set. O filhote corre com a língua rosada para fora.

— Esse não é um cachorro enorme e fodão. É um filhotinho fofo. — Suspiro e reviro os olhos. — Preciso resolver isso. Jantar hoje à noite. Vou convidar a Wendy e o Mick também. Ela vai arranjar um lugar para a gente.

— Tudo bem. Até mais tarde. — Royce bate o punho no meu.

Aceno para meu irmão e Dennis e me dirijo aos dois imbecis que estão perseguindo um cachorrinho.



A música está rolando. Vejo Bo se esfregar na maquiadora, que ele convidou para se juntar a nós depois que jantamos. Ele sempre se diverte, mas não mistura suas peguetes com a família e os amigos íntimos. Nunca levou uma mulher ao Lucky's. Acho que, quando esse dia chegar, vai significar que está apaixonado.

Royce coloca uma cerveja gelada a minha frente, um uísque puro para Mick e outro gim-tônica para Wendy. Senta, bebe seu uísque e sacode a cabeça, olhando para a pista de dança.

— O Bo definitivamente sabe dançar. Eu devia ir até lá e mostrar como um homem de verdade seduz uma mulher — diz, sorrindo.

Eu também sorrio.

— Cara, duvido. Aposto vinte dólares que você não consegue fazer a garota dele te dar bola.

Royce deixa seu uísque na mesa depois de tomar um gole generoso.

— Fechado, irmão. Observe e aprenda. — Levanta da cadeira e vai até a pista de dança.

— Este lugar é incrível, Wendy. Grande achado — digo e sorrio, grato.

E é mesmo. No início da noite, estava bombando de gente jantando, mas, assim que o relógio bateu dez horas, começou a se transformar em um ambiente de balada. As luzes do salão de jantar diminuíram e o neon tomou conta, e um DJ assumiu o som nos fundos. Está tocando uma seleção de sucessos americanos de hip-hop e rock, de modo que nós conhecemos todas as músicas.

— É mesmo! Foi um dos caras da equipe de TV que recomendou — Wendy explica.

Ela se levanta, e Mick a pega pela cintura.

— Aonde você vai, meu amor? — pergunta, apertando seu quadril.

— Ao banheiro.

Ele vai se levantar para escoltá-la quando Dennis fica em pé.

— Eu vou até lá com você — diz, olhando para Mick. — Vou dar uma olhada por aí, esticar as pernas.

Wendy revira os olhos.

— Você precisa parar com esse negócio de não poder tirar os olhos de mim — reclama, se abaixando para Mick com um sorriso carinhoso e acariciando seu rosto.

— Nunca — ele diz. Uma única palavra e nada mais.

— Affff... homens. Vem, Dennis. Vamos desabafar sobre como os homens são idiotas.

Mick lhe dá um tapinha na bunda quando ela vai passar o braço pelo de Dennis.

— Eu adoro os homens — Dennis responde com sinceridade. — Especialmente um homem de uniforme — sorri para meu irmão. — Dá para explicar isso? — diz, franzindo a testa e pegando o braço de Wendy.

Ela sacode a cabeça.

— Você tem muito que aprender sobre jogar duro para conseguir o que quer. Não se preocupe, eu te ensino.

Paul ergue as sobrancelhas.

— A sua noiva é uma espoleta — diz, gesticulando para Mick.

— É mesmo. — Ele se inclina para trás, observando a bunda de Wendy enquanto ela se afasta.

— Tudo bem entre vocês depois do climão de hoje? — pergunto, cutucando seu ombro.

Mas ele não tira os olhos de Wendy.

— Foi... *difícil* ver a Monika, mas não porque sinto falta dela. É porque eu realmente queria o melhor para ela. Acho que ela não está feliz, e isso me deixa triste — diz, franzindo os lábios e pegando seu uísque.

Faço que sim com a cabeça.

— Ela teve a oportunidade de ser feliz com você e desperdiçou. Agora, você tem fogos de artifício iluminando o seu mundo. Você se deu bem. Mas ela escolheu o próprio caminho. Se foi o caminho errado, é problema dela.

Mick toma sua bebida devagar, com o olhar fixo no corredor dos banheiros.

— Você está louco para ir atrás dela, né? — provoco.

Ele deixa cair os ombros e baixa a cabeça um instante.

— Com certeza. — Sua mão treme enquanto segura o copo, e ele se concentra no local por onde Wendy passou.

— Você já conversou com alguém sobre esse seu medo? — pergunto com cuidado, sem julgamento.

Ele suspira.

— Sim. Nós dois estamos fazendo terapia. Juntos e separados. Quase perder a Wendy e ter perdido o bebê... — Ele engole em seco e baixa o copo. — Não está sendo fácil. Ela é tudo que eu tenho de importante no mundo. Mas planejar o casamento e estar abertos a outra gravidez vem ajudando. Temos conversado muito sobre o futuro, o que queremos e como queremos que seja.

Dou um tapinha em seu ombro e o aperto.

— Que bom. Vai dar tudo certo. E é saudável ficar triste e precisar de um tempo para processar as coisas. Eu tenho feito o mesmo com a Skyler. Nós conversamos, eu tento superar a culpa... — Admito que sinto dor na alma pelo que aconteceu com Wendy.

Mick volta seu olhar para mim.

— Por que você se sente culpado? Você não teve nada a ver com o que aconteceu. Você acha que... — Ele pisca várias vezes, me encarando. — Porra, cara, você está se responsabilizando?

Sinto uma onda de culpa e dor, e minha boca seca. Engulo em seco para combater a repentina sensação de vazio. Pego minha cerveja, bebendo mais do que deveria de uma só vez.

Mick franze a testa.

— Parker, nem eu nem a Wendy culpamos você ou qualquer outra pessoa da equipe pelo que aconteceu. Aquela mulher era doente. Ela vai pagar pelos crimes que cometeu. O meu advogado está cuidando disso. A justiça está sendo feita. A Wendy está curada, e está aqui... — Ele se inclina para mais perto. — Eu não vejo a minha namorada tão feliz desde a sua última visita. Ela se ilumina perto da equipe da IG. Se eu gosto que três homens exerçam tanta influência no coração dela? Não, porque sou ciumento pra caralho. Se eu confio nela? Com a minha vida. Se eu confio em você? Sim. No Royce?

Absolutamente. O Bo curte forçar a barra. Não gosto da personalidade dele e vou continuar na defensiva. Mas eu sei que, para ter o amor da Wendy, preciso permitir que ela ame os outros também.

Abro um sorriso enorme, passo o braço em volta dos ombros dele e lhe dou um meio abraço viril.

— Nós amamos a sua mulher e preferiríamos morrer a vê-la se machucar de novo. Se eu pudesse decidir, teria levado aquela bala.

Mick aperta os lábios e pousa a mão no meu ombro.

— Eu sei, e agradeço por isso. Por favor, esqueça a culpa. Vamos focar no que há de bom a nossa frente. — Ele aperta meu pescoço. — Mas não se atreva a dar a ela uma chance de fugir do nosso casamento. Eu vou atrás dela. Não tem nada que me impeça de fazê-la minha em todos os sentidos possíveis. Entendeu?

Rio muito, até ele apertar meu pescoço com mais força.

— Cara, entendi! Eu só estava brincando. Além disso, ela não ia querer fugir.

Mick me solta, ajeita o paletó e alisa a gravata.

— Seja como for, prefiro não arriscar. Ela é muito importante para mim.

Bebo minha cerveja e viro para ele.

— Obrigado — digo aleatoriamente. Mas a gratidão é real e sincera. Devo muito a Mick. Mais do que ele imagina.

Ele estreita o olhar.

— Por quê?

— Por vir até aqui nos salvar. Por fazer o que você não queria para ajudar um amigo.

Mick anui, respira fundo e observa a porta pela qual Wendy entrou. Seus olhos brilham de repente, e ele sorri quando a vê aparecer ao lado de Dennis caminhando em nossa direção.

— Mantenha a minha garota feliz quando ela estiver trabalhando e estaremos quites. Ah, mas você ainda tem que cuidar da minha despedida de solteiro.

Sorrio.

— Sem problemas. Já convoquei a ajuda do Bo, do Royce e do Paul.

Mick cruza os braços.

— Ótimo. Posso até imaginar o que os três patetas vão aprontar.

— Ei. — Dou outro tapinha em suas costas. — Deixa com a gente.

Wendy caminha em nossa direção, rebolando e sorrindo, então aponta para Royce e Bo na pista de dança.

— Estão vendo isso? Bo e Royce competindo. — Ela procura em sua bolsa até pescar o telefone. — Isso vai ser épico. Preciso filmar. É material de chantagem para mais tarde!

Sigo o olhar dela e encontro Royce dançando com a bela maquiadora. Ela está passando as mãos pelo corpo dele, para cima e para baixo. Mas Bo não perde tempo. Está atrás dela, com as mãos em seus quadris, e ela, no meio do sanduíche, sorrindo feito um gato que acabou de ganhar uma tigela de leite.

— Merda, perdi vinte dólares para o Roy.

10

Do outro lado da sala de reuniões, que parece um auditório, a tela se ilumina. Surge a imagem de um homem jogando o filho para cima. Sua linda esposa se aproxima, usando uma farda com a bandeira alemã no braço. Enquanto caminham, o uniforme se transforma em um vestido esvoaçante. Ele abre a porta do 4 Watt sedã e os dois colocam o bebê no carro. A imagem muda para um homem — meu irmão — vestindo uma farda camuflada, sujo de terra e grama. Enquanto caminha em direção ao 2.5 Amp, vai limpando a grama e a terra, como se estivesse trocando de pele. A roupa se transforma em calça jeans e camiseta com a bandeira americana estampada na frente. Antes de entrar na caminhonete, ele se inclina e pega um filhote de pastor-alemão, que lambe seu rosto agora limpo. Ele abre um sorriso largo para a câmera, coloca o cachorro no banco da frente e senta atrás do volante. A seguir, vemos um francês de farda correndo pela rua. O uniforme se transforma em calça preta, jaqueta de couro e um cachecol em volta do pescoço enquanto ele atravessa as ruas de Paris pilotando a 1 Volt, com o Sena e a Torre Eiffel refletidos nos retrovisores.

Outras imagens mostram os demais carros atravessando montanhas, passando por uma praia, através da neve e do campo, enquanto palavras na tela falam da natureza ecologicamente correta dos veículos, antes de aparecermos nós três na frente do espelho. Eles nos fizeram balançar a bunda enrolada na toalha. Bo está cantando e segurando a lata de creme de barbear, eu estou sorrindo e Royce ri. Então a música aumenta e entra a voz do locutor:

— *A OhM Motors conduz você por todas as fases com uma série de veículos que não depreciam a vida, mas a enriquecem. A OhM Motors é...*

Nisso, aparecemos nós três escrevendo as palavras “BRAVURA QUE NOS MOVE” no espelho, enquanto o locutor repete esse mesmo slogan.

A última imagem foca todos os veículos alinhados, de cores diferentes, e a frase: “Para todas as fases da vida, OhM Motors. Bravura que nos move”.

Quando a tela fica preta, os cerca de cinquenta funcionários ali sentados começam a bater palmas descontroladamente. As luzes se acendem, e Mick e eu, ao lado de Monika, vamos para a frente da sala.

Monika fala em alemão para o grupo e depois passa o microfone para mim.

— Obrigado a todos por assistirem. Esperamos que o seu entusiasmo se espalhe pelo mundo. Nós realmente acreditamos que a campanha “Bravura que nos move” vai levar a OhM Motors e a nova linha de veículos direto para o futuro. Nós apresentamos uma amostra de cada força militar, para que vocês possam ter uma ideia do visual de cada comercial. Cada um vai mostrar soldados e uniformes do seu próprio país. A Monika vai apresentar o comercial alemão e os demais planos de marketing ao conselho duas semanas antes do lançamento. A International Guy está feliz por ter feito parte de um lançamento tão inovador. Agora vou passar o microfone ao CEO da MP Propaganda, que vai fornecer mais detalhes sobre a campanha.

A multidão aplaude enquanto entrego o microfone a Michael.

— *Danke* a todos. Estamos muito entusiasmados com a forma, o conceito e o tema dos comerciais, tudo contribuição da International Guy. Obrigado, senhores.

Eu me inclino com as mãos juntas diante do peito.

— A campanha vai ser lançada em quinze idiomas diferentes e vai atingir vinte países. Uma exposição de veículos vai lançar a linha para os aficionados e chamar a atenção da imprensa na semana do lançamento. O site está pronto para ir ao ar, também traduzido para quinze idiomas, disponível em todo o mundo. Nós conseguimos espaço na televisão. A Monika vai divulgar os veículos em programas de entrevistas noturnos e matutinos e tudo o mais. Nós vamos fornecer uma lista dos programas. Jornais do mundo todo vão anunciar os lançamentos nas seções correspondentes. Vai ser uma campanha muito cara, mas com certeza bem-sucedida. Obrigado a todos por suas contribuições nesta última semana. Foi uma grande conquista, e nada disso teria sido possível sem

o talento e o esforço de cada um. Agora é a hora de vocês adotarem a “bravura que nos move”. Desejamos boa sorte à companhia.

Todos se levantam e batem palmas com entusiasmo. Mick entrega o microfone a Monika e troca com ela um aperto de mãos, a seguir gira e aperta a minha, prosseguindo pela fila com seus principais executivos. Depois Bo, Royce e outros funcionários.

Monika se aproxima por trás e lhe dá um tapinha nas costas. Olho ao redor e vejo Wendy do outro lado da sala, conversando com um rapaz da equipe de Mick.

— Michael, hum... posso falar com você em particular? — Monika pede, endireitando a coluna e erguendo o queixo, como se estivesse pronta para a batalha.

O sorriso dele desaparece.

— Não, não pode. O meu trabalho aqui acabou...

— Michael, você não pode ir embora sem termos uma conversa sobre o passado. Houve muito amor entre nós, e eu sei que, se tivesse a chance, poderia te fazer feliz de novo... — Seu tom é suplicante. Estou em dúvida: não sei se assobio alto para chamar a atenção de Wendy ou se acabo eu mesmo com isso.

Mas não preciso fazer nada, porque, quando ela tenta tocá-lo, ele recua e vem em minha direção. Eu o detenho, mas me coloco ao seu lado, solidário.

— Monika, se Deus quiser, esta é a última vez que você vai me ver. Eu vim até aqui pelo Parker, chefe e melhor amigo da Wendy. Não estou aqui por sua causa. Nem penso mais em você.

— Mas nós temos tanta história...

Ele aperta os dentes.

— Só isso, uma história que acabou. Eu agradeceria se você parasse de envergonhar a si mesma e de me constranger se agarrando a algo que está morto há muito tempo.

— Você me amou um dia...

— Eu não sabia o que era amor naquela época, porra! — ele diz, grunhindo. — Agora eu sei, graças à deusa que usa o meu anel e a minha coleira. Eu me curvo diante dela todas as noites, assim como ela se ajoelha aos meus pés. Submissa, aberta, amorosa. Ela me dá tudo que eu poderia querer ou necessitar e espera a minha retribuição. E eu retribuo, com toda a minha

maldita alma. Eu e você nunca tivemos isso. Você nunca se entregou totalmente a mim, nunca confiou em mim para te dar o mundo.

— Michael, eu ainda amo você...

Ele se apruma e diz, sarcástico:

— Você não sabe o que é amor e confiança. Já chega. Acabou. Me esqueça.

— Não sei como. — Ela tenta segurá-lo pelas lapelas. Eu me coloco na frente dela e delicadamente a faço recuar.

— Vamos parar por aqui. A partir de agora, cada um segue o seu caminho. A campanha está pronta. Era o que você queria.

— Volte para o seu marido, Monika — Mick aconselha. — Faça o que é certo. Se comprometa totalmente com alguém que te ame, porque essa pessoa não sou eu e nunca vai ser.

Nesse momento Wendy chega saltitante, sorrindo, corada de entusiasmo.

— Foi incrível! — ela exclama e joga os braços ao redor do namorado, sem saber o que acabou de acontecer.

Ele a abraça, levanta-a do chão, fecha os olhos e enterra a cabeça no pescoço dela, beijando várias vezes a coleira e sua pele.

— Pronta para ir para casa, meu amor? Você tem compromisso com a Skyler e as mães e irmãs dos rapazes. Um dia inteiro no spa.

Ela sorri e anui.

— Claro que sim. E eu tenho champanhe!

Ele franze a testa, coloca-a de volta no chão e pouisa a mão sobre seu abdome.

— E se você já estiver grávida?

— Só vou saber daqui a duas semanas. Só porque estamos tentando não significa que já aconteceu. Você prometeu que eu poderia beber até aparecerem dois risquinhos no palito do teste, Mick!

Ele ri, encarando-a. Olho discretamente para Monika, cujo lábio está tremendo e os olhos estão marejados. Então, surge uma expressão em seu rosto, que eu reconheço como reconheceria a palma da minha mão: derrota. Ela funga, se endireita e vira para mim com uma máscara de profissionalismo no rosto.

— Parker, eu quero lhe agradecer por ter vindo e trazido a MP Propaganda, e por vocês terem criado uma campanha memorável. Vou ter o maior orgulho

de apresentá-la aos nossos parceiros e ao mundo nas próximas semanas. — E me estende a mão, que eu seguro.

— Fico feliz por tudo ter dado certo... — Volto a cabeça para olhar para Wendy e Mick, que ainda conversam baixinho, completamente absortos um no outro. — ... para todos os envolvidos. Acho que, com o tempo, você também vai entender isso.

Ela lambe os lábios e engole em seco.

— Talvez. Por enquanto, vou lamentar a perda do que poderia ter sido e aprender com isso.

Sorrio e aperto a mão dela.

— É tudo que qualquer um de nós pode fazer. Se cuide. Se precisar de assistência com o lançamento, me avise. Nós vamos estar à disposição por telefone, e-mail e videoconferência, se necessário.

— Faça uma boa viagem de volta para casa, sr. Ellis.



O Lucky's está lotado conforme nós três passamos pela porta. Ao redor de uma grande mesa no centro está minha família: Paul, Dennis, minha mãe, meu pai, Rachel, Nate e, correndo a toda a velocidade, a mulher dos meus sonhos, Skyler. Ela se joga em meu colo e eu a pego pela bunda e as costas. Ela enrosca as pernas na minha cintura e pousa os lábios nos meus. Me beija com força uma vez, duas, depois recua a cabeça com as bochechas coradas, o cabelo como um halo selvagem de ondas douradas e os lábios vermelhos brilhando.

— Que saudade! Tenho um monte de coisas para te contar! — Antes que eu possa responder, ela enche meu rosto de beijos.

Morro de rir, e ela solta as pernas e desliza pelo meu corpo até o chão.

— Oi, meu pêssego.

Eu a beijo com muito mais suavidade que ela, e seu perfume de pêssego com chantili me envolve como um cobertor felpudo. Enfio o nariz na base de seu pescoço e deixo a paz preencher meu corpo e minha mente cansados.

Ela me abraça durante um minuto. Fico parado ali, mais uma vez, com os pés firmemente plantados no chão, enquanto me conecto com ela. A

eletricidade corre pelos meus membros. Eu me recarrego em sua presença. Deus, o que essa mulher provoca em mim é diferente de tudo que eu jamais poderia ter sonhado para um relacionamento.

Passo a mão pelo seu cabelo sedoso e acaricio sua face e seu lábio inferior com o polegar.

— Posso falar oi para os meus pais, ou você precisa me contar tudo agora?

— pergunto e aguardo sua resposta, sorrindo.

Ela balança a cabeça, onde uma mão minha está levemente apoiada, enquanto a outra descansa em seu quadril. Inclina-a de um lado e do outro, mordendo o lábio inferior.

— Acho que pode, já que o assunto envolve os dois também. Mas vai logo.

Passo o braço ao redor dos ombros dela e nós caminhamos para a mesa. Puxo a cadeira para ela se sentar antes de ir até meu pai e abraçá-lo. Ele bate forte nas minhas costas, várias vezes.

— Quem bom ter você em casa, filho.

— É bom estar de volta.

Abraço minha mãe, que me aperta com força.

— Meus dois filhos no mesmo lugar ao mesmo tempo. Estou no paraíso.

Dou um beijo em seu rosto e deixo que me abrace por um tempo, até que ela me solta e ordena ao meu pai:

— Randy, pegue bebidas para os meninos. Eles parecem estar morrendo de sede.

— Mulher, eu conheço esses garotos como o meu próprio reflexo. Fique fria — ele protesta, mas se dirige ao bar. Quando se aproxima, vira para ela: — Você poderia ajudar...

Ela faz uma careta, e posso ver que sua insolência está prestes a vir à tona.

— Ajudar? Eu dei a vida a esses dois. Já fiz a minha parte! — ela retruca, mas vai para o lado dele.

Eu rio, aperto a mão de Paul e aceno para Dennis, que está sentado ao lado dele observando nossa família maluca.

— Foi tudo bem na apresentação? — pergunto, indicando nossos pais com a cabeça.

Paul abre um sorriso largo e coloca o braço em volta de Dennis.

— Tudo tranquilo, mano. Supertranquilo. Tudo é sempre bom na casa dos Ellis. A mamãe está feliz por eu estar são e salvo em casa. E achou o Dennis “superfofo”... Palavras dela. Acho que os dois ficaram um pouco chocados, mas estão aceitando bem. Estou grato por isso.

Sorrio e bato meu punho no dele.

— Que bom. Vai ficar ainda mais tranquilo com o passar do tempo.

Paul assente, levanta seu copo e bebe um gole de cerveja.

— Certeza — ele abraça Dennis com mais força —, porque eu sei que nada vai mudar tão cedo. — O namorado sorri diante do comentário.

Nate pigarreia atrás de mim. Eu me volto e aperto sua mão. Ele me dá um abraço de lado, depois eu me inclino e dou um beijo no rosto de Rachel.

— Que bom ver vocês. Senti falta das minhas sombras lá.

Rachel sorri e me dá um soco no braço.

— Ai! Você anda levantando mais peso? — brinco.

— Como se fosse novidade... — ela diz, impassível.

— Tem razão. — Passo por ela para me sentar ao lado da minha namorada.

— E aí, baby, quais são as novidades? — Entrelaço meus dedos nos dela, feliz só de estar perto e tocá-la depois de dez dias longe.

— Bom, antes de mais nada, vamos fazer algumas tomadas do novo filme aqui em Boston. Não é incrível?

— Demais! Isso significa que você vai ficar menos tempo longe. Gostei. — Baixo a cabeça e beijo seu pescoço. Quero impregnar seu perfume em mim. Faz tempo demais que não o sinto. Pelo menos, parece muito tempo. Suspiro e beijo sua pele. Ela passa as unhas pelo meu couro cabeludo e eu fecho os olhos, gemendo pelo prazer que seu toque provoca.

— Meu bem, você está cansado...

— Sim. Não dormi muito no avião. Tentei trabalhar um pouco. O Royce acha que nós precisamos de um advogado, então tentei localizar um na região, pesquisar, mas não encontrei nada. O Mick disse que tem um para recomendar e descobriu que o cara está voltando para Boston. Com o volume de trabalho que já temos e a próxima cliente, com quem vamos nos reunir na semana que vem, vamos precisar de um advogado em tempo integral.

Ela franze a testa.

— Qual é o próximo caso?

— É em Washington. Uma indústria farmacêutica. Tem algo a ver com mudança de legislação para um projeto de lei específico. Antes de assinarmos, precisamos de um advogado não só para nos proteger, mas também para fazer lobby para a cliente no Senado.

— Parece complicado.

— E é.

Ela pousa a mão no meu rosto e me beija.

— Bom, por enquanto nós vamos encher você de comida, bebida e família — diz e a seguir baixa a voz: — E depois eu vou querer me encher de você.

— Eu já disse ultimamente que te amo?

— Não nas últimas vinte e quatro horas.

— Eu te amo, baby.

Ela abre um sorriso enorme.

— Eu também te amo.

— Ah, eu te amo. Não, eu te amo mais. *Smack, smack* — Bo imita, dando beijinhos no ar. — Vocês dois me dão vontade de vomitar.

— Está com inveja porque não tem uma mulher te esperando em casa.

— Ah, eu tenho... Duas, na verdade, prontinhas, me esperando no apartamento delas. Gêmeas.

Ficamos todos de queixo caído. Royce e eu jogamos nossos guardanapos nele.

— Afff. Guarde as suas histórias pervertidas para você, mano.

Bo levanta as mãos.

— Que foi? O que eu disse de errado? — Sorri como um maníaco.

Ele sabe exatamente o que disse e obteve a reação que queria. É o palhaço do grupo.

Meus pais voltam com bandejas de bebidas, principalmente cerveja e uísque. Nate e Rachel aceitam a água que eles põem à sua frente. Para Skyler, uma taça de vinho branco.

— Bogart, meu filho, você nunca deve se arriscar a namorar irmãs. Só dá problema — meu pai alerta.

Minha mãe anui e coloca as mãos na cintura.

— Além disso, você nunca vai encontrar a pessoa certa se ficar sempre galinhando.

— Quem disse que estou tentando encontrar a pessoa certa? — ele retruca e sorri timidamente.

Paul passa o braço em volta de Dennis, que se aconchega em seu corpo maciço.

Minha mãe bufa com o comentário.

— Bogart, todo homem precisa de alguém especial... — Ela olha para Paul e Dennis. — Uma companhia de vida. Ninguém deve ficar sozinho. Os seres humanos não foram feitos para viver sozinhos. A minha maior esperança é que você encontre a pessoa certa.

Royce e eu nos recostamos e deixamos minha mãe espalhar sua sabedoria.

Bo lhe dá corda.

— Como eu vou saber quando for a pessoa certa?

Ah, esse é um terreno perigoso. Se alguém permitir que Cathy Ellis entre em seu território amoroso, ela vai invadir pra valer. Vai ocupar toda a costa Leste.

— Bom, a mulher certa para você vai deixar o seu coração em chamas. Você não vai conseguir parar de pensar nela. Vai sonhar com ela, imaginar um futuro com ela, pensar em filhos.

— E se eu não quiser ter filhos? — ele pergunta, totalmente sério.

— Caralho... — resmungo e me encosto em Sky.

— Porra, irmão, agora você fodeu tudo.

Minha mãe fica eriçada. A ideia de que um de seus filhos, mesmo de coração, não queira ser pai é incompreensível para ela. Seu coração maternal não consegue lidar com um golpe desses. Ela leva a mão ao peito.

— Jesus, Bogart. Morda a língua, senão o bom Deus vai deixar você estéril. Ele sorri.

— Isso ajudaria a melhorar as coisas... sem risco de gravidez...

Minha mãe junta as mãos e sussurra para o teto. Consigo ouvir algumas partes.

— Ele não sabe o que diz, Senhor — ela murmura.

Caio na risada, sem conseguir me controlar. O jet lag está dominando minha mente, enquanto a cerveja quase inteira que eu virei em dois segundos rola agradavelmente nas minhas entranhas.

Skyler cobre minha boca com a mão.

— Ele está muito cansado — diz, me justificando, enquanto eu rio através de seus dedos.

— Só estou dizendo, sra. Ellis, que eu acho que não quero filhos, e as chances de eu sossegar são quase nulas. Se apaixonar é inútil. Nunca aconteceu comigo e nunca vai acontecer. — Ele bebe um longo gole de cerveja e reclina a cadeira para trás, oscilando nas pernas traseiras dela. — Eu sou feliz assim. As mulheres com quem eu saio sabem qual é o esquema. Todo mundo sai ganhando.

Minha mãe sacode a cabeça.

— Guarde minhas palavras, Bogart Montgomery, filho meu por escolha: qualquer dia, uma mulher vai arrebatá-lo o seu coração, e você nem vai saber o que foi que te atropelou.

Ele sorri e desce a cadeira.

— Se esse dia chegar, você vai ser a primeira pessoa a quem eu vou vir pedir conselhos.

Isso parece acalmar minha mãe por enquanto.

— E eu vou estar aqui, pronta para pôr um pouco de juízo nessa sua cabeça. Muito bem, quem está pronto para comer massa? O cozinheiro fez rigatoni à bolonhesa com pão de alho e parmesão e uma salada bem saudável.

Sacudo a cabeça enquanto minha boca se enche d'água e meu estômago ronca.

— Na mesma frase, minha mãe consegue pôr um homem no seu lugar e encher a barriga dele. Eu amo a minha família! — digo, erguendo o que resta da minha cerveja.

Todos ao redor fazem o mesmo.

— A esta família incrível.

Todo mundo brinda. Eu me recosto na cadeira com minha garota nos braços, a barriga cheia de cerveja e as pessoas de quem gosto ao redor. A vida não poderia ser melhor.

Neste momento, meu telefone toca. Quando vou pegá-lo no bolso, percebo que foi o de Skyler.

Ela ri e pega seu celular.

O fundo de tela é uma foto nossa em Londres, sentados no banco da antiga igreja. Ela está incrível, com o sol que passa por entre as árvores iluminando

seu lindo rosto. Já eu pareço um sujeito que tem o mundo inteiro nos braços. Talvez porque tenha mesmo.

Uma sensação de orgulho estufa meu peito. Assimilo os aromas e os sons do bar do meu pai, que me fazem relaxar como se estivesse em uma piscina funda. Estar nesta mesa com a família ao meu redor, rindo, bebendo, com a mulher que eu amo preenchendo minha alma com sua simples presença, o trabalho feito, a cliente feliz... Não há muito mais que eu poderia pedir.

— É uma mensagem — ela murmura e clica no botão para abri-la.

Olho para o outro lado para lhe dar privacidade, até que sinto seu corpo tenso contra o meu.

Encaro minha garota, que empalideceu de repente.

— Que foi?

SKYLER

Sinto o medo rasgar minhas terminações nervosas e aquecer meu sangue enquanto olho para a estranha mensagem.

— Park... — digo seu nome em um suspiro, e minhas mãos começam a tremer. — É da... da p-pessoa. Só pode ser — gaguejo e ergo o telefone para que ele veja a mensagem com remetente desconhecido.

Que bom que está em casa. Não vejo a hora de te encontrar. Logo.

Parker retesa o maxilar. Noto um músculo palpar em seu rosto quando ele vê que é de um número desconhecido. Ele pega o aparelho e lê a mensagem. O medo que senti há pouco se transforma em um momento de leve pânico. Meu coração começa a bater forte e faz minha cabeça latejar, enquanto a ansiedade desliza pela minha coluna como uma cobra fria e úmida. Olho em volta, de mesa em mesa, esquadrinhando rostos, linguagem corporal, para ver se alguém está ao telefone. Tentando ver se consigo descobrir quem pode ser.

A pessoa pode estar me observando agora?

Está aqui? Ouvindo, sabendo tudo que há para saber sobre mim?

Sinto um tremor percorrer meu corpo. O braço de Parker aperta meus ombros.

Sólido, forte, impenetrável.

Ele se inclina contra mim e pouisa os lábios na minha testa.

— Não vai acontecer nada com você, juro pela minha vida, Skyler. Não sei como conseguiram este número, mas nós vamos descobrir. A Rachel e o Nate estão aqui. Os rapazes estão todos aqui. Meus pais também. — Ele vira minha cabeça para eu olhar para todos esses rostos familiares. — Meu irmão é capaz de neutralizar uma possível ameaça em menos de meio segundo. Ele é treinado para isso. Tenho certeza que ele já avaliou cada ser humano neste bar. Está no sangue dele, no DNA. Se tivesse alguma ameaça aqui, de qualquer tipo ou forma, ele já teria dado um jeito. Tudo bem?

Fico em silêncio, e ele prossegue:

— Nós estamos em um lugar público. Você está segura. Está me ouvindo?

Anuo, mas ele tem mais a dizer:

— Eu nunca deixaria alguma coisa acontecer com você. Quem quer que seja, nós vamos descobrir. Eu prometo, baby. Agora vou te deixar aqui um instante e falar com o Nate. Tudo bem?

Ergo os olhos e vejo Parker olhando para Nate e fazendo um movimento com o queixo. Meu guarda-costas sai de sua cadeira e vem se sentar ao nosso lado.

— Você está bem, Sky? — pergunta baixinho.

Sacudo a cabeça, porque não estou bem. De jeito nenhum. Estou apavorada. Muito. Parker lhe entrega o celular e Nate lê a mensagem. Noto quando seu rosto enrijece e fica inexpressivo. Tenho certeza de que ele está se esforçando para controlar a raiva. Quase como Parker.

— Eu já falei com a Wendy. Ela concordou em se encontrar comigo amanhã. Acho que devemos falar com ela juntos, Parker. — A voz de Nate é severa, sem rodeios.

Meu namorado anui.

— Eu quero ir também — digo. Mas encontro dois rostos contrariados: um que espero olhar pelo resto da vida, e outro do homem que contratei para me proteger.

— Skyler, acho que não é uma boa... — Parker tenta.

Antes que ele comece a dar uma longa justificativa, eu o interrompo:

— Não. Eu estou envolvida nisso, quero saber o que está acontecendo. Essa é a única maneira de eu me sentir segura. Ponto-final. Nate, desculpe dizer isso, mas não preciso te lembrar que você trabalha para mim, né?

Ele pigarreia e suaviza a expressão.

— Não é necessário. Vai ser como você quiser.

Parker rosna:

— Skyler... não precisa se preocupar com isso. Nós cuidamos de tudo.

Franzo a testa.

— É mesmo? Porque, do meu ponto de vista, acabamos de receber outra mensagem, em um número de telefone novo em folha, e não estamos mais perto agora de descobrir quem mandou do que estávamos quando você pegou meu outro celular, em Londres. Isso foi há o que, um mês ou mais?

Parker fecha os olhos e esfrega as têmporas com o polegar e o indicador.

— Tudo bem. Vamos falar sobre o que sabemos quando chegarmos em casa. Nós pedimos a ajuda da Wendy porque, quem quer que seja, está tendo acesso às suas informações pessoais. — Ele concentra a atenção em Nate. — A Tracey enviou as cartas e os e-mails dos fãs?

Meu segurança faz que sim com a cabeça.

— Eu já separei os que deixaram a Rach e a mim desconfortáveis para você analisar — Nate relata. — Quer dizer, para vocês dois analisarem.

— Obrigada. Por me incluir e por cuidar de tudo. Eu sou grata a você, Nate, você sabe disso. Você e a Rachel são uma parte importante da minha vida agora. São como a minha família. Nós precisamos descobrir isso juntos, como uma equipe.

Ele retesa o maxilar. Juro, parece que está mastigando pedras.

— Sua segurança é a nossa prioridade número um. É por isso que, agora que estou vendo esta mensagem, acho que precisamos compartilhar essa informação com a polícia.

Levanto a cabeça.

— A polícia?

Infelizmente, falo tão alto que a mesa inteira para de conversar e beber e olha para mim.

— O que tem a polícia, querida? — Cathy pergunta, com sua preocupação de mãe.

Putá merda. A última coisa que eu quero é envolver a família do Parker nisso, especialmente seus pais.

— Ah, nada. Eu só estava contando sobre a parte do filme que vai ser filmada aqui no Lucky's — minto, mudando de assunto.

Nate aperta os lábios e se reclina na cadeira, cruzando os braços. Sob a iluminação do bar, seus músculos incham, forçando as mangas da camiseta justa.

— Ah, sim! A nossa Skyler nos conseguiu um acordo com uma empresa cinematográfica de verdade! — Cathy revela ao grupo. — No mês que vem, uma equipe vai vir aqui para rodar o próximo filme dela.

Minha sogra sorri para mim, cheia de orgulho. Não posso expressar em palavras o tanto que esse olhar atua como um bálsamo para a minha aflição. Ela me faz lembrar muito a minha mãe. Não na aparência ou nas palavras, mas nas ações. Minha mãe seria a mãezona do grupo, trataria todos como uma galinha cuida dos pintinhos. E ela amaria Parker. Ele não é só bonito, humano e gentil, mas dá para ver seu amor por mim como um farol brotando no peito. Eu o sinto em cada olhar, em cada toque sutil de sua mão e em cada sorriso.

Cathy continua contando sua história, e eu tento tirar os olhos do meu namorado para prestar atenção.

— E a melhor parte: toda vez que o personagem aparecer no bar, a cena vai ser rodada no Lucky's, então nós vamos colher os frutos desse acordo pelos próximos anos! — ela grita e agita o pano de prato com alegria.

A mesa lotada bate palmas. Todos ovacionam, estridentes, menos os que fazem parte do grupo preocupado de três pessoas debruçadas sobre uma mensagem assustadora em um maldito celular.

Endireito os ombros.

— Chega de falar disso. Esta é uma noite de amizade, comida e família, as coisas mais importantes que existem. O nosso problema ainda vai estar aqui de manhã, quando pudermos discuti-lo longamente e elaborar um plano... juntos. Não só vocês dois — digo, apontando um dedo acusador para Parker e Nate.

Parker me puxa para si, me abraçando. Eu me aconchego, porque é morno e agradável ali. Mais que isso, me faz sentir segura. Como um lar.

Nate se levanta. Seu rosto está totalmente desprovido de emoção enquanto se afasta da mesa.

— Vou circular por aí — sussurra para mim e acena para Rach, indicando que fique de olho em mim sozinha. Ela acena para ele também.

Parker baixa a cabeça e beija minha testa. Então leva os lábios à minha orelha. Arrepios de prazer e tesão percorrem meu corpo, substituindo o medo e a incerteza de antes.

— Sabe, tem mais uma coisa que você esqueceu de acrescentar.

Franzo a testa.

— O quê?

— Sexo. Esta é uma noite de amizade, comida, família... e sexo. Você não vai dormir hoje sem umas belas boas-vindas.

Aperto os lábios. A seguir, inclino a cabeça para trás em seu ombro, para que ele possa aproximar os lábios dos meus.

— Talvez eu não estivesse pensando em fazer sexo esta noite. — Ele ergue as sobrancelhas. — Talvez eu estivesse pensando em fazer amor com você.

Ele esfrega o nariz no meu.

— Tudo bem, eu vou fazer amor com você... depois de treparmos como selvagens. O que você acha dos meus planos para esta noite?

Penso nele me comendo enquanto me seguro na cabeceira, na diagonal em minha cama king-size, no chão, debruçada sobre o sofá — as possibilidades são infinitas. Deixo escapar um leve gemido e ele me beija, mergulhando a língua profunda e completamente. Bem diferente dos nossos beijos rápidos de quando ele chegou. Este beijo é profundo, molhado e abriga uma promessa do que está por vir. Quando recua, ele morde meu lábio inferior.

— Acho que isso significa que você concorda com os planos. — O sorriso de Parker transborda sexo.

— Eu vou estar nua esperando por você. — Então me levanto abruptamente, e todos os olhos se voltam para mim. — Estou muito cansada. Foi bom conhecer vocês, Paul e Dennis. Espero que venham jantar em casa em breve. Royce, Bo, a gente se vê amanhã. Cathy, Randy, obrigada por me receberem. Rachel?

Ela se levanta e se aproxima. Pega seu celular e diz algo baixinho. Provavelmente está pedindo a Nate que traga o carro.

Viro para Parker, que se levantou e está sem palavras diante da minha necessidade repentina de sair dali. Pego suas bochechas e o beijo com força na boca.

— Vá logo para casa, meu bem — digo com o máximo de lascívia possível.

— Ah, eu vou. Pode contar com isso — ele diz, com a voz densa de tesão.

Seus olhos normalmente claros agora assumiram um tom azul-escuro deslumbrante, cheios de desejo.

Dou uma piscadinha e digo:

— Não esqueça. Vou estar esperando.

**AS AVENTURAS DE PARKER E SEUS SÓCIOS
AO REDOR DO MUNDO CONTINUAM.**

INTERNATIONAL GUY

*Madri
Rio de Janeiro
Los Angeles*

Uma gravadora de Madri contrata a International Guy para transformar Juliet Jimenez, uma menina com voz de anjo, em uma pop star sexy e poderosa. O cliente quer os mesmos resultados que eles obtiveram no desfile de moda em Milão, de modo que Parker aciona o mestre do sexo... Bogart Montgomery. Com os planos para a filmagem da série Classe A evoluindo, Parker sugere que Skyler viaje com eles. Sua inclusão no trabalho se revela fundamental para um bom resultado. Enquanto isso, uma antiga cliente da agência faz uma visita surpresa.

No penúltimo volume da série, encontramos os amigos devastados pelos acontecimentos recentes. Amizades destruídas, membros da equipe em condições críticas, e a ameaça a Skyler e Parker nunca foi tão real. Mesmo assim, uma situação leva dois membros da agência ao Rio de Janeiro, onde o amor, a honra e a família ganham precedência. E, bem quando pensamos que já está tudo solucionado, descobrimos que alguns relacionamentos são mais deturpados do que poderíamos imaginar. Algumas verdades podem libertar... ou acabar com tudo de uma vez.

No último passo da jornada de Parker e Skyler, a agência aceita um trabalho que considera fácil em Los Angeles. Uma produtora influente e absurdamente sexy está criando uma versão mais moderna daqueles programas de namoro na TV. A equipe da IG é chamada para ajudar a escolher os melhores casais a fim de deixar o programa engraçado, sedutor e quente e torná-lo um campeão de audiência. O que eles não sabem é que tudo isso é um grande esquema para colocar Parker sob os holofotes, como alvo dos desejos mais loucos de uma linda mulher.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

International Guy: Berlim

Site da autora

<http://www.audreycarlan.com/>

Facebook da autora

<https://www.facebook.com/AudreyCarlan/>

Twitter da autora

<https://twitter.com/audreycarlan>

Instagram da autora

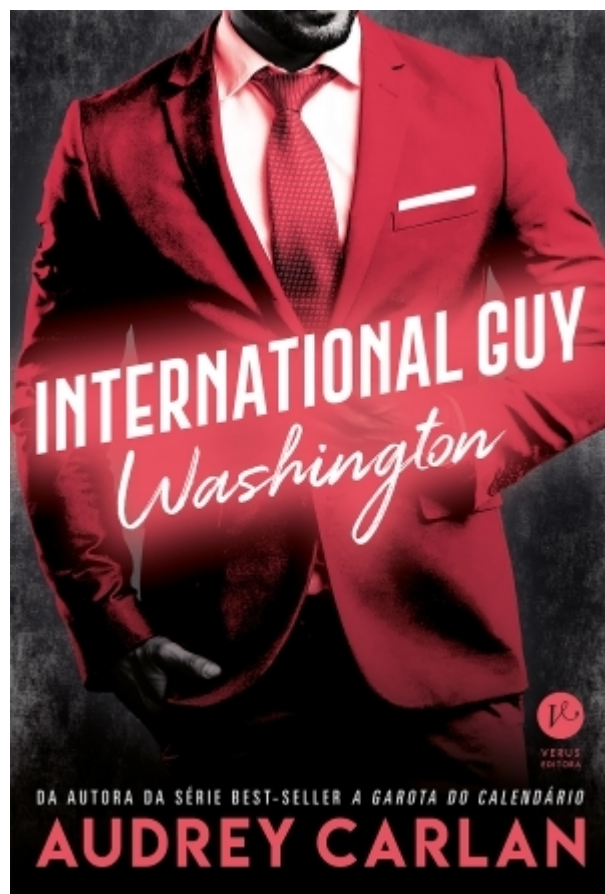
<https://www.instagram.com/audreycarlan/>

Goodreads da autora

http://www.goodreads.com/author/show/7831156.Audrey_Carlan

Skoob da autora

<https://www.skoob.com.br/autor/15764-audrey-carlan>



International Guy: Washington - vol. 9

Carlan, Audrey

9788576867579

144 páginas

[Compre agora e leia](#)

Da autora da série A Garota do Calendário, que vendeu mais de 670 mil exemplares no Brasil. International Guy é a agência de Parker Ellis, um dos maiores especialistas do mundo em vida e amor, que tem como missão ajudar as mulheres em questões tão diversas quanto se sentir sexy e poderosas, aprender a administrar um império empresarial ou conquistar o homem dos seus sonhos. Parker e seus dois sócios atendem mulheres ricas do mundo todo, como atrizes de Hollywood, membros da realeza e CEOs de multinacionais bilionárias. E, às vezes, eles não podem evitar que as coisas esquentem e vão parar na cama de suas clientes. Literalmente. Parker adora sua vida de playboy e não está procurando compromisso. Afinal, há um mundo inteiro à sua frente: os negócios o levam de Paris a Milão, de Berlim ao Rio de Janeiro. Mas, conforme ele pula de cidade em cidade — e de cama em cama —, é possível que acabe encontrando mais que sexo ao longo do caminho... Neste volume, a cliente é uma farmacêutica que levará os executivos a Washington e os fará se envolver com ética e política, em uma negociação em que o poder e o dinheiro falam mais alto.

[Compre agora e leia](#)



Fenômeno editorial nos Estados Unidos
Mais de 2,5 milhões de cópias vendidas

A *garota* DO CALENDÁRIO

Audrey Carlan

JANEIRO

A garota do calendário: Janeiro

Carlan, Audrey

9788576865247

144 páginas

[Compre agora e leia](#)

Fenômeno editorial nos Estados Unidos com mais de 3 milhões de cópias vendidas. Mia Saunders precisa de dinheiro. Muito dinheiro. Ela tem um ano para pagar o agiota que está ameaçando a vida de seu pai por causa de uma dívida de jogo. Ela precisa de um milhão de dólares. A missão de Mia é simples: trabalhar como acompanhante de luxo na empresa de sua tia e pagar mensalmente a dívida. Um mês em uma nova cidade com um homem rico, com quem ela não precisa transar se não quiser? Dinheiro fácil. Parte do plano é manter seu coração selado e os olhos na recompensa. Ao menos era assim que deveria ser... Em janeiro, Mia vai conhecer Wes, um roteirista de Malibu que vai deixá-la em êxtase. Com seus olhos verdes e físico de surfista, Wes promete a ela noites de sexo inesquecível — desde que ela não se apaixone por ele.

[Compre agora e leia](#)



Amor sob encomenda

Rissi, Carina

9788576867999

522 páginas

[Compre agora e leia](#)

Novo romance da autora do best-seller *Perdida*. Melissa Gouvêa está totalmente focada na profissão. Responsável pela situação financeira da família, incluindo o caro tratamento médico da mãe, a determinada assistente sonha em se tornar a produtora de eventos da Allure. Como se casar não faz parte de seus planos no momento, ela se assusta ao saber que o namorado foi visto comprando um anel de noivado. Mas Mel não devia ter se preocupado tanto, já que o anel não era para ela e, pior ainda, a Allure foi contratada para o cerimonial do canalha. Mesmo assim, Melissa aceita o maior desafio de todos: produzir o casamento do ex. A bagunça em sua vida aumenta quando ela se vê dividindo o apartamento com o cara mais irritante, cínico, atrevido — e muito lindo, infelizmente — que conhece. Melissa devia se concentrar em manter o que resta de seu coração a salvo e sobreviver ao casamento do ex. O problema é que o novo colega de apartamento confunde sua razão e seus batimentos cardíacos, despertando desejos avassaladores até então desconhecidos. Tarde demais, Mel se dá conta de que seu coração nunca correu tanto perigo... Amor sob encomenda vem cheio de humor, amor e emoção e apresenta uma história que nos fará refletir a respeito do que realmente é importante na vida.

[Compre agora e leia](#)



Audrey Carlan

0. *primeiro* DIA DOS **NAMORADOS**

um conto da série

A
garota DO
CALENDÁRIO

O primeiro Dia dos Namorados

Carlan, Audrey

9788576866428

26 páginas

[Compre agora e leia](#)

Seis semanas após o casamento de Mia e Wes, chegou o primeiro Dia dos Namorados que eles vão passar como marido e mulher. Qual será a surpresa especial que Wes preparou para sua amada? E o presente divertido que Mia comprou para ele? E o que vai acontecer quando eles estiverem a sós no hotel...? Descubra tudo neste conto especial da série A garota do calendário.

[Compre agora e leia](#)

Autora de *Um verão na Itália*

Carrie Elks

Um de amor de inverno

As Irmãs
Shakespeare
LIVRO 2



VERUS
EDITORA

Um amor de inverno - As irmãs Shakespeare - vol. 2

Elks, Carrie

9788576867647

280 páginas

[Compre agora e leia](#)

Pode estar nevando lá fora, mas, em uma cabana de madeira no meio da floresta, as coisas estão definitivamente quentes... A estudante de cinema Kitty Shakespeare está determinada a aproveitar ao máximo seu novo emprego como babá. Pode não ser exatamente a carreira que ela esperava quando mudou de Londres para Los Angeles, mas, graças ao hábito de travar em entrevistas, esta pode ser sua última chance de impressionar um dos maiores produtores de Hollywood — se ela conseguir cuidar do filho dele direito, certamente o homem vai olhar para ela com mais atenção. Pelo lado positivo, há muita neve na casa da família nas montanhas e ela sempre adorou crianças. Mas Kitty não contava se envolver com a família problemática do chefe, nem se sentir atraída por Adam, o irmão sexy e recluso. Adam Klein pode ser lindo, mas também é bruto e grosseiro e não está pronto para cair de quatro pela babá — não depois do ano que ele teve. Tudo o que ele quer é se enfiar em sua cabana na floresta e se esconder do irmão que destruiu sua vida. Se ao menos ele conseguisse ignorar a maneira como Kitty faz seu coração disparar... Isso está longe de ser amor à primeira vista — mas desde quando o caminho para um final feliz digno de cinema acontece sem tropeços? Um amor de inverno é mais um romance de aquecer o coração da série As Irmãs Shakespeare. Quatro irmãs, quatro histórias... quatro maneiras de encontrar o amor verdadeiro.

[Compre agora e leia](#)